



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E CULTURA

Fernanda Barboza de Carvalho Nery

CORPO EM RUÍDOS: O feminino em Woman at Point Zero

Salvador
2019

FERNANDA BARBOZA DE CARVALHO NERY

CORPO EM RUÍDOS: O Feminino em Woman at Point Zero

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Literatura e Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Suzane Lima Costa.

Salvador
2019

Barboza de Carvalho Nery, Fernanda
CORPO EM RUÍDOS: O feminino em Woman at Point Zero
/ Fernanda Barboza de Carvalho Nery. -- Salvador,
2019.
103 f.

Orientadora: Suzane Lima Costa.
Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em
Literatura e Cultura) -- Universidade Federal da
Bahia, UFBA, 2019.

1. Corpo. 2. Autoria Feminina. 3. Nawal El
Saadawi. I. Lima Costa, Suzane. II. Título.

FERNANDA BARBOZA DE CARVALHO NERY

CORPO EM RUÍDOS: O Feminino em Woman at Point Zero

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Literatura e Cultura.

Salvador, _____ de _____ de 2019.

Orientadora: Profa. Dra. Suzane Lima Costa.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Suzane Lima Costa (UFBA)
(Orientadora)

Profa. Dra. Nancy Rita Vieira (UFBA)
(Membro)

Profa. Dra. Jailma Pedreira (UNEB)
(Membro)

AGRADECIMENTOS

À FAPESB pelo apoio concedido por meio da bolsa de estudos. Ao PPGLitCult pela resistência. À Nawal El Saadawi por permitir que Firdaus tivesse vida. Aos amigos recifenses e soteropolitanos pelas mãos e ouvidos estendidos, em especial a Vic, por sempre ser o meu leitor preferido. Aos amigos da pós pelas experiências e inquietações compartilhadas, em especial à Thaisa, à Maytê e a Adilson. À minha mãe por me ensinar a ter fé na vida. À minha irmã pela coragem. À minha vó (em memória) por me ensinar diariamente sobre a dor materializada no tempo. À minha orientadora Suzane por cultivar em mim a compaixão em uma atmosfera marcada pelo fantasma do negativo. À sobrevivência do corpo feminino que não permitiu que o meu próprio corpo estilhaçado desabasse no chão. À literatura pela vida.

RESUMO

A presente dissertação expõe uma análise acerca da elaboração do corpo feminino na obra *Woman at Point Zero*, da escritora egípcia Nawal El Saadawi (2008). Com o objetivo de discutir as estratégias poéticas que constroem esta imagem, busco compreender como podem se constituir os diálogos capazes de indicar a supervivência feminina por meio de uma plasticidade artística, destacando sua marca de resistência, transgressão e ruptura. A fim de estruturar tal problematização, utilizo como método de pesquisa os ecos produzidos pela escritora no tocante às valorações e afetos do corpo, representado no livro, sobretudo, através da personagem Firdaus, cujo corpo é marcado pela circuncisão e pela violência concebidas pela patriarquia (esse projeto de poder que atua na sociedade como um sustentáculo do sistema neocolonial). No cerne das violações sofridas pela protorganista, a presente pesquisa trouxe para o âmago de suas análises, uma característica primordial aos estudos que acompanham as lutas feministas: o antagonismo à dor imposta ao seu corpo, que dimensiona Firdaus em um patamar reativo, sob a capa do renascimento diante do mundo androcêntrico. Dito isso, por entender o estudo do feminino como essencial para a compreensão da obra de Nawal El Sadaawi (2008) e devido à relevância que atribuo ao posicionamento do corpo enquanto substância poética e política, estruturo esse trabalho nos pressupostos da crítica feminista. Recorro a nomes como Angela Davis (2016, 2017), Djamila Ribeiro (2017), Sandra Gilbert e Susan Gubar (1979), dentre outras, e também aos demais pensadores dos afetos como Baruch Espinosa (2003, 2009) e Vladimir Safatle (2018).

Palavras-chaves: Corpo. Autoria feminina. Nawal El Saadawi.

RÉSUMÉ

Ce mémoire expose une analyse à propos de l'élaboration du corps féminin dans l'oeuvre *Woman at point zero* de l'écrivaine égyptienne Nawal El Saadawi (2008). On a pour objectif de discuter des stratégies poétiques qui construisent l'image du corps féminin chez Saadawi (2008). On cherche à comprendre comment il est possible de constituer des dialogues capables de nous indiquer la survie du féminin à travers d'une plasticité artistique, en mettant en lumière les marques de la résistance, de la transgression et de la rupture. En ayant pour but de structurer tel problématique, on utilise comme méthode de recherche les échos produits par l'écrivaine en ce qui concerne les valorisations et les affections du corps, représentés dans l'oeuvre, surtout, à travers du personnage Firdaus, dont le corps est marqué par la circoncision et par la violence conçues par le patriarcat (ce projet de pouvoir qui fonctionne dans la société en tant que pilier du système néo-colonial). Au cœur des violations subies par la protagoniste, cette recherche a amené au cœur de son analyse, une caractéristique primordiale aux études qui accompagnent les luttes féministes: l'antagonisme à la douleur imposée à son corps qui échelonne Firdaus dans un niveau réactif sous la couverture de la renaissance devant le monde androcentrique. Cela dit, pour comprendre l'étude du féminin comme essentiel pour la compréhension de l'oeuvre de Nawal El Saadawi (2008) et aussi à cause de l'importance qu'on attache au positionnement du corps comme substance poétique et politique, on structure ce travail dans les hypothèses théoriques de la critique féministe. On se base sur les noms d'Angela Davis (2016, 2017), Djamila Ribeiro (2017), Sandra Gilbert et Susan Gubar (1979), entre autres et aussi sur les penseurs des affections à l'instar de Baruch Espinosa (2003, 2009) et Vladimir Safatle (2018).

Mots-clés: Corps. Écriture féminine. Nawal El Saadawi.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 O FEMININO E O CORPO	13
1.1 NAWAL EL SAADAWI	13
1.2 FIRDAUS	26
2 QUANTO VALE UM CORPO?	38
2.1 NO LIMITE DA LUZ: SUBVALORIZAÇÃO DO CORPO FEMININO	38
2.2 A BANALIDADE DO ESTUPRO	52
3 ECOS DOS AFETOS NO CORPO DE DOR.....	60
3.1 A ESPERANÇA COMO CAMINHO.....	60
3.2 ALÉM DO MEDO E DA ESPERANÇA: O CORPO DESAMPARADO	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	84
REFERÊNCIAS	87
ANEXO A – ENTREVISTA DE NAWAL EL SAADAWI A HANS ULRICH OBRIST	91

INTRODUÇÃO

Para dar início a este trabalho, acredito que é necessário discorrer sobre como nasceu o meu interesse por Saadawi e pelo universo que compõe *Woman at Point Zero*. O mundo árabe desperta o meu interesse desde a minha ligação pessoal com os movimentos pró-palestina ao longo dos anos. Nesse percurso, percebi que embora estivesse envolvida com essa questão, não me debruçava de forma pertinente às leituras de suas literaturas. Então comecei a ler a literatura árabe-americana centrada no feminino, sobretudo, os poemas de Mohja Kahf e Suheir Hammad. Em 2017, conheci Nawal El Saadawi e decidi estudá-la, uma vez que a leitura de *Woman at Point Zero* havia me tocado profundamente.

No começo da pesquisa, pensei em abordar, predominantemente, a ótica da violência, visto que o livro traz a trajetória das violações sofridas pela protagonista Firdaus. Mas, com o passar do tempo, decidi centralizar os meus esforços no aspecto da negação à resignação das personagens femininas. E é sobre isso que fala o meu trabalho: sobre como o trânsito do corpo feminino proposto por Saadawi se inscreve de modo a produzir ruídos diante da sociedade estabelecida na narrativa.

Desse modo, a presente dissertação explora as estratégias poéticas utilizadas por Nawal El Saadawi (2008), para a elaboração da imagem do corpo de Firdaus, em *Woman at Point Zero*, assim como enseja analisar como as práticas discursivas projetadas pela autoria feminina contribuem para a construção dessa respectiva matéria.

Corpo em ruídos: o feminino em Woman at Point Zero, título desta dissertação, foi constituído para indicar a principal expressão da protagonista na narrativa: o antagonismo à dor imposta ao seu corpo. Tal iniciativa faz de Firdaus, a partir da perspectiva que utilizo neste trabalho, um ruído em relação aos demais corpos do livro.

Woman at Point Zero acompanha a história de Firdaus, desde sua infância até o dia em que a personagem é encaminhada para o cumprimento de sua sentença de morte. O livro é dividido em três capítulos. No primeiro e no último, a narração é feita por uma psiquiatra que visitava a prisão, uma espécie de alterego da própria Saadawi (2008). O primeiro capítulo diz respeito ao momento em que ela conhece Firdaus, a quem designa ser uma “mulher de verdade”. No segundo capítulo, emerge a narrativa

proposta pela protagonista, que conta, em primeira pessoa, os eventos de sua vida e como os caminhos trilhados a empurram para a situação em que se encontra quando conhece a psiquiatra: à beira da morte por ter assassinado um homem. No terceiro capítulo, então, há a despedida entre a psiquiatra e Firdaus, quando os soldados entram na cela e a levam para a sua execução.

Após esse breve resumo da obra, a fim de elucidar o percurso deste trabalho, apresento como foi instituída a sua estrutura: duas seções compostas pela Introdução e pelas Considerações Finais; e outras três divididas em duas subseções cada, onde discorro, de modo mais amplificado, sobre a temática da dissertação.

Na primeira seção, “O Feminino e o corpo”, explico, por meio de uma breve crítica biográfica na subseção “Nawal El Saadawi”, a importância da escritora egípcia para a autoria feminina, o seu papel no ativismo político dentro e fora da literatura, e os ecos produzidos pela relevância do feminino em suas obras. De modo abrangente, evidencio o caráter imprescindível do tópico da clitoridectomia para a compreensão de seu percurso literário, visto que funciona como um objeto marcante em seus livros. Politicamente, Saadawi (2007) posiciona-se enquanto uma ativista contrária a tal prática, afirmando, em *The Hidden Face of Eve: Women in the Arab World*, que com a publicação do livro *Women and Sex*, tornou-se a primeira mulher árabe a denunciar a mutilação genital.

Na segunda subseção, intitulada “Firdaus”, estruturo o pensamento a respeito do estudo do corpo e sua importância na elaboração da autoria feminina. Proponho que a expressão do corpo feminino estabelece uma estrutura poética e política em *Woman at Point Zero*, por meio da composição de uma personagem assentada em características de ruptura. Dado que, como será apresentado ao longo desta dissertação, Firdaus porta-se em uma posição transgressora dos padrões sociais predeterminados na obra.

Além dessas questões, apresento nessa subseção quem é a protagonista da obra de Saadawi (2008) e como foi construída a partir de três vias que se inter-relacionam, de forma perene, ao longo da narrativa (e desta dissertação): 1) o corpo como matéria circuncidada; 2) a subalternidade que o entorna e 3) a impossibilidade de escape do sistema patriarcal. Esses três eixos servirão de apoio para compreender como foram construídos os ruídos produzidos pela personagem no livro.

Na seção subsequente, “Quanto vale um corpo?”, proponho a análise de como a valorização do corpo feminino, em *Woman at Point Zero*, contribuiu na sua respectiva elaboração. Com o objetivo de responder ao questionamento apresentado no capítulo, estabeleço uma subdivisão, sendo a primeira, denominada de “No limite da luz: subvalorização do corpo feminino”. Nessa parte, identifico que as camadas de opressão dimensionam o corpo de Firdaus a um patamar de baixa valoração, constituindo-se na objetificação e na violação, mediadas pela carência financeira, pois a protagonista, ao longo da narrativa, é mantida em uma situação de vulnerabilidade econômica, dependendo dos personagens masculinos para sua sobrevivência. A subalternidade econômica, por parte das mulheres, funciona como um sustentáculo para a manutenção da dominação masculina e projeta, na obra, a instituição do casamento e da prostituição. Para embasar esse respectivo pensamento faço referência às teóricas que tensionam gênero e classe, tais quais: Angela Davis (2017), Silvia Camurça (2007), assim como as que utilizam conceitos de objetificação, como Sandra Lee Bartky (1990), dentre outras.

Na segunda subseção de “Quanto vale um corpo?”, nomeada “A banalidade do estupro”, discuto sobre a construção da violência do estupro, em *Woman at Point Zero*. Esse é o único subcapítulo, no presente trabalho, no qual abordo outros corpos femininos da narrativa, que estão em situações das violências sexuais. Trata-se do estupro marital (cometido pelo tio da protagonista) e do estupro direcionado a uma prostituta, que é a cafetina de Firdaus. Dentro desses contextos, devido ao fato das mulheres estarem, em alguma medida, assujeitadas aos homens, tentam escapar, porém não conseguem. Entretanto, indico a existência de um caráter reativo, nesses casos, representando como os corpos são elaborados no livro.

A reação consiste na evocação, por parte das personagens, de uma autoridade divina capaz de fazer cessar tais estupros. Ao ouvir esse clamor, os seus agressores agem de forma irônica ao interrogarem “Que Profeta?/Profeta o quê?”. Esta sugestão dos homens acontece devido às mulheres tentarem questionar a soberania masculina. Para ampliar a discussão a respeito do estupro, estabeleço diálogos com pensadoras como Angela Davis (2016), Kathleen Barry (1995), Susan Gubar e Sandra Gilbert (1979), dentre outras. E, também, incluo o resgate de textos que remontam milênios, como é o caso dos textos bíblicos e corânicos, para estabelecer paralelos entre a dominação masculina e a elaboração do corpo feminino, em *Woman at Point Zero*.

Na terceira seção, nomeada “Ecos dos afetos no corpo de dor”, analiso como é elaborada a imagem do feminino na obra, por meio dos ruídos produzidos pelos afetos no corpo de Firdaus. A partir da primeira subseção, “A esperança como caminho”, promovo a discussão acerca da presença dos afetos do medo e da esperança, e de como eles produzem, no corpo da protagonista, caminhos que a direcionam para uma escapatória, quando embebidos por esperança. Entretanto, tais percursos funcionam de modo que Firdaus retorne ao lugar em que estava antes de se mover: o medo. Para discutir os afetos do medo e da esperança, desloco os conceitos propostos por Espinosa (2003, 2009) e Safatle (2018).

No segundo subcapítulo, “Além do medo e da esperança: o corpo desamparado”, chego a um ponto que parece inevitável ao longo da leitura de *Woman at Point Zero*: o corpo desamparado (SAFATLE, 2018). Para estruturar a discussão do afeto do desamparo, delinheiro um paralelo de como as camadas de medo e de esperança são metamorfoseadas neste afeto, refletido no corpo de Firdaus, como forma de escapar das opressões vivenciadas pela personagem. Adiante, elaboro que a ausência do afeto da esperança e do medo, na personagem, foi construída junto à outra característica: a consciência crítica diante do patriarcado.

Com o afeto do desamparo, emerge na protagonista um senso de liberdade diante do sistema. Essa situação funciona como se Firdaus cessasse de caminhar em círculos, que se configuram em situações onde a dor é suportada, mesmo diante de casos extenuantes, como por exemplo, as agressões físicas e as violações. Da elaboração do corpo da personagem de Saadawi (2008), manifesta-se o rompimento com o sistema, mediado pelo afeto do desamparo, que é construído, em *Woman at Point Zero*, enquanto um alicerce para a liberdade da protagonista.

1 O FEMININO E O CORPO

1.1 NAWAL EL SAADAWI

Por entender que Nawal El Saadawi (2008) é uma escritora pouco conhecida no Brasil, seja em âmbito comercial ou acadêmico, faz-se necessário, primeiramente, traçar um preâmbulo acerca de seu percurso dentro e fora da literatura. Atrelado a isso, para proceder a uma abordagem do corpo feminino como elemento catalisador de seus trabalhos, apresentarei ao longo desse subcapítulo outros livros da autora, além de *Woman at Point Zero*.

Com a finalidade de construir uma breve crítica biográfica¹, utilizarei, sobretudo, obras de caráter autobiográfico que apresentarão a voz de Saadawi de forma pertinente no relato de sua história, para que seja possível analisar os contextos que perpassam o literário e seus contornos no cruzamento da construção da imagem do corpo feminino.

Nawal El Saadawi nasceu em 1931, em Kafr Tahla, povoado situado na província de Qalyubia, próximo ao Rio Nilo, no Egito. Formou-se em medicina pela Universidade do Cairo, em 1955. Até 1972, trabalhou no governo egípcio como diretora geral da educação para a saúde no Ministério da Saúde. Devido à republicação, em 1972, do seu primeiro livro, intitulado *Women and Sex*, que havia sido publicado pela primeira vez em 1969 e, na mesma época, censurado, Saadawi foi demitida do cargo. Nesta obra não-ficcional, a autora expõe como os problemas das mulheres, no Egito, estavam relacionados à manutenção das opressões que sofrem promovidas pela patriarquia.

Women and Sex trouxe em seu âmago uma característica por qual Saadawi (1972) ficou marcada ao longo de sua vida: a luta pelos direitos das mulheres. Dentro dessa questão, está a ênfase dada ao repúdio da circuncisão feminina, destacada no livro *The Hidden Face of Eve: Women in the Arab World*, no qual a autora afirma que com a publicação de *Women and Sex* tornou-se a primeira mulher árabe a denunciar tal prática. Segundo a Organização Mundial de Saúde (2008, p. 1), a mutilação genital feminina consiste em “todos os procedimentos que envolvam a remoção parcial ou

¹ Como forma de complementar o perfil da autora, anexei nesta dissertação uma entrevista de Saadawi dada ao crítico Hans Ulrich Obrist, na qual são abordados temas como literatura, revolução, criatividade e feminismo. (Ver Anexo A).

total dos órgãos genitais externos ou quaisquer danos infligidos aos órgãos genitais femininos por motivos não médicos”.

Como suas posições políticas, no que tange aos direitos femininos, constituem-se enquanto um ponto forte de suas obras, a escritora é frequentemente associada ao radicalismo feminista pela imprensa e por tratar em seus livros de temas que são considerados tabus, como os direitos femininos, a religião e a luta de classes, que serão debatidos ao longo dessa subseção. Todas essas questões integram e relacionam-se a uma mesma política, o neocolianismo, e, também, estão presentes em *Woman at Point Zero*.

Woman at Point Zero foi publicado pela primeira vez em árabe, em 1975 e em inglês, em 1983. Traduzido para várias línguas, somente em abril de 2019, a editora Faro Editorial traduziu a primeira edição da obra para o português, intitulada de *A Mulher Com Olhos De Fogo: O Despertar Feminista*².

Apesar da escassez de traduções para o português, pois possui apenas um outro título traduzido para este idioma, chamado *A face oculta de Eva: as mulheres do Mundo Árabe*, a carreira literária de Saadawi (2002) é extensa: a autora publicou mais de cinquenta livros em árabe, que foram traduzidos em torno de trinta idiomas. Não obstante, há uma carência de estudos literários sobre Nawal El Saadawi no Brasil, devido ao fato de que há poucas traduções, o que sugere a distinção dada às obras cuja autora é uma mulher, originária de um país africano, constituindo-se então na beira de uma dupla subalternidade. Dito isso, indago: o que acontece para Saadawi (2008) não ser uma referência presente nos estudos de gênero no âmbito da academia no Brasil³, nem ter suas obras divulgadas de forma ampla?

A fim de responder esse questionamento, faço referência a uma matéria recente, publicada pelo jornal *The Guardian*, na qual a jornalista Minna Salami (2015) aponta *Woman at Point Zero* como um “clássico exemplo de livro deixado de fora do cânone literário feminista por ter sido escrito por uma mulher não-branca e não-

² Quando a tradução do livro foi publicada, o escopo desta dissertação já estava pronto. Sendo assim, por questões de percurso, decidi manter a minha própria tradução.

³ Faz-se necessário destacar que as obras de Saadawi são estudadas no exterior. Cito, como exemplo, a tese *Standing Against Patriarchal Culture in El Saadawi's Woman at Point Zero* de Dewi Ariviani (2011), defendida na Universidade de Surakarta, na Indonésia. Nesta tese, a autora discorre sobre as revoltas contra a cultura patriarcal, partindo da perspectiva do Feminismo Radical, assim como analisa as respostas do leitores diante do trabalho literário, baseando-se na Estética da Recepção, e como os protestos produzidos por Saadawi contra a desigualdade no Egito contribuíram para a mudança social.

ocidental; e deixado de fora da literatura pós-colonial por não ter sido escrito por um homem” (SALAMI, 2015, tradução minha)⁴. A esse respeito, Djamila Ribeiro (2017, p. 27-28) afirma em *O que é: lugar de fala?* que é necessário “transcender a autorização discursiva branca, masculina, cis e heteronormativa e debater como as identidades foram construídas nesses contextos”, para que se possa pensar outros saberes através da subversão da lógica hegemônica dos grupos que são legitimados no interior e nos contornos da academia. Intencionando essa respectiva subversão, destaco a importância de considerar novos objetos de estudo, como *Woman at Point Zero*, e igualmente novas formas de pensar os saberes.

Sendo assim, tendo *Woman at Point Zero* como um objeto necessário no âmbito dos estudos de literatura no Brasil, por se configurar um livro capaz de sobrepujar a autoridade discursiva do cânone, também evidencio a relevância da utilização da crítica literária feminista e seus desdobramentos nos estudos literários, como apoio necessário para o desenvolvimento de um pensamento direcionado às diluições de perspectivas androcêntricas na constituição do corpo feminino.

Woman at Point Zero acompanha a história de Firdaus, uma prisioneira que está aguardando a sua sentença de morte ser cumprida. O livro é dividido em três capítulos⁵: no primeiro e no terceiro, a narração é feita pela médica, que relata como foi o encontro com Firdaus (no primeiro capítulo) e como se deu a despedida (no último capítulo). No segundo, a história é apresentada em primeira pessoa por Firdaus, que reconta a trajetória de sua vida até o momento em que será executada, lembrando acontecimentos desde sua infância, passando pela vida adulta. Além dos capítulos, o livro também é composto por um *Prefácio* assinado por Miriam Cooke⁶ e por um *Prefácio da autora* escrito pela própria Nawal El Saadawi (2008).

Na parte do livro intitulada *Prefácio da autora*, Saadawi (2008) descreve sua curiosidade a respeito das prisões, sobretudo, as femininas, relatando que o encarceramento sempre foi um assunto corrente no seu cotidiano, pois na época era comum no Egito que intelectuais conhecidos fossem presos por motivações políticas. A autora conta, ainda, que o primeiro contato que teve com o cárcere foi no tempo em

⁴ “A classic example of a book being left out of the feminist literary canon because it is written by a non-white, non-western woman; and from the postcolonial literature canon because it is not written by a man” (SALAMI, 2015).

⁵ Os títulos dos capítulos são respectivamente 1, 2 e 3.

⁶ Miriam Cooke é professora de literatura na Duke University, tendo seus estudos focados na literatura árabe feita por mulheres.

que esteve trabalhando como psiquiatra em um deles. Este emprego proporcionou que conhecesse a mulher que inspirou Firdaus. Para a sua surpresa, ela voltaria àquele lugar, em 1981, não como psiquiatra, mas como prisioneira:

Mal sabia eu que um dia entraria pelos mesmos portões, não como uma psiquiatra, mas como uma prisioneira, detida com junto com 1.035 pessoas, por um decreto promulgado por Sadat em 5 de setembro de 1981. (SAADAWI, 2008, p. xi, tradução minha)⁷.

Saadawi (2008) foi presa no governo de Anwar Sadat⁸, assim como muitos outros opositores, em 1981. Seu encarceramento ocorreu depois de ter feito críticas públicas à política “one-party rule”⁹. No final do mesmo ano, dois meses após o assassinato do presidente¹⁰, Saadawi (2008) foi liberada.

Além de sua prisão, a autora teve uma pessoa próxima encarcerada. Trata-se de Sherif Hatata, médico, escritor, tradutor e ativista comunista. Hatata esteve casado com Saadawi (2008) por quarenta e três anos e antes disso foi preso em 1948, durante uma forte repressão anticomunista pelos monarquistas do governo egípcio, sendo um preso político por treze anos¹¹.

⁷ “Little did I know that one day I would step through the same gates, not as psychiatrist, but as a prisoner arrested with 1035 others under the decree issued by Sadat on 5 september 1981” (SAADAWI, 2008, p. xi).

⁸ Anwar Sadat foi um militar e político egípcio, tendo presidido o seu país de 1970 a 1981, quando fora assassinado.

⁹ Em 1953, sob o comando de Gamal Abdel Nasser, o Egito adotou a política de um partido único.

¹⁰ “No dia 6 de outubro de 1981, o presidente do Egito, Anwar Sadat, assistia a uma parada militar no Cairo, lembrando o início da Guerra do Yom Kippur, quando quatro homens saltaram de um carro blindado e dispararam suas armas automáticas, além de lançarem granadas contra o palanque oficial. Poucas horas depois, morria, num hospital do Cairo, o homem que três anos antes havia assinado dois acordos com Israel em Camp David [...] que indignara parte do mundo árabe. A aproximação entre Sadat e Israel era vista com desconfiança por muitos egípcios, que o acusavam de traição à causa palestina. Um mês antes do atentado, o presidente ordenara a prisão de 1.300 opositores” (O GLOBO, 2013).

¹¹ A efervescência política da década de 1940, no Egito, é retratada no livro *The Rise Of Egyptian Communism* de de Selma Botman (1988): “O Egito passou por vários estágios de desenvolvimento econômico e político no período pós-Segunda Guerra Mundial. Aqueles egípcios que viveram na década de 1940 lembram de sua militância e sua energia. Essa foi uma época de grande ímpeto nacionalista, organização fundamentalista islâmica e agitação comunista” (p. xvi, tradução minha).

“Egypt has gone through various stages of economic and political development in the post - World War II period. Those Egyptians who lived through the 1940s recall its militancy and its energy. This was a time of heightened nationalist momentum, Islamic fundamentalist organizing, and communist agitation” (BOTMAN, 1998, p. xvi).

Para além da relação pessoal e das afinidades políticas, no que diz respeito a um sistema de governo mais igualitário às classes e aos gêneros, a importância de Hatata na vida de Saadawi (2008) consiste no fato de que ele foi o tradutor do árabe para o inglês de muitas de suas obras, dentre elas: uma das autobiografias de Saadawi (2018, 2007, 2008), intitulada *A Daughter of Isis: The Early Life of Nawal El Saadawi*, o livro de entrevistas e depoimentos *The Hidden Face of Eve: Women in the Arab World* e também de *Woman at Point Zero*. Como eixo recorrente nessas obras, é possível observar os temas tabus que referenciei no início dessa subseção alinhados à força política da escrita feminina da autora. Utilizarei essas obras para exemplificar como é construída a presença desses conteúdos no percurso literário de Saadawi.

O primeiro livro que abordarei chama-se *The Hidden Face of Eve: Women in the Arab World*, sendo, ao lado de *Woman at Point Zero*, o mais famoso de Saadawi (2007). Publicada pela primeira vez em árabe, em 1977, e em inglês, em 1980, foi por muitos anos a sua única obra traduzida no Brasil, intitulada *A face oculta de Eva: As mulheres do Mundo Árabe* e disponibilizada pela Global Editora. Constitui-se a partir de depoimentos e entrevistas de mulheres árabes, atravessando as concepções com inclinações orientalistas do olhar ocidental, que tendem a enquadrar, genericamente, as mulheres árabes na dicotomia “dançarinas do ventre versus mulheres com véu” (KAHF, 1999), e traz para o centro da narrativa a experiência das mulheres árabes enquanto trabalhadoras, estudantes, dentre outros espaços sociais comuns aos indivíduos. O livro funciona, então, como uma espécie de revisitação da História contada pelos homens e pelo Ocidente:

A História, portanto, descreveu falsamente muitos dos fatos relacionados às mulheres. As mulheres árabes não são deficientes em suas capacidades mentais, como os homens e a história que eles escreveram tendem a afirmar, nem são fracas ou passivas. *Pelo contrário, as mulheres árabes resistiram ao sistema patriarcal e à exploração de classes centenas de anos antes das mulheres da América e da Europa começarem a lutar nas mesmas batalhas.* (SAADAWI, 2007, p. 130, grifo meu, tradução minha)¹².

¹² “History has therefore falsely depicted many of the facts related to women. Arab women are not deficient in their mental capacities, as men and the history they have written tend to assert, neither are they weak or passive. On the contrary, Arab women resisted the patriarchal system and class exploitation hundreds of years before women in America and Europe started fighting the same battles” (SAADAWI, 2007, p. 130).

Pelo caráter de contestação frente ao estabelecimento desses fatos históricos e por centralizar a permanência da luta dos direitos femininos, enquanto uma luta não somente sexual, mas econômica, *The Hidden Face of Eve: Women in the Arab World* obteve a atenção internacional e a proibição de sua publicação em muitos países árabes. Quando foi publicado no Irã, a retaliação de grupos extremistas foi ainda maior: a editora que proporcionou a publicação foi incendiada junto ao livro (BALD, 2006, p. 132).

A repressão sofrida por Saadawi (2002) devido à publicação de suas obras também é relatada na autobiografia *Walking Through Fire: A Life of Nawal El Saadawi*, na qual a autora enfatiza que a repressão não se dava apenas por forças do governo egípcio ou por líderes árabes, mas por grupos fundamentalistas contrários aos seus escritos, como no caso em que a editora e seu livro foram incendiados.

Essa situação agravou-se a tal ponto que, em 1993 Saadawi precisou deixar o Egito. A principal causa do seu autoexílio ocorreu após seu nome entrar para a lista de extermínio de um grupo fundamentalista. Em *Walking Through Fire: A Life of Nawal El Saadawi*, a escritora egípcia disponibiliza uma das cartas de ameaça que recebeu:

Você é uma herege, uma inimiga do Islã, um instrumento do diabo. Você é a mulher que fez com que Adão fosse expulso do Paraíso e que trouxe morte e destruição. Através de sua Associação você espalha ideias venenosas. As autoridades a fecharam, transferiram seu dinheiro para a Associação de Mulheres Muçulmanas e é assim que deve ser, pois mulheres muçulmanas piedosas têm mais direito a esse dinheiro do que você. O dinheiro da sua Associação é “haram¹³” porque não é usado a serviço do Islã. O slogan de sua associação imoral, “desvendar a mente”, é uma heresia. Você não sabe que Allah elogia todas as mulheres muçulmanas por usarem o véu? O véu é sagrado e você está incitando as mulheres a desobedecerem Allah. Mulheres como você merecem apenas a morte. (SAADAWI, 2002, p. 19, tradução minha)¹⁴.

Nesta carta as críticas giram em torno da Associação de Solidariedade das Mulheres Árabes (Arab Women’s Solidarity Association), fundada em 1982, por

¹³ Intolerado no sentido religioso.

¹⁴ “You are a heretic, an enemy of Islam, an instrument of the Devil. You are the woman who caused Adam to be chased out of Paradise, and brought death and destruction with her. Through your Association you spread poisonous ideas. The authorities closed it down, transferred its money to the Association of Muslim Women and that is how it should be, for pious Muslim women have more right to this money than you do. The money of your Association is ‘haram’ because it is not used in the service of Islam. The slogan of your immoral association, ‘unveiling of the mind’, is heresy. Do you now know that Allah commends all Muslim women to wear the veil? The veil is sacred and you are inciting women to disobey Allah. Women like you deserve only death” (SAADAWI, 2002, p. 19).

Saadawi. O trabalho desta Associação consistia em estimular e proporcionar a inserção das mulheres árabes na vida social, econômica, cultural e política, demonstrando que o ativismo de Saadawi não se restringia à literatura. Durante o período de 1982 a 1991, essa organização exerceu uma série de atividades, tais quais: projetos para a obtenção de renda destinada às mulheres pobres e publicações de livros, filmes e revistas sobre as mulheres árabes. Porém, exatamente, por subverter as estruturas da sociedade, por meio da centralização do feminino em suas ações, pouco tempo antes da autora sair do Egito, a Associação foi fechada pelo governo, em 1991.

A respeito de seu encerramento, é importante observar a reflexão construída por Saadawi (1997) no livro *The Nawal El Saadawi Reader*, acerca de como a perseguição à Associação não se limitava aos valores essencialmente religiosos, dentro de uma lógica simplista. Ao contrário, por evocar mudanças no âmago da sociedade árabe, principalmente por incentivar o fim das diferenças entre os gêneros, a Associação provocava repulsa em vários eixos que não desejavam mudanças profundas, não sendo, portanto, o fundamentalismo religioso a única causa nesse embate.

A AWSA (Arab Women's Solidarity Association) tinha grupos afiliados em vários países, incluindo Argélia, Tunísia, Síria, Líbia, Marrocos, Sudão, Líbano e Iêmen, além de grupos árabes de emigrantes fora da região árabe. [...] *A AWSA fez a ligação entre os problemas sexuais ou de gênero (isto é, as relações entre homens e mulheres na família e na sociedade) e os aspectos políticos, econômicos, sociais, culturais, religiosos e psicológicos da vida das sociedades árabes* [...] Como resultado, tornou-se alvo de ataques por diferentes grupos políticos, indo da extrema direita à extrema esquerda. O mais importante, claro, nesses ataques foram as forças políticas islâmicas mais contrárias aos direitos das mulheres. Elas eram a voz das forças econômicas e sociais reacionárias entrincheiradas principalmente nos países do Golfo, chefiados pela Arábia Saudita. Alguns operavam de dentro do aparato estatal e do governo, e alguns de fora. Então, quando a AWSA foi fechada, pensava-se que isso se devia ao fator religioso, ao aumento da força dos movimentos fundamentalistas islâmicos. Mas embora esses movimentos tenham sido a ponta de lança do ataque, não há dúvida de que a orientação da AWSA, seu desvelamento das relações entre a discriminação de gênero e a estrutura socioeconômica da sociedade, foi o principal motivo para encerrá-la. Tal concepção inevitavelmente significava ressaltar a necessidade de mudanças profundas nas estruturas da sociedade árabe e em todos os aspectos da vida, partindo da família e estendendo-se nacionalmente ao estado e incluindo educação,

cultura, religião e atividade social e econômica. (SAADAWI, 1997, p. 38-39, grifo meu, tradução minha)¹⁵.

Saadawi (1997) argumenta que as estruturas movidas pela Associação eram muito complexas. Sobretudo, indicando que a entidade não mobilizava apenas questões relacionadas aos gêneros, mas engendrava forças políticas e econômicas, que em contrapartida atuavam para minimizar a Associação. A posição da autora mostra que as questões relacionadas aos direitos das mulheres estão acompanhadas de outras opressões, como as econômicas e a negação à política. Angela Davis (2017) corrobora esse pensamento no livro *Mulheres, Cultura e Política*:

A batalha pela igualdade feminina no Egito, como em todo o Terceiro Mundo e também em países capitalistas, deve ser travada em várias frentes. Deve ter como alvo áreas específicas, como o desproporcional fardo da pobreza carregado pelas mulheres, a discriminação no mercado de trabalho, o analfabetismo, a assistência médica inadequada, a mutilação genital, a Lei da Condição Pessoal e as imagens distorcidas das mulheres na mídia. (DAVIS, 2017, p. 130).

Para além do ativismo nos entornos da literatura, Saadawi (2008) também traz o fortalecimento das questões de gênero por meio da criação de personagens femininas que subvertem as identidades comuns associadas às mulheres árabes, sobretudo, no contexto ocidental, onde tais mulheres são representadas frequentemente como fracas e submissas (KAHF, 1999). Essa submissão é estendida à compreensão de como funciona a religião islâmica. Sobre esse ponto, a autora enfatiza: “Mulheres são oprimidas em todas as religiões. O problema não é o Islam, o

¹⁵ Excerto retirado do livro *The Nawal El Saadawi Reader* “AWSA had affiliate groups in a number of countries including Algeria, Tunisia, Syria, Libya, Morocco, Sudan, Lebanon and Yemen, as well as amongst emigrant Arab groups outside the Arab region. [...] AWSA made the link between gender or sexual problems (that is, relations between men and women in the family and in society) and the political, economic, social, cultural, religious and psychological aspects of life in Arab societies [...] As a result it became the target for attack by different tendencies in society extending from the far right to the far left. The most important of course, in this attack were the Islamic political forces most opposed to the rights of women. They were the voice of reactionary economic and social forces entrenched mainly in the countries of the Gulf headed by Saudi Arabia. Some were operating from inside the state apparatus and the government, and some from outside it. So when AWSA was closed down it was thought that this was due to the religious factor, to the increased strength of Islamic fundamentalist movements. But although these movements were the spearhead of the attack there is no doubt that the orientation of AWSA, its unveiling of the relationships between gender discrimination and the socioeconomic structure of society, was the main reason of closing it down. Such a conception inevitably meant highlighting the need for deep changes in the structures of Arab society and in all aspects of life starting from the family and extending nationally to the state and including education, culture, religion, and social and economic activity” (SAADAWI, 1997, p. 38-39).

problema é o sistema político que usa o Islam e as religiões” (THE HINDU, 2001)¹⁶. Sendo assim, para entender sua obra é imprescindível a clareza de como se constroem as relações no patriarcado, visto que a temática feminina é recorrente em seus escritos.

No interior da temática feminina desenvolvida por Saadawi (2007, 2018, 2008) está a mutilação genital feminina, presente nas obras citadas: *The Hidden Face of Eve: Women in the Arab World*, *A Daughter of Isis: The Early Life of Nawal El Saadawi*, e em *Woman at Point Zero*. Portanto, para melhor compreensão da obra de Saadawi (2008), é necessário que se destaque a sua militância em relação ao combate da circuncisão feminina, imagem recorrente ao longo de *Woman at Point Zero* e o principal campo em que seu ativismo político se faz presente.

A mutilação genital consiste em um tema essencial desde as primeiras obras da autora, que remontam a década de 1970. Trata-se de uma prática comum em alguns países da África, da Ásia e do Oriente Médio. Em 2015, a UNICEF (2015) publicou um documento, intitulado *Egypt Health Issues Survey*, especificando que, aproximadamente, 200 milhões de mulheres haviam sofrido esse processo. A metade dos casos residia nos respectivos países: Egito, Etiópia e Indonésia. O relatório aponta, ainda, que no Egito houve uma diminuição devido à oposição da prática por parte da sociedade¹⁷.

O livro *The Hidden Face of Eve: Women in the Arab World* traz um capítulo específico para tratar da circuncisão, nomeado “Circumcision of Girls”, no qual Saadawi (2007) aborda a mutilação genital feminina no Egito, apresentando alguns diálogos travados com pacientes.

Em um trecho da obra, a autora transcreve uma conversa com uma mulher sobre as lembranças que tinha do momento da mutilação em sua infância. A mulher afirma que, embora sentisse medo, pensava que aquela cirurgia era para o seu bem. Em sua concepção, tratava-se apenas da retirada de um pedaço de carne que purificaria o seu corpo e sua alma, garantindo que ela não tivesse problemas sociais

¹⁶ “Women are oppressed in all religions. The problem is not Islam, it is the political systems that use Islam and religion” (THE HINDU, 2001).

¹⁷ No Egito, a circuncisão é proibida desde 2008, tendo as penas para tal prática sido endurecidas em 2015, após um caso notório no qual uma adolescente morreu devido às complicações do procedimento.

como, por exemplo, o fato de ser apontada na rua como uma mulher “sem valor” o que, possivelmente, a impediria de se casar com algum homem.

“O que aconteceu depois da operação?”. “Tive dores corporais graves e permaneci na cama por vários dias, incapaz de me mover. A dor nos meus órgãos genitais externos levou à retenção de urina. Toda vez que eu queria urinar, a sensação de queimação era tão insuportável que eu não conseguia passar água. A ferida continuou a sangrar por algum tempo e minha mãe costumava trocar o curativo para mim duas vezes por dia”. “O que você sentiu ao descobrir que um pequeno órgão de seu corpo havia sido removido?”. “Eu não sabia nada sobre a operação na época, exceto que era muito simples, e que era feita para todas as garotas para fins de limpeza, pureza e preservação de uma boa reputação. Dizia-se que uma garota que não se submetesse a essa operação se tornaria vulnerável aos comentários das pessoas, seu comportamento se tornaria ruim e ela começaria a correr atrás de homens pois ninguém concordaria em se casar com ela quando chegasse o tempo de se casar. Minha avó me disse que a operação consistia apenas na remoção de um pedaço muito pequeno de carne entre as minhas coxas, e que a existência continuada desse pequeno pedaço de carne em seu lugar teria me tornado suja e impura, e faria com que o homem com quem eu me casasse fosse repellido por mim”. (SAADAWI, 2007, p. 52-53, tradução minha).¹⁸

O que se afirma nesse trecho é que o ato da circuncisão acompanha uma espécie, do que Saadawi (2007) chama no livro, de lavagem cerebral para impedir as mulheres “de enxergar a exploração a que são submetidas e de entender suas causas” (SAADAWI, 2007, p. 5, tradução minha). Pois, este ato não é apenas um modo de dominação masculina, mas tem como seu principal alicerce as questões econômicas que impõem à subalternidade feminina. Como lembra Angela Davis (2017), no livro *Mulheres, Cultura e Política*:

Mesmo que fosse possível antever o sucesso de uma campanha cujo único alvo fosse a mutilação corporal feminina, o fato de que as

¹⁸ “What happened after the operation?’ ‘I had severe bodily pains, and remained in bed for several days, unable to move. The pain in my external genital organs led to retention of urine. Every time I wanted to urinate the burning sensation was so unbearable that I could not bring myself to pass water. The wound continued to bleed for some time, and my mother used to change the dressing for me twice a day’. ‘What did you feel on discovering that a small organ in your body had been removed?’ ‘I did not know anything about the operation at the time, except that it was very simple, and that it was done to all girls for purposes of cleanliness, purity and the preservation of a good reputation. It was said that a girl who did not undergo this operation was liable to be talked about by people, her behavior would become bad, and she would start running after men, with the result that no one would agree to marry her when the time for marriage came. My grandmother told me that the operation had only consisted in the removal of a very small piece of flesh from between my thighs, and that the continued existence of this small piece of flesh in its place would have made me unclean and impure, and would have caused the man whom I would marry to be repelled by me” (SAADAWI, 2007, p. 52-53).

mulheres egípcias representam apenas 10% da força de trabalho continuaria imutável. O fato de que 71% da população feminina é analfabeta continuaria imutável. (DAVIS, 2017, p. 116).

Destaco o argumento de que a dominação patriarcal no bojo da dominação econômica é um tema frequente nas obras de Saadawi (2007) e configura o repúdio de caracterizações orientalistas.

Fatores econômicos e, concomitantemente, fatores políticos são a base sobre a qual certos costumes como a circuncisão feminina cresceram. É importante entender os fatos como eles realmente são e as razões que estão por trás deles. Muitas são as pessoas que não são capazes de distinguir entre fatores políticos e religiosos, ou que escondem motivações econômicas e políticas por trás de argumentos religiosos em uma tentativa de esconder as forças reais que estão na base do que acontece em uma sociedade e na história. Muitas vezes tem sido proclamado que o Islã está na raiz da circuncisão feminina e também é responsável pela situação desfavorecida e atrasada das mulheres no Egito e nos países árabes. Tal afirmação não é verdadeira. Se estudarmos o cristianismo, é fácil ver que essa religião é muito mais rígida e ortodoxa no que diz respeito às mulheres do que ao islamismo. No entanto, muitos países foram capazes de progredir rapidamente, apesar da preponderância do cristianismo como religião. *Esse progresso foi social, econômico, científico e também afetou a vida e a posição das mulheres na sociedade. É por isso que acredito firmemente que as razões para o baixo status das mulheres em nossas sociedades e a falta de oportunidades para o progresso que lhes são proporcionadas, não são devidas ao Islã, mas a certas forças econômicas e políticas, nomeadamente as do imperialismo estrangeiro operando principalmente a partir do exterior, e aqueles das classes reacionárias que operam a partir do interior.* (SAADAWI, 2007, p. 63, grifo meu, tradução minha)¹⁹.

¹⁹ “Economic factors and, concomitantly, political factors are the basis upon which such customs as female circumcision have grown up. It is important to understand the facts as they really are, and the reasons that lie behind them. Many are the people who are not able to distinguish between political and religious factors, or who conceal economic and political motives behind religious arguments in an attempt to hide the real forces that lie at the basis of what happens in a society and in history. It has very often been proclaimed that Islam is at the root of female circumcision and is also responsible for the under-privileged and backward situation of women in Egypt and the Arab countries. Such a contention is not true. If we study Christianity it is easy to see that this religion is much more rigid and orthodox where women are concerned than Islam. Nevertheless, many countries were able to progress rapidly despite the preponderance of Christianity as a religion. This progress was social, economic, scientific and also affected the life and position of women in society. That is why I firmly believe that the reasons for the lower status of women in our societies, and the lack of opportunities for progress afforded to them, are not due to Islam, but rather to certain economic and political forces, namely those of foreign imperialism operating mainly from the outside, and those of the reactionary classes operating from the inside” (SAADAWI, 2007, p. 63).

Ao argumentar que a circuncisão feminina está estruturada em pilares mais profundos e que não se fazem tão evidentes quanto à religião, Saadawi (2007) traz à tona a discussão acerca de políticas neocolonialistas²⁰, demonstrando convicção a respeito de que as marcas desse projeto de poder, presentes na negação à escolaridade e às oportunidades de trabalho, são o suporte que projetam a dominação masculina imposta através da mutilação genital.

A temática do corpo feminino circuncidado caracteriza-se como uma imagem frequente nas obras de Saadawi (2007). Chamo à atenção ao fato de que a autora teve o próprio corpo circuncidado. No livro *The Hidden Face of Eve: Women in the Arab World*, ela apresenta o caráter perene que a marca da circuncisão causou-lhe, ressaltando para além de uma perda corpórea, na superfície, uma perda que representa uma fissura profunda em sua existência.

²⁰ “Os países árabes hoje são a arena de uma luta contínua conduzida pelo neocolonialismo, uma luta travada sem trégua em todas as frentes, sejam econômicas, políticas, sociais ou culturais, e na qual todas as suas forças e armas são utilizadas. Os recursos naturais e as riquezas desses países ainda são principalmente preservados pelo imperialismo e por corporações multinacionais gigantescas que saem dessas terras, independentemente do que elas possam ter a oferecer. A grande maioria ainda sofre de pobreza, doença e ignorância, e poucas mudanças foram trazidas. Todos os dias eles observam as riquezas de suas terras, da terra sobre a qual andam e as que são deles, sendo drenadas para que a riqueza possa se acumular em quantidades quase inimagináveis nas mãos de uma minoria infinitesimal que detém o poder econômico na América e na Europa, e o pequeno número de governantes árabes que continuam a cooperar com eles. Os povos árabes, sejam eles homens ou mulheres, continuaram a resistir às forças que privaram seu direito a uma existência humana e pacífica. Repetidamente, eles se revoltaram para derrubar governantes reacionários ou lutaram para expulsar invasores estrangeiros, como a Pérsia, a Turquia, a França, a Inglaterra ou os Estados Unidos. Ao longo dos anos, o Egito permaneceu o coração do mundo árabe devido à sua posição estratégica, ao tamanho de sua população e à sua longa história de resistência contra o colonialismo e o imperialismo” (SAADAWI, 2007, p. 252, tradução minha).

“The arab countries today are the arena of a continuing struggle carried on by neo-colonialism, a struggle waged with no respite on all fronts, be they economic, political, social or cultural, and in which all its forces and weapons are utilized. The natural resources and riches of these countries are still mainly the preserve of imperialism and giant multinational corporations which pump out of these lands whatever they may have to offer. The vast majority still suffer from poverty, disease and ignorance, and little change has been brought to their lives. Every day they watch the riches of their land, of the earth upon which they walk and which is theirs, being drained away so that wealth can accumulate in almost unimaginable amounts in the hands of an infinitesimal minority who wield economic power in America and Europe, and the small number of Arab rulers who continue to co-operate with them. The Arab peoples, whether men or women, have continued to resist the forces which deprive them of their right to a human and peaceful existence. Time and again they have risen up in revolt to overthrow reactionary rulers or fought to expel foreign invaders, whether from Persia, Turkey, France, Britain, or America. Over the years Egypt has remained the heart of the Arab world due to its strategic position, the size of its population and its long history of resistance against colonialism and imperialism” (SAADAWI, 2007, p. 252).

Mesmo quando eu cresci e me formei como médica em 1955, não pude esquecer o incidente doloroso que me fez perder a infância de uma vez por todas, e que me privou durante minha juventude e por muitos anos de vida de casada de desfrutar do plenitude da minha sexualidade e a integridade da vida que só pode vir do equilíbrio psicológico global. (SAADAWI, 2007, p. 16, tradução minha)²¹.

Nesse sentido, a violência proporcionada pela circuncisão compõe a destruição tanto física, quanto emocional do corpo da mulher. Dessa forma, o corpo torna-se estilizado. Como demonstra em seu relato, esse processo atua enquanto mecanismo capaz de despedaçar a vida das mulheres. Pelo fato de compreender a opressão feminina no Egito como uma combinação de fatores (econômicos, políticos, sociais), Saadawi (2007) apresenta, de modo pertinente, o retrato da mutilação do corpo, produzindo, admiravelmente, o que há de potencial na literatura dentro do campo discursivo: não permitir o esfacelamento da memória.

Essa breve biografia teve o intuito de destacar os traços que compõem a posição do corpo da autora no mundo, enquanto substância política. Do corpo que sofreu mutilações, violências psicológicas que a fizeram exilar-se, entre tantas outras ameaças de violência física. Do corpo que construiu projetos literários dialogando com outros corpos femininos em situação de vulnerabilidade. Do corpo que promoveu transgressões sociais a ponto de ter sido aprisionado. Do corpo que realizou rupturas sistemáticas fora da literatura, tentando construir um mundo que lhe parecesse mais coerente, utilizando as artes e os recursos externos como motor de mudanças. Do corpo que manteve a clareza para compreender que a opressão das mulheres está condicionada a outros tipos de opressões, que se espalham pela sociedade como tentáculos, objetivando a exploração e a destruição. A história do corpo político de Saadawi é uma história de luta permanente, assim como a história de Firdaus: a protagonista de *Woman at Point Zero*²².

²¹ “Even when I had grown up and graduated as a doctor in 1955, I could not forget the painful incident that had made me lose my childhood once and for all, and that deprived me during my youth and for many years of married life from enjoying the fullness of my sexuality and the completeness of life that can only come from all-round psychological equilibrium” (SAADAWI, 2007, p. 16).

²² O espelhamento proposto por Saadawi (2008) entre a própria a autora e a psiquiatra de *Woman at Point Zero* também é estabelecido no *Prefácio da autora*, quando Saadawi revela que conheceu a mulher que inspirou Firdaus enquanto trabalhava como psiquiatra em uma prisão do Cairo. Isto aponta para o que a sua entrevista (ver Anexo A) propõe: ela acredita que há uma ruptura entre a ficção e a realidade, ou como sugerido: “Bem, na minha vida, não

1.2 FIRDAUS

“Essa é a história de uma mulher de verdade”. (SAADAWI, 2008, p. 1, tradução minha)²³. Com esta frase, Saadawi (2008) inaugura *Woman at Point Zero*²⁴, introduzindo no imaginário do leitor o seguinte questionamento: quem é essa mulher de verdade? No âmbito da presente dissertação, acrescento outra pergunta: que potencialidades estão inscritas nesse corpo?

Antes de submergir nas ponderações a respeito de tais perguntas, faz-se necessário por questões metodológicas, apontar a concepção que adoto para classificar o estudo do corpo nesse trabalho, assim como suas respectivas implicações para a análise da narrativa de Saadawi (2008), enquanto uma obra produzida pela autoria feminina.

Partindo desse entendimento, exponho as propostas encabeçadas pela crítica feminista²⁵, que redimensionam a importância da autoria feminina na literatura, enquanto força capaz de propor uma nova perspectiva, no que concerne à ficcionalização de seus corpos. Destaco o ensaio *The Blank Page and the Issues of Female Creativity*, no qual Susan Gubar (1981) afirma: “A criação da arte feminina sente como a destruição do corpo feminino” (GUBAR, 1981, p. 250, tradução minha)²⁶. Essa destruição estaria estruturada na premissa que este corpo, como moldado pelas artes ao longo do tempo, não seria capaz de traduzir a experiência que a arte criada por mulheres atinge, por estar constituído à sombra de projetos androcêntricos.

faço distinção entre romances e autobiografia, entre ficção e fatos, o físico e o social ou político, o corpo e a mente. De fato, a criatividade é a capacidade de vincular tudo”.

²³ “This is the story of a real woman” (SAADAWI, 2008, p. 1).

²⁴ É importante destacar que embora Saadawi não elucide a respeito da contextualização histórica do livro, pode-se inferir, através do *Prefácio da Autora*, que *Woman at Point Zero* é ambientado no início da década de 1970.

²⁵ A crítica literária feminista teve ascensão na década de 1970 (com a publicação da tese de doutorado *Sexual Politics*, de Kate Millet, no mesmo ano), emergindo a partir da explosão dos movimentos em favor das minorias na década de 1960. Possui um caráter de contestação frente aos discursos de dominação correntes na sociedade, mantidos por práticas logocêntricas. Além disso, trouxe, em seu bojo, a reivindicação de uma crítica literária que acompanha a arte feminina e que é capaz de centralizar a mulher, seu corpo e suas subjetividades. A esse respeito, a pesquisadora Lúcia Osana Zolin (2005) afirma: “As escritoras, partindo de suas experiências pessoais, e não mais dos papéis sexuais atribuídos a elas pela ideologia patriarcal, debruçam-se progressivamente sobre a sexualidade, identidade e angústia femininas, bem como sobre outros temas especificamente femininos” (ZOLIN, 2005, p. 194).

²⁶ “The creation of female art feels like the destruction of the female body” (GUBAR, 1981, p. 250).

No seio dessa reivindicação, reside a relevância da escrita feminina, compondo-se enquanto uma revisitação à construção histórico-cultural imersa no corpo feminino: “Mulher deve escrever-se: deve escrever sobre as mulheres e levar as mulheres à escrita, de onde elas foram expulsas tão violentamente quanto de seus corpos - pelas mesmas razões, pela mesma lei” (CIXOUS, 1976, p. 875, tradução minha)²⁷, afirma Hélène Cixous (1976) no ensaio *The Laugh of Medusa*.

Após ter destacado o posicionamento que estabeleço nesse trabalho, no tocante à importância da compreensão do estudo do corpo enquanto estrutura política presente na autoria feminina, procederei à análise acerca de como Firdaus é apresentada em *Woman at Point Zero*, bem como as possíveis ressonâncias que a elaboração da protagonista produz.

Em primeiro lugar, é imprescindível indicar que Saadawi (2008) pontua, no *Prefácio da autora*, que conheceu a pessoa que inspirou a personagem, em 1973, enquanto realizava uma pesquisa acerca da relação entre as mulheres e a neurose em prisões do Cairo, no Egito. Nesta parte do livro, são descritas as impressões causadas pelo relato da vida daquela mulher:

Era uma história terrível ainda que maravilhosa. Enquanto ela desdobrava sua vida diante de mim, eu aprendia mais e mais sobre ela. Desenvolvi um sentimento e admiração por essa mulher que me parecia *tão excepcional no mundo das mulheres a que eu estava acostumada*. Então, mais tarde, chegou o dia em que comecei a pensar em escrever o romance que veio a ser conhecido como *Woman at Point Zero* ou *Firdaus*. (SAADAWI, 2008, p. xi, grifo meu, tradução minha)²⁸.

Saadawi (2008), então, aponta que a ideia de escrever uma ficção sobre a mulher que conheceu no cárcere se deu devido ao caráter de magnitude que a sua existência exalava, por trazer o genuíno desejo de sobrepujar as injustiças que a cercavam:

Ela permaneceu única. Não apenas suas feições, seu corpo, sua coragem, ou o jeito que ela costumava olhar para mim, do fundo dos

²⁷ “Woman must write her self: must write about women and bring women to writing, from which they have been driven away as violently as from their bodies - for the same reasons, by the same law” (CIXOUS, 1976, p. 875).

²⁸ “It was a terrible yet wonderful story. As she unfolded her life before me, I learnt more and more about her. I developed a feeling and admiration for this woman who seemed to me so exceptional in the world of women to which I was accustomed. So, later, the day came when I began to think of writing the novel which came to be known as *Woman at Point Zero* or *Firdaus*” (SAADAWI, 2008, p. xi).

olhos, a distinguiam de outras mulheres, mas sua absoluta recusa em viver, seu absoluto destemor pela morte. Firdaus é a história de uma mulher impulsionada pelo desespero para os fins mais sombrios. Essa mulher, apesar de sua miséria e desespero, evocou em todos aqueles que, como eu, testemunharam os momentos finais de sua vida, a necessidade de desafiar e superar as forças que privam os seres humanos do direito de viver, de amar e da verdadeira liberdade. (SAADAWI, 2008, p. xii, tradução minha)²⁹.

Identifico que ao deslocar uma parte do livro para a elucidação sobre como se deu a construção da protagonista de seu romance, a partir dos ecos produzidos na materialidade, Saadawi (2008) propõe, implicitamente, que os ruídos apresentados por Firdaus, na esteira da ficção, também poderiam ser elaborados na vida corrente. Partindo desse pensamento, evidencia-se que os aspectos estéticos estão ao lado dos políticos, abrangendo então o prisma político à elaboração do corpo feminino em *Woman at Point Zero*. Para corroborar esse pensamento, cito a crítica feminista Rita Terezinha Schmidt (2013)³⁰:

Há um esquecimento proposital daquilo que todos sabemos, isto é, que o estético é inseparável do político e é justamente o reconhecimento dessa relação a condição *sine qua non* para se balizar uma compreensão do sentido e função da literatura, visto que o literário inscreve a potencialidade de todo fazer artístico que é a de interpelar, a partir do registro mais individual e pessoal, a experiência do coletivo. (SCHMIDT, 2013, p. 226).

A exaltação da existência deste corpo dentro e fora da literatura, age como um mecanismo de oposição à manutenção da ideologia dominante em relação as identidades subalternizadas, neste caso, a do feminino. Pois, ao indicar no *Prefácio da Autora* que na materialidade é possível a existência de uma mulher tal como Firdaus, há uma interpelação, no âmbito literário, para a produção e repercussão de vidas possíveis, que reivindiquem e que demarquem o próprio corpo, enquanto território que não será colonizado.

Dito isso, apresentarei a protagonista de *Woman at Point Zero* a partir de três características, que considero como imponentes para a compreensão da elaboração

²⁹ “She remained unique. Not only her features, her carriage, her courage, or the way she was wont to look at me from the depths of her eyes, distinguished her from other women, but her absolute refusal to live, her absolute fearlessness of death. Firdaus is the story of a woman driven by despair to the darkest of ends. This woman, despite her misery and despair, evoked in all those who, like me, witnessed the final moments of her life, a need to challenge and to overcome those forces that deprive human beings of their right to live, to love and to real freedom” (SAADAWI, 2008, p. xii).

³⁰ Rita Terezinha Schmidt é professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

de seu corpo na narrativa: 1) o corpo enquanto matéria circuncidada; 2) a subalternidade que a entorna e 3) a impossibilidade de escape diante do patriarcado. Esses três aspectos contribuem para a fabricação dos ruídos sobre o que é o feminino na obra de Saadawi (2008), e mostram-se relevantes para uma primeira compreensão acerca da personagem.

O primeiro tópico diz respeito à circuncisão sofrida por Firdaus em sua infância. “Elas cortaram um pedaço de carne entre minhas pernas” (SAADAWI, 2008, p. 12, tradução minha)³¹. A mutilação genital estabelece a alegoria mais frequente utilizada no desenvolvimento de *Woman at Point Zero*, sendo traduzida como um processo inexorável na vivência das mulheres que experienciam tal fato. Logo, não é possível dissociar a construção da protagonista da relevância dos ecos produzidos por essa supressão na narrativa.

No âmbito estético, para traduzir a potencialidade desse corpo em estado de privação, Saadawi (2008) emprega o mecanismo de repetição de frases, construindo enunciados quase idênticos, para atribuir o significado doloroso e traumático que compõe a mutilação genital. Frases que transitam na obra de modo circular, ou seja, sempre voltam em algum momento para indicar que a mutilação está presente, a todo instante, nos pensamentos da protagonista. O que indica que este processo traz em seu âmago a desestruturação do corpo feminino, pois diz respeito a uma parte arrancada, uma ausência que provoca cicatrizes permanentes, embora, não evidente, nem necessariamente palpável. Nos trechos a seguir, Firdaus aborda as sensações causadas por esse procedimento. Destaco dois enunciados quase equivalentes: o primeiro, evoca uma lembrança do período no qual a personagem frequentava o colégio; o segundo, remonta a uma fase em que ela está mais velha, exemplificando a circularidade que referenciei acima.

Eu mantive seus olhos nos meus, peguei a mão dela na minha. A sensação de nossas mãos se tocando foi estranha, repentina. Foi um sentimento que fez meu corpo tremer com um prazer profundo e distante, mais distante do que a idade da minha vida recordada, mais profundo do que a consciência que eu carregava dentro de mim. Eu podia sentir isso em algum lugar, como uma parte do meu ser que nasceu comigo quando nasci, mas não cresceu comigo quando eu cresci. Ou como algo que eu conheci antes de nascer, e foi deixado para trás. (SAADAWI, 2008, p. 30, tradução minha).

³¹ “They cut off a piece of flesh from between my thighs” (SAADAWI, 2008, p. 12).

Eu mantive seus olhos rapidamente nos meus. Eu estendi a mão e peguei a mão dele na minha. A sensação de nossas mãos se tocando era estranha, repentina. Fez meu corpo tremer com um prazer profundo e distante, mais antigo do que a idade da vida que eu lembrava, mais profundo do que a consciência carregada dentro de mim. Eu podia sentir isso em algum lugar do meu ser como uma parte que nasceu comigo quando nasci, mas não cresceu comigo quando cresci. Ou como algo que eu conhecia antes de nascer e deixei para trás. (SAADAWI, 2008, p. 85, tradução minha)³².

É possível observar uma ênfase sobre uma vida que poderia ter sido e não foi. De memórias corporais, ainda presentes, que sugestionam as reflexões produzidas por esses rastros. No tocante à constituição do indivíduo, a partir dessas marcas, a historiadora Aleida Assmann (2011) argumenta, em *Espaços de Recordação: Formas e Transformações da Memória Cultural*, que “o que é gravado no interior, vale como inapagável, porque é inalienável” (p. 260). Partindo desse pensamento, identifico que a fenda produzida no corpo de Firdaus devido à mutilação genital é uma marca constante e indestrutível, pois as escritas do corpo “compartilham a estabilidade e a inacessibilidade” (ASSMANN, 2011, p. 260).

As lembranças produzidas ao longo do livro mostram-se estáveis, às quais a personagem acessa sempre em que há uma situação que evoca a supressão que sofreu, manifestando, então, memórias entrincheiradas como estilhaços, que a circundam e também a machucam, sem saírem de onde estão fincadas. Sendo assim, a circuncisão funciona tanto como um componente de sua estrutura, quanto de sua individualidade, exercendo uma característica marcante da protagonista.

A potencialidade que essas lembranças produzem se dão pela razão de que, nesse procedimento, há a perda definitiva do prazer sexual. Na esteira de sua importância na construção narrativa sobre Firdaus, resalto que, de maneira

³² “I held his eyes fast in mine. I reached out and took his hand in mine. The feel of our hands touching was strange, sudden. It made my body tremble with a deep, distant pleasure, older than the age of remembered life, deeper than the consciousness carried within me throughout. I could feel it somewhere in my being like a part which had been born with me when I was born, but had not grown with me when I had grown. Or like something I had known before being born, and left behind” (SAADAWI, 2008, p. 85).

“I held her eyes in mind, took her hand in mine. The feeling of our hands touching was strange, sudden.. It was a feeling that made my body tremble with a deep distant pleasure, more distant than the age of my remembered life, deeper than the consciousness I had carried with me throughout. I could feel it somewhere, like a part of my being which had been born with me when I was born, but had now grown with me when I had grown, like a part of my being that I had once known, but left behind when I was born” (SAADAWI, 2008, p. 30).

abrangente, a mutilação feminina funciona enquanto uma prática de tradição, que visa à normatização da proibição do acesso a qualquer tipo de prazer sexual por parte das mulheres, sendo este, exclusivamente, direcionado aos homens. A esse respeito, referencio Susan Bordo (1995), que afirma: “o corpo não é apenas um texto da cultura. É também um lócus prático e direto de controle social [...] A cultura é ‘feita de corpo’” (BORDO, 1995, p. 195). Ou seja, para além do entendimento do corpo enquanto portador de recordações, é necessário encará-lo, na obra, como recurso para a manutenção da autoridade masculina.

Embora Firdaus seja mobilizada em uma esfera onde há o cerceamento de seus direitos, nesse caso, refiro-me ao direito de sentir prazer sexual, considero que ela também demonstra a produção de rupturas. E é nessa questão que reside a elaboração do corpo feminino por Saadawi (2008): seu caráter de transgressão, como aspecto inexorável para a compreensão de quem é a protagonista. É possível ver essa característica no desejo de que a personagem tem de possuir o seu próprio corpo, de ter de volta o acesso às sensações perdidas. Essa busca está presente tanto em cenários adversos, como quando ela questiona a sua cafetina, Sharifa, se não seria possível, mesmo na profissão, sentir algum prazer:

Um dia eu perguntei a Sharifa: “Por que eu não sinto nada?”. “Nós trabalhamos, Firdaus, nós só trabalhamos. Não misturo sentimento com trabalho”. “Mas eu quero sentir, Sharifa”. Eu exclamei. “Você não vai ter nenhum sentimento além de dor”. “Não há prazer a ser sentido, nem mesmo o menor prazer?” (SAADAWI, 2008, p. 60, tradução minha)³³.

A inquietação da Firdaus pauta-se na resistência e na busca por sentir algo mais além da lacuna deixada pela circuncisão, mesmo no ambiente hostil e violento da prostituição, fazendo com que o seu questionamento beire a ingenuidade, mas projetando um desejo pela diferença, e a recusa à resignação.

O segundo aspecto que listei enquanto relevante para uma melhor compreensão da protagonista, trata da elaboração da subalternidade de seu corpo. Este artifício sobressai logo nos primeiros anos da vida de Firdaus, quando ela

³³ “One day I asked Sharifa: ‘Why don’t I feel anything?’. ‘We work, Firdaus, we just work. Don’t mix feeling with work’. ‘But I want to feel, Sharifa’ I exclaimed. ‘You will get nothing out of feeling except pain’. ‘Is there no pleasure to be had, even the slightest pleasure?’” (SAADAWI, 2008, p. 60).

entende que há um caráter de submissão que a envolve. Destaco um trecho onde a personagem relembra a infância com a sua família:

Meu pai, um pobre camponês que não sabia nem ler nem escrever. Sabia poucas coisas na vida como plantar, vender um búfalo que foi envenenado por seu inimigo antes dele morrer, *trocar sua filha virgem por um dote quando fosse o tempo [...] bater em sua esposa e quebrá-la em pedaços todas as noites*. (SAADAWI, 2008, p.10, tradução minha, grifo meu)³⁴.

Na relação com o pai, Firdaus está demarcada como mais uma mercadoria a ser negociada. Sendo assim, o corpo feminino é traduzido, na narrativa de Saadawi (2008), como algo que não pertence às mulheres, tendo o seu destino firmado desde os primeiros anos: assujeitado ao outro. Essa questão da desvalorização do corpo feminino, em *Woman at Point Zero*, mostra-se em outra passagem do livro, que delineia a disparidade do comportamento do pai, após a morte de uma criança do sexo masculino.

Quando a criança que morria era uma menina, meu pai comeria sua sopa, minha mãe lavaria suas pernas e então ele dormiria, como fazia todas as noites. Quando uma das crianças que morria era um menino, meu pai bateria na minha mãe e então tomaria a sopa e dormiria. (SAADAWI, 2008, p.17, tradução minha)³⁵.

Neste trecho, a perda de uma menina é tida como um fato natural, que não causa aborrecimentos ao seu pai. Em contrapartida, quando há a morte de um menino, ele demonstra insatisfação e bate na esposa. É possível observar um duplo apagamento do feminino: em primeiro lugar a ausência de valorização de seus corpos; em segundo, a culpabilização da mulher quando perde um filho do sexo masculino. Esses comportamentos quando recontados pela protagonista são importantes para o entendimento de sua construção na obra, pois, desde a infância, ela é ensinada a respeito da subvalorização de seu corpo.

³⁴ “My father, a poor peasant farmer, who could neither read nor write, knew very few things in life. How to grow crops, how to sell a buffalo poisoned by his enemy before it died, how to Exchange his virgin daughter for a dowry when there was still time. [...] How to beat his wife and make her bite the dust each night” (SAADAWI, 2008, p. 10).

³⁵ “When one of his female children died, my father would eat his supper, my mother would wash his legs, and then he would go to sleep, just as he did every night. When the child that died was a boy, he would beat my mother, then have his supper and lie down to sleep” (SAADAWI, 2008, p. 17).

No cerne desta depreciação, destaco outra característica esboçada pelo comportamento do pai: trata-se das possibilidades de luto na sociedade de *Woman at Point Zero*. Que vida é passível de luto nessa sociedade patriarcal? Sobre essa questão, Judith Butler (2011) afirma, no livro *Quadros De Guerra: Quando a Vida é Passível de Luto?* que há uma espécie de esvaziamento humano capaz de direcionar a compaixão da sociedade, indicando então quais vidas devem ser passíveis de luto ou não:

O processo de esvaziamento do humano feito pela mídia por meio da imagem deve ser entendido, no entanto, nos termos do problema mais amplo de que esquemas normativos de inteligibilidade estabelecem aquilo que será e não será humano, o que será uma vida habitável, o que será uma morte passível de ser lamentada. Esses esquemas normativos operam não apenas produzindo ideais do humano que fazem diferença entre aqueles que são mais e os que são menos humanos. [...] Mas muitas vezes esses esquemas normativos funcionam precisamente sem fornecer nenhuma imagem, nenhum nome, nenhuma narrativa, de forma que ali nunca houve morte tampouco houve vida. Estas são duas formas distintas de poder normativo: um opera produzindo uma identificação simbólica do rosto com o inumano, por meio da forclusão de nossa apreensão do humano na cena. A outra funciona por meio de um apagamento radical, como se nunca tivesse existido um humano, nunca houvesse existido uma vida ali. (BUTLER, 2011, p. 28-29).

A partir das reflexões propostas por Butler (2011), é possível identificar que na narrativa de Saadawi (2008) os corpos femininos não estão no patamar de corpos passíveis de luto. Este esvaziamento da humanidade organiza-se enquanto um procedimento padrão na patriarquia proposta pelo livro, pois o único corpo que tem acesso ao status de humano é o corpo masculino, como demonstrado no trecho do luto do pai de Firdaus.

Relativo à questão da inumanidade, enquanto aspecto inerente às mulheres da obra destaco, no trecho abaixo, o momento em que, mesmo diante das adversidades, a personagem insiste em construir uma autorreferenciação positiva. Esse posicionamento evidencia os ruídos que ela produz na narrativa, sob a forma de resistência diante do sistema.

Às vezes eu imaginava que eu me tornaria uma médica ou uma engenheira ou uma advogada ou uma juíza. [...] Eu continuava me imaginando como uma grande líder ou chefe de estado. Eu sabia que

mulheres não se tornavam chefe de Estado mas eu sabia que eu não era como as outras mulheres. (SAADAWI, 2008, p. 24-25)³⁶.

Ao sonhar com a possibilidade de um cargo importante, Firdaus desloca sua identidade feminina e as impossibilidades que esse estado traz. Mas, ao pensar que se sobressai como mulher e que é diferente das demais, ela cria uma fenda imaginária onde seria possível acessar empregos direcionados aos homens. Isso exemplifica que a opressão de gênero, na obra, também está instituída através da opressão econômica, sob a capa da impenetrabilidade das mulheres em âmbitos de maior prestígio financeiro da sociedade.

Além dessas características, esse trecho evidencia que as carências sofridas pelos grupos subalternizados, no que tange à representatividade, tomam uma grande proporção na construção de suas subjetividades. Nesse raciocínio, situam-se sentimentos que beiram à rejeição e ao não-reconhecimento do corpo a que Firdaus foi destinada. Tais sentimentos fazem parte do mecanismo que propõe uma forma de enquadramento no sistema patriarcal: um modo de ser aceita, de não ser subjugada.

Por essas razões, há o distanciamento da protagonista em relação ao seu corpo. Sobre a autorrejeição, ressalto o pensamento das críticas Susan Gubar e Sandra Gilbert (1979), proposto no livro *The Madwoman in the Attic: The Woman Writer and the Nineteenth-Century Literary Imagination*, no qual as autoras discutem acerca das mulheres sentirem enojamento por seus próprios corpos, por uma simples característica: são femininos. “Tantas mulheres reais por tanto tempo expressaram repugnância (ou pelo menos ansiedade a respeito) de seus próprios corpos, inexoravelmente femininos” (GILBERT, GUBAR, 1979, p. 34, tradução minha)³⁷.

Proponho, então, o seguinte questionamento: como seria possível projetar, no âmbito da literatura, um feminino que não produza náusea nas próprias mulheres? A potencialidade da elaboração, proposta por Saadawi (2008), inscreve-se exatamente nesse espaço, onde Firdaus, ao longo do livro, passa a não sentir repugnância por seu próprio corpo, mas, ao mesmo tempo, não se conforma com as padronizações indicadas para o seu gênero. Características que fabricam o que é o feminino na obra e ajudam a compreender melhor a sua construção. No trecho abaixo, a protagonista

³⁶ “Sometimes I imagined that I would become a doctor, or an engineer, or a lawyer, or a judge [...] I kept imagining myself as a great leader or head of state. I knew that women did not become heads of state, but I felt that I was not like other women” (SAADAWI, 2008, p. 24-25).

³⁷ “So many real women have for so long expressed loathing of (or at least anxiety about) their own, inexorably female bodies” (GILBERT, GUBAR, 1979, p. 34).

argumenta sobre a trajetória de sua vida e como sempre esteve em busca de sentimentos que lhe proporcionassem orgulho, ultrapassando os relativos à subalternidade:

Deixe-me falar. Não me interrompa. Eu não tenho tempo para ouvi-la. Eles estão vindo me levar às seis horas desta noite. Amanhã de manhã eu não vou mais estar aqui [...] *Esta jornada para um lugar desconhecido para todas as pessoas me enche de orgulho*. Toda a minha vida eu estive procurando por algo que me enchesse de orgulho e que me fizesse sentir superior a todas as pessoas, inclusive reis, príncipes e governantes. (SAADAWI, 2008, p. 9, grifo meu, tradução minha)³⁸.

Firdaus consegue subverter o fato de seu corpo estar constituído na beira da sociedade, e o eleva para um posicionamento de orgulho, revelando, então, sua potência reativa produzida em relação à comunidade de *Woman at Point Zero*.

Atrelada à certeza da subalternidade, que é confrontada com os sentimentos de orgulho, e à perenidade da circuncisão, que também é combatida pela busca incessante de sentir algo mais além dos sentimentos que a sociedade permite, encontra-se o terceiro e último aspecto que selecionei enquanto relevante para a compreensão da elaboração de Firdaus na narrativa. Neste, Saadawi (2008) apresenta uma questão paradigmática: a protagonista traz consigo uma verdade, que só lhe é revelada no final da vida e que a separa do resto do mundo. Trata-se da impossibilidade de escape diante do sistema.

Depois de anos sobrevivendo às subjugações da sociedade, ao final do livro, ela se depara com o fato de que não poderia vencer a sociedade que oprime as mulheres, tampouco, ter esperança em uma improvável mudança. Sendo assim, a solução mais coerente que encontra é a de não mais ceder ao patriarcado, o que significa que não será possível sobrepujá-lo.

Estou falando a verdade agora sem qualquer dificuldade. Pois a verdade é sempre fácil e simples. E em sua simplicidade reside um poder selvagem. Eu só cheguei às verdades selvagens e primitivas da vida depois de anos de luta. Pois é muito raro que as pessoas possam chegar às simples, mas impressionantes e poderosas verdades da vida, depois de apenas alguns anos. E a verdade é como a morte no

³⁸ “Let me speak. Do not interrupt me. I have no time to listen to you. They are coming to take me at six o'clock this evening. Tomorrow morning I shall no longer be here [...] This journey to a place unknown to everybody on this earth fills me with pride. All my life I have been searching for something that would fill me with pride, make me feel superior to everyone else, including kings, princes, and rulers” (SAADAWI, 2008, p. 9).

que mata. Quando matei, fiz com a verdade, não com uma faca. É por isso que eles estão com medo e com pressa de me executar. Eles não temem minha faca. É a minha verdade que os assusta. Essa terrível verdade me dá muita força. Protege-me de temer a morte, a vida, a fome, a nudez ou a destruição. É a terrível verdade que me impede de temer a brutalidade de governantes e policiais. (SAADAWI, 2008, p. 9, tradução minha)³⁹.

A verdade encontrada protege a protagonista das intempéries da vida e a inibe de projetar sentimentos, mesmo os ligados ao medo. Considero que a sua luta, direcionada às necessidades básicas de sobrevivência, culmina na aceitação da impossibilidade de transitar pelo mundo androcêntrico. Essa certeza funciona como uma arma capaz de quebrar a roda do patriarcado, e é por essa razão que os homens a temem. Ela tem convicção de que as violências sofridas desde a infância, dentre elas, a circuncisão e a subalternidade de seu corpo, constituem-se em injustiças, tornando sua projeção em um corpo real: a personagem tem sede de justiça, embora, acredite que se caracteriza como um desejo impossível.

Para finalizar esse subcapítulo, que consistiu em realçar as características marcantes que envolvam Firdaus, destaco o trecho em que a narradora descreve seus sentimentos ao encontrar a protagonista, no momento em que ela está prestes a ser levada para a execução de sua pena de morte:

Eu estava nua e não sabia nadar. Mas eu não senti frio nem me afoguei em suas águas. A voz dela estava agora em silêncio, mas seu eco permaneceu em meus ouvidos, como um som leve distante. Como as vozes que se ouvem em um sonho. Parecem vir de longe, embora estejam perto ou pareçam estar próximas, embora venham de longe. Nós não sabemos de fato de onde elas surgem. De cima ou de baixo. Da nossa esquerda ou da nossa direita. Talvez até pensem que vêm das profundezas da terra, que caem dos telhados ou que caem dos céus ou podem até fluir de todas as direções, como o ar que se move no espaço e atinge nossos ouvidos. Mas isso não era ar fluindo em meus ouvidos. *A mulher sentada no chão na minha frente era uma mulher de verdade.* A voz que enchia meus ouvidos com seu som, ecoando na nuca, onde a janela e a porta estavam bem fechadas, era uma voz real. E eu estava certamente acordada. De repente a porta

³⁹ "I am speaking the truth now without any difficulty. For the truth is always easy and simple. And in its simplicity lies a savage power. I only arrived at the savage, primitive truths of life after years of struggle. For it is only very rarely that people can arrive at the simple, but awesome and powerful truths of life after only a few years. And truth is like death in that it kills. When I killed I did it with truth not with a knife. That is why they are afraid and in a hurry to execute me. They do not fear my knife. It is my truth which frightens them. This fearful truth gives me great strength. It protects me from fearing death, or life, or hunger, or nakedness, or destruction. It is the fearful truth which prevents me from fearing the brutality of rulers and policemen" (SAADAWI, 2008, p. 112).

foi aberta, revelando vários policiais armados. Eles a cercaram em um círculo e eu ouvi um deles dizer: “Vamos... sua hora chegou”. (SAADAWI, 2008, p. 113-114, tradução minha, grifo meu)⁴⁰.

É possível observar, nessa descrição, que a personagem possui algo que envolve sua existência, como um espectro que se traduz na possibilidade de sua vivência. O espanto da narradora e a sensação de estar em um sonho, após escutar o relato de sua vida, dão-se pelo fato de que aquela mulher, aquela experiência de vida e a sua respectiva força, no que concerne ao enfrentamento do patriarcado, são de fato reais, no âmbito da ficção. Essa magnitude pode indicar o porquê Saadawi (2008) escolheu o nome Firdaus para designar a sua protagonista: Firdaus significa paraíso em árabe.

⁴⁰ “I was naked and knew not how to swim. But I neither felt its cold, nor drowned in its waters. Her voice was now silent, but its echo remained in my ears, like a faint distant sound. Like the voices one hears in a dream. They seem to come from afar although they arise from close by, or seem to be nearby although they come from afar. We do not know in fact from where they arise. From above or below. To our left or our right. We might even think they come from the depths of the earth, drop from the rooftops or fall from the heavens. Or they might even flow from all directions, like air moving in space reaches our ears. But this was not air flowing into my ears. The woman sitting on the ground in front of me was a real woman. The voice filling my ears with its sound, echoing in the cell where the window and the door were tightly closed, was a real voice. And I was certainly awake. For suddenly the door was thrown open, revealing several armed policemen. They surrounded her in a circle, and I heard one of them say: ‘Let’s go... Your time has come’” (SAADAWI, 2008, p. 113-114).

2 QUANTO VALE UM CORPO?

2.1 NO LIMITE DA LUZ: SUBVALORIZAÇÃO DO CORPO FEMININO

A complexidade de proceder a uma análise centrada na construção do corpo feminino, em *Woman at Point Zero*, reside nas suas pequenas nuances, por vezes escorregadias, no que diz respeito ao limiar entre a exploração econômica e a de gênero. Com o propósito de entender melhor essa questão, que se mostra tão cara para Saadawi (2008) e para sua obra, tratarei neste subcapítulo acerca da valorização do corpo feminino, enquanto matéria depreciada.

Para tanto, a fim de estruturar a discussão centralizada na subalternidade financeira associada à de gênero enquanto produtoras de várias opressões, partirei dos seguintes eixos: a objetificação que culmina em abusos sexuais, o casamento como norma e a prostituição como escape, traduzidos pela concepção do corpo feminino na qualidade de substância mercadológica e, por fim, o amor não correspondido. A partir dessas relações, torna-se possível analisar quais valorações constituem Firdaus, em *Woman at Point Zero*.

A submissão financeira da protagonista manifesta-se desde o início da narrativa, durante a infância, com os seus pais no campo, descrita também sob o viés da alta mortalidade infantil em sua família:

Como a maioria das pessoas, eu tinha muitos irmãos e irmãs. Eles eram como pintos que se multiplicam na primavera, tremem no inverno e perdem suas penas, e no verão são atingidos por diarreia, desaparecem rapidamente e, um por um, entram num canto e morrem. (SAADAWI, 2008, p. 17, tradução minha)⁴¹.

Desse modo, partindo de sua subalternidade econômica, com o desenrolar da história, Firdaus passa a ser negociada na qualidade de substância sexual e monetária. A primeira vez em que isso acontece, é representada pelo diálogo travado entre o tio e a esposa, a respeito do futuro da protagonista após concluir o estudo secundário⁴²:

⁴¹ “For, like most people, I had many brothers and sisters. They were like chicks that multiply in spring, shiver in winter and lose their feathers, and the in summer are stricken with diarrhoea, waste away quickly and one by one creep into a corner and die” (SAADAWI, 2008, p. 17).

⁴² Com o intuito de facilitar a compreensão deste diálogo, é necessário antever algumas informações: Firdaus morou com os pais desde a infância, até a morte da mãe. Após esse acontecimento, ela passa a morar com o tio no Cairo e continua os seus estudos. Com o fim

“Para a universidade? Para um lugar onde ela estará sentada ao lado de homens? Um respeitado Xeique, um homem de religião como eu mandando sua sobrinha para misturar-se na companhia de homens?!”. “Sua santidade, eu tenho uma ideia maravilhosa [...] Meu tio, o Xeique Mahmoud, é um homem virtuoso. Ele tem uma pensão grande, não tem filhos e está sozinho desde que sua esposa morreu no ano passado. Se ele se casar com Firdaus, ela terá uma boa vida, e ele poderá encontrar nela uma esposa obediente, que o servirá e aliviará sua solidão. Firdaus cresceu, sua santidade, e deve ser casada. É arriscado para ela continuar sem um marido. Ela é uma boa menina, mas o mundo está cheio de bastardos” [...] “E se Firdaus recusá-lo?”. “Por que ela o recusaria? Esta é a sua melhor chance de se casar. Não esqueça o nariz que ela tem. É grande e feio como uma caneca de lata. Além disso, ela não herdou nada e não tem renda própria. Nunca encontraremos um marido melhor para ela do que o Xeique Mahmoud” (SAADAWI, 2008, p. 37-38, tradução minha)⁴³.

É razoável extrair desse trecho dois principais pontos para discussão: o primeiro versa sobre a negação da educação para as mulheres; o segundo, sobre a lacuna de chances da protagonista diante do caminho que a aguarda.

A impossibilidade de acesso a um nível maior de educação é conduzida pelas vias do patriarcado e está pautada na premissa de que seria vexatório para uma mulher estudar ao lado de homens. Assim, há a continuidade de sua posição na sociedade: assujeitada. Desse modo, a educação, em *Woman at Point Zero*, funciona como um instrumento para a manutenção do *status quo* da sociedade. Visto que o próprio tio comenta sobre a dificuldade que Firdaus teria para se inserir no mercado de trabalho apenas com a escolaridade que possui: “Não é fácil encontrar trabalho nos dias de hoje, quando tudo o que você tem é um certificado de escola secundária” (SAADAWI, 2008, p. 36, tradução minha)⁴⁴.

do colégio e o casamento do tio, a protagonista passa a não mais ter espaço na casa, tornando-se um estorvo. No diálogo, eles tentam encontrar uma solução para que Firdaus saia de casa.

⁴³ “To the university? To a place where she will be sitting side by side with a men? A respected Sheikh and man of religion like myself sending his niece off to mix in the company of a men?!”. “Your holiness, I have a wonderful idea [...] My uncle, Sheikh Mahmoud, is a virtuous man. He has a big pension and no children, and he's been on his own since his wife died last year. If he marries Firdaus she will have a good life with him, and he can find in her an obedient wife, who will serve him and relieve his loneliness. Firdaus has grown, your holiness, and must be married. It is risky for her to continue without a husband. She is a good girl but the world is full of bastards” [...] “Supposing Firdaus refuses him”. “Why should she refuse him? This is her best chance to get married. Do not forget what a nose she has. It's a big and ugly like a tin mug. Besides, she has inherited nothing, and has no income of her own. We will never find a better husband for her than Sheikh Mahmoud” (SAADAWI, 2008, p. 37-38).

⁴⁴ “It's not easy to find work these days when all you have is a secondary school certificate” (SAADAWI, 2008, p. 36).

Nesta trincheira econômica/sexual, o destino da protagonista manifesta-se: o casamento configura-se enquanto a maneira mais acertada de lhe proporcionar uma vida melhor. Como Davis (2017, p. 130) lembra: “A batalha pela igualdade feminina [...] deve ter como alvo áreas específicas, como o desproporcional fardo da pobreza carregado pelas mulheres, a discriminação no mercado de trabalho”. Logo, desponta na narrativa, que a personagem só teria equivalência no âmbito financeiro e sendo assim de gênero, se obtivesse um maior grau de escolaridade para que pudesse trabalhar, o que não acontecerá, pois contraria os interesses do sistema.

No cerne do pensamento onde existe a carência financeira das mulheres, proporcionada pela impossibilidade de trabalho, faço referência à socióloga Silvia Camurça (2007), no artigo intitulado *‘Nós Mulheres’ e nossa experiência comum*, ao indicar que no patriarcado a dominação funciona a partir de uma série de mecanismos, dentre eles, a dependência econômica:

Há mecanismos que sustentam o sistema de dominação, através dos quais a dominação se reinventa, reproduz e perdura. Proponho considerarmos quatro mecanismos principais: 1. A prática da violência contra as mulheres para subjugar-las, 2. O controle sobre o corpo, sexualidade e a vida reprodutiva das mulheres, 3. *A manutenção das mulheres em situação de dependência econômica* e 4. A manutenção, no âmbito do sistema político e práticas sociais, de interdições à participação política das mulheres. (CAMURÇA, 2007, p. 6, grifo meu).

Partindo dessa premissa, mostra-se interessante que as mulheres continuem sendo subjugadas por meio da sujeição financeira, necessária para que se projete um corpo acoado e obediente. Para exemplificar essa questão, cito a continuação do diálogo entre os tios da protagonista a respeito do casamento: “Pretendo pedir-lhe um grande dote”. “Quanto?”. “Cem libras, ou talvez até duzentas, se ele tiver o dinheiro”. “Se ele pagar cem libras, então Allah será realmente generoso conosco, e eu não seria tão ganancioso a ponto de pedir mais” (SAADAWI, 2008, p. 38, tradução minha)⁴⁵. A partir do dote, inicia-se o processo de comercialização da personagem enquanto moeda que, neste caso, servirá para salvar a situação financeira do tio, demonstrando que a sua submissão é economicamente interessante à figura masculina do tio.

⁴⁵ “I intend to ask him for a big dowry”. “How much?”. “A hundred pounds or perhaps even two hundred if he has the money”. “If he pays a hundred pounds, then Allah will indeed have been generous to us, and I would not be so greedy as to ask for more” (SAADAWI, 2008, p. 38).

Destaco que através da desvalorização de seu corpo, impõe-se outra característica: a sexualização. Isso acontece porque a subordinação, na obra, também é estruturada pela via da objetificação das mulheres, ocasionando os estupros e os assédios descritos ao longo do enredo. Estas situações são comumente associadas a um direito masculino sobre as mulheres, como uma forma de hierarquização e de manutenção da dominação.

Para expor o que entendo por objetificação, faço referência ao pensamento da teórica Sandra Lee Bartky (1990), no livro *Femininity and Domination: Studies in the Phenomenology of Oppression*, que classifica a objetificação da seguinte forma:

Uma pessoa é sexualmente objetificada quando suas partes sexuais ou funções sexuais são separadas do resto de sua personalidade e reduzidas ao status de meros instrumentos ou então consideradas como se fossem capazes de representá-la. (BARTKY, 1990, p. 26, tradução minha)⁴⁶.

Sendo assim, na patriarquia, o ato de objetificar as mulheres significa a redução de sua interioridade e de seu âmago à simples parte sexual. Nessa construção, instaura-se o incentivo à despossessão do próprio corpo feminino, que se torna, então, uma entidade partilhada, sem individualidade e, portanto, passível de ser encarado de qualquer forma pelas outras pessoas.

Seguindo dessa característica, aponto um trecho de *Woman at Point Zero* no qual é possível observar tal processo desde a infância da personagem. Também, demonstro que ele pode vir acompanhado de outra violência: o abuso sexual.

Minha galabeya⁴⁷ muitas vezes escorregava pelas minhas coxas, mas eu não prestava atenção no momento em que vislumbrava a mão do meu tio movendo-se lentamente por trás do livro que ele estava lendo para tocar minha perna. No momento seguinte, pude senti-lo subindo pela coxa com um movimento cauteloso, furtivo e trêmulo. Sempre que houvesse o som de um passo na entrada da nossa casa, ele retiraria a mão rapidamente. Mas sempre que havia silêncio ao nosso redor [...] o som de sua respiração regular me alcançava por trás do livro. Eu não conseguia dizer se ele estava roncando baixinho em seu sono ou bem acordado e ofegante. Sua mão continuaria a pressionar minha coxa com uma insistência quase brutal [...] Meu tio não era jovem. Ele

⁴⁶ “A person is sexually objectified when her sexual parts or sexual functions are separated out from the rest of her personality and reduced to the status of mere instruments or else regarded as if they were capable of representing her” (BARTKY, 1990, p. 26).

⁴⁷ Galabeya é uma roupa tradicional egípcia originária do Vale do Nilo.

era muito mais velho do que eu. (SAADAWI, 2008, p. 13, tradução minha)⁴⁸.

No excerto, evidencia-se que o tio de Firdaus a abusava frequentemente, introduzindo desde a sua infância, a sexualização de seu corpo. Embora a protagonista não conseguisse identificar racionalmente o que estava acontecendo na postura do tio, percebia que tal ato não era realizado de modo natural, pois sempre que alguém aparecia, ele procurava disfarçar o que estava fazendo. Nessa esteira, é importante sublinhar que a violência sexual no seio da família estabelece-se enquanto um fator comum, no que concerne à violência contra as mulheres. Recordo o documento proposto pelo comitê da *Convenção sobre a eliminação de todas as formas de discriminação contra as mulheres* realizado pela ONU (1992):

A violência familiar constitui uma das formas mais insidiosas de violência contra as mulheres. Esta violência é prevalente em todas as sociedades. No seio das relações familiares, as mulheres de todas as idades estão sujeitas a todos os tipos de violência, entre as quais maus tratos, a violação e outras formas de violência de caráter sexual, mental e aquelas perpetradas por atitudes tradicionais. A falta de independência econômica obriga muitas mulheres a permanecerem em relacionamentos violentos. A ab-rogação das suas responsabilidades familiares por parte dos homens pode constituir uma forma de violência e de coerção. Estas formas de violência colocam a saúde da mulher em risco e prejudicam a sua capacidade de participarem na vida familiar e pública numa base de igualdade. (ONU, 1992, p. 1, grifo meu).

Por configurar-se uma prática comum em todas as sociedades, a violência sexual atrelada à objetificação por parentes, apresenta-se de forma traiçoeira, exercida pela estrutura social que deveria inspirar proteção e segurança. Mas, em vez disso, são projetadas as tentativas de subalternização do corpo, como retratado no trecho em que o tio abusa de Firdaus. O trecho da ONU (1992) aponta que esse respectivo tipo de violência está ancorado na dependência econômica, constituindo-

⁴⁸ “My gallabeya often slipped up my thighs, but I paid no attention until the moment when I would glimpse my uncle's hand moving slowly from behind the book he was reading to touch my leg. The next moment I could feel it traveling up my thigh with a cautious, stealthy, trembling movement. Every time there was the sound of a footstep at the entrance to our house, his hand would withdraw quickly. But whenever everything around us lapsed into silence [...] the sound of his regular breathing reaching me from behind the book so that I could not tell whether he was snoring quietly in his sleep or wide awake and panting, his hand would continue to press against my thigh with a grasping, almost brutal insistence [...] My uncle was not young. He was much older than I was”. (SAADAWI, 2008, p. 13).

se em uma inter-relação com a opressão de gênero que engendra a manutenção da dominação masculina, como proposto por Davis (2017) e Silvia Camurça (2007).

Continuando nessa linha de raciocínio, apresento outro exemplo de violência sexual sofrida pela protagonista, baseada exatamente na submissão financeira e na manutenção dos costumes tradicionais referentes ao casamento. Trata-se do abuso praticado por seu marido. Mais uma vez, demonstrando que os primeiros abusos partem de pessoas da família.

À noite, ele enrolava as pernas e os braços em volta de mim e deixava sua mão velha e retorcida viajar por todo o meu corpo, como as garras de um homem faminto, que foi privado de comida por muitos anos, limpando a tigela de comida. Não deixando uma única migalha para trás [...] Quando seus braços e pernas me soltavam, eu gentilmente deslizava o meu corpo por debaixo dele e ia na ponta dos pés até o banheiro. Lá, eu cuidadosamente lavava o meu rosto e os meus lábios, os meus braços e as minhas coxas e cada parte do meu corpo, tomando cuidado para não perder um único centímetro, passando o sabão e a água por cima dele várias vezes. (SAADAWI, 2008, p. 45-46, tradução minha)⁴⁹.

O trecho apresenta um aspecto de enojamento por parte da personagem em relação ao seu marido, caracterizado pela preocupação com a higienização de seu corpo, após a relação sexual. O que cabe observar é que, apesar de tais sentimentos, ela parece considerar aquela situação como corriqueira, pelo fato de significar uma espécie de obrigação, alicerçada na socialização feminina, na qual mulheres devem realizar atos sexuais. A respeito dessa proposição, faço referência ao livro *The Prostitution of Sexuality*, no qual Kathleen Barry (1995) afirma: “A sexualização da sociedade constrói a feminilidade como uma “essência [...] Como corpo sexuado, a mulher se torna universal” (BARRY, 1995, p. 21, tradução minha)⁵⁰.

Através desse ponto, sublinho que a subvalorização do corpo feminino constitui-se, no patriarcado presente em *Woman at Point Zero*, como um pilar de sustentação ideológico, o qual concebe que as mulheres estão em um patamar inferior

⁴⁹ “At night he would wind his legs and arms around me, and let his old, gnarled hand travel all over my body, like the claws of a starving man who has been deprived of real food for many years wipe the bowl of food clean, and leave not a single crumb behind [...] When his arms and legs let go of me, I would gently slip my body out from under him, and go on tiptoe to the bathroom. There I would carefully wash my face and lips, my arms and thighs, and every part of my body, taking care not to miss a single inch, going over it several times with soap and water” (SAADAWI, 2008, p. 45-46).

⁵⁰ “Sexualization of society constructs femaleness as an ‘essence’ [...] As sexed body, woman is made universal” (BARRY, 1995, p. 21)”.

aos homens, sendo construído por meio da exploração sexual, que pode incidir no âmbito familiar e da prostituição, dentre outros.

No percurso dessas violações, em um determinado momento do livro, a protagonista reconhece o *modus operandi* pelo qual se concebem os abusos, passando a questionar o delineamento de seu corpo no mundo que a cerca: “Eu não sou uma prostituta. Mas desde os meus primeiros dias o meu pai, o meu tio e o meu marido, todos eles, me ensinaram a crescer como uma prostituta” (SAADAWI, 2008, p. 108, tradução minha)⁵¹. A constatação de Firdaus acontece após a compreensão de que a subordinação feminina, em *Woman at Point Zero*, passa pela sexualização das mulheres, que é imposta, também, pela via da manutenção da desigualdade social, que tanto interessa ao patriarcado.

A respeito da afirmação da personagem, sobre ter sido ensinada a ser uma prostituta pelos homens de sua família, indico o artigo intitulado *A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade*, da pesquisadora Silvana Goellner (2010).

[O corpo é um] produto de um intrínseco inter-relacionamento entre natureza e cultura. Em outras palavras: o corpo não é algo que está dado a priori. Ele resulta de uma construção cultural sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos etc [...] Com isso estou afirmando que o corpo é educado por meio de um processo contínuo e minucioso, cuja ação vem conformando formas de ser, de parecer e de se comportar. Educa-se o corpo na escola e fora dela: na religião, na mídia, na medicina, nas normas jurídicas, enfim, em todos os espaços de socialização com os quais nos deparamos cotidianamente. (GOELLNER, 2010, p. 73-74).

Desse modo, é possível observar que o corpo feminino, enquanto produto cultural e materializado em Firdaus, é educado pela sociedade para que signifique uma matéria que expõe certa disponibilidade, da qual os homens podem ter acesso. A protagonista, pelas suas próprias palavras, afirma ter crescido dessa forma, por ter sido ensinada a comportar-se desse jeito. Por essa razão, iniciou na prostituição, nesse caso, como uma forma sistêmica de acesso às mulheres.

A prostituição emerge, em *Woman at Point Zero*, como mantedora de aspectos relacionados às subalternidades, proporcionada pelo gênero e pela classe, sendo a

⁵¹ “I am not a prostitute. But right from my early days my father, my uncle, my husband, all of them, taught me to grow up as a prostitute”. (SAADAWI, 2008, p. 108).

subvalorização dos corpos traduzida nesse trilho. “A exploração sexual é uma condição política, o fundamento da subordinação das mulheres e a base a partir da qual a discriminação contra as mulheres é construída e promulgada” (BARRY, 1995, p. 11, tradução minha)⁵².

Ressalto, no cerne dessa condição política, que a prostituição funciona, na narrativa, como uma instituição de objetificação, amparada na carência financeira das mulheres. Abaixo, cito o trecho em que Firdaus descreve a sua rotina enquanto prostituta:

Eu nunca costumava sair de casa. Na verdade, nunca saía do quarto. Dia e noite deitada na cama, crucificada, e a cada hora um homem entrava. Havia muitos deles. Eu não entendia de onde eles poderiam vir. Pois todos eram casados, todos educados, todos carregando bolsas e carteiras de couro inchadas nos bolsos internos. Suas gordurinhas inchadas, pendiam com muita comida, e seu suor corria copiosamente, enchendo minhas narinas com um cheiro fétido, como água estagnada, como se tivesse sido retido em seus corpos por um longo tempo. Virava o meu rosto, mas eles insistiam em puxá-lo de volta, enterrando meu nariz no cheiro de seus corpos. Eles cravaram suas longas unhas em minha carne e eu fechava os meus lábios com força, tentando sufocar qualquer expressão de dor, para conter um grito, mas apesar dos meus esforços, eles se separariam e soltariam um gemido baixo e abafado. Muitas vezes o homem ouvia e murmurava estupidamente no meu ouvido: “Você sente prazer?”. Em resposta eu franziria os meus lábios e me prepararia para cuspir na cara dele, mas ele começaria a mordê-los com os dentes. (SAADAWI, 2008, p. 61, tradução minha)⁵³.

Nesse fragmento, sobressai a caracterização da elaboração do corpo feminino, quando prostituído, por Saadawi (2008). A protagonista relata repulsa completa diante de tais estupros. Além de demonstrar que não gostaria de estar naquele lugar, que se

⁵² “Sexual exploitation is a political condition, the foundation of women's subordination and the base from which discrimination against women is constructed and enacted” (BARRY, 1995, p. 11).

⁵³ “I never used to leave the house. In fact, I never even left the bedroom. Day and night I lay on the bed, crucified, and every hour a man would come in. There were so many of them. I did not understand where they could possibly have come from. For they were all married, all educated, all carrying swollen leather bags, and swollen leather wallets in their inner pockets. Their swollen heavy paunches hung down with too much food, and their sweat ran copiously, filling my nostrils with a fetid smell, like stagnant water, as though it had been held back in their bodies for a long time. I turned my face away, but they insisted on pulling it back, on burying my nose in the smell of their bodies. They dug their long nails into my flesh and I would close my lips tightly trying to stifle any expression of pain, to hold back a scream, but in spite of my efforts they would part and let out a low, muffled moan. Often the man would hear it and mutter stupidly in my hear, 'Do you feel good?' In answer I would purse my lips and prepare to spit in his face, but he would start biting them with his teeth” (SAADAWI, 2008, p. 61).

sente “crucificada” e que desejava cuspir-lhes nos rostos. Todas essas traduções de sentimentos de repúdio constituem-se como um alicerce primário para a compreensão do que pode significar a sexualização das mulheres nas sociedades patriarcais. Culminando, inclusive, no entendimento posterior de Firdaus, sobre como essa sexualização desemboca na prostituição.

Saadawi (2008) constrói a imagem da prostituta como uma mulher crucificada e objetificada. O que demonstra a potencialidade literária como uma linguagem cultural, que nos ajuda a construir perspectivas no que tange à elaboração do mundo e, no presente trabalho, do corpo feminino, aproximando a experiência da personagem aos respectivos leitores. A esse respeito, cito a crítica literária Rita Felski (2003), no livro *Literature After Feminism*:

A literatura é uma das linguagens culturais pela qual entendemos o mundo. Ela ajuda a construir o nosso senso de realidade em vez de simplesmente refleti-lo. Ao mesmo tempo, também se baseia, ecoa, modifica e repele nossas outras estruturas de construção de sentido. Nenhum texto é uma ilha. (FELSKI, 2003, p. 13, tradução minha)⁵⁴.

Os abusos sexuais sofridos pela protagonista, também, ocorrem além do condicionamento de sua família e da prostituição. Após fugir das agressões físicas que sofria do marido, ela conhece Bayoumi, um homem que trabalha em um café e lhe oferece abrigo, afirmando que com o tempo, lhe conseguirá um emprego. “Seu nome era Bayoumi. Quando eu levantei os meus olhos e olhei em seu rosto, não senti medo” (SAADAWI, 2008, p. 49, tradução minha)⁵⁵.

É importante observar que Firdaus devota toda a sua confiança quando afirma que não sentiu medo ao encará-lo. A personagem, então, decide morar com ele, ocupando seus dias com as tarefas domésticas. Após um tempo, questiona a sua própria presença no apartamento, ao que ele responde de forma grosseira, indicando a hierarquização presente no patriarcado. No momento seguinte, a agride fisicamente e a estupra pela primeira vez.

Eu estava falando em voz baixa, e meus olhos estavam fixos no chão, mas ele pulou e me deu um tapa no rosto, dizendo: “Como você ousa

⁵⁴ “Literature is one of the cultural languages through which we make sense of the world; it helps to create our sense of reality rather than simply reflecting it. At the same time, it also draws on, echoes, modifies, and bounces off our other frameworks of sense-making. No text is an island” (FELSKI, 2003, p. 13).

⁵⁵ “His name was Bayoumi. When I lifted my eyes and looked into his face, I felt no fear” (SAADAWI, 2008, p. 49).

levantar a sua voz quando está falando comigo, sua mendiga, sua vagabunda?”. Sua mão era grande e forte, e foi o tapa mais pesado que eu já recebi no meu rosto. Minha cabeça balançou primeiro para um lado e depois para o outro. As paredes e o chão pareciam se mover violentamente. Eu segurei a minha cabeça nas mãos até que ela ficou parada novamente, então olhei para cima e nossos olhos se encontraram. Era como se eu estivesse vendo pela primeira vez os olhos que agora me confrontavam. Duas superfícies pretas que olhavam nos meus olhos, viajavam com um movimento infinitamente lento sobre o meu rosto e meu pescoço, e então caíam gradualmente sobre meu peito e minha barriga, para se fixarem em algum lugar logo abaixo, entre minhas coxas. Um calafrio, como o arrepio de morte, percorreu o meu corpo, e minhas mãos caíram instintivamente para cobrir a parte em que seu olhar estava fixo, mas suas mãos grandes e fortes moveram-se rapidamente para afastá-las. No momento seguinte, ele me bateu com o punho na barriga com tanta força que perdi a consciência imediatamente. Ele passou a me trancar no apartamento antes de sair. Eu passei a dormir no chão do outro quarto. Ele voltava no meio da noite, puxava o cobertor para longe de mim, batia no meu rosto e depois me empurrava com todo o seu peso. Eu mantinha os meus olhos fechados e abandonava o meu corpo e o mantinha lá sem movimento, esvaziado de todo desejo, prazer ou dor, sem sentir nada. Um cadáver sem vida, como um pedaço de madeira, uma meia vazia ou um sapato. (SAADAWI, 2008, p. 52-53, tradução minha)⁵⁶.

A valorização do corpo feminino é mensurada, dessa forma, na sexualização. A protagonista valia o que significava sua objetificação: destinada unicamente ao prazer masculino. A partir do momento em que ela começa a tecer questionamentos ou demonstra vontade de subverter a ordem estabelecida pela supremacia masculina, nesse caso, personificada por Bayoumi, ele passa a agir de forma diferente com ela. Destaco que, mais uma vez, os abusos sexuais estão ancorados na dependência

⁵⁶ “I was speaking in low tones, and my eyes were fixed on the ground, but he jumped up and slapped me on the face, saying, 'How dare you raise your voice when you're speaking to me, you street walker, you low woman?' His hand was big and strong, and it was the heaviest slap I had ever received on my face. My head swayed first to one side, then to the other. The walls and the floor seemed to shift violently. I held my head in my hands until they grew still again, then I looked upwards and our eyes met. It was as though I was seeing the eyes that now confronted me for the first time. Two jet black surfaces that stared into my eyes, traveled with an infinitely slow movement over my face, and my neck, and then dropped downwards gradually over my breast, and my belly, to settle somewhere just below it, between my thighs. A cold shiver, like the shiver of death, went through my body, and my hands dropped instinctively to cover the part on which his gazer was fixed, but his big strong hands moved quickly to jerk them away. The next moment he hit me with his fist in the belly so hard that I lost consciousness immediately. He took to locking me in the flat before going out. I now slept on the floor in the other room. He would come back in the middle of the night, pull the cover away from me, slap my face, and then bear down me with all his weight. I kept my eyes closed and abandoned my body. It lay there under him without movement, emptied of all desire, or pleasure, or ever pain, feeling nothing. A dead body with no life in it at all, like a piece of wood, or an empty sock, or a shoe” (SAADAWI, 2008, p. 52-53).

financeira, pois a personagem encontrava-se em vulnerabilidade quando aceitou a ajuda desse desconhecido.

Depois de apresentar as objetificações e abusos produzidos por formas violentas, procedo à demonstração da objetificação do corpo de Firdaus, a partir de um novo movimento, que não perpassa pela dependência financeira ou por um desejo unilateral: trata-se do amor que não é recíproco.

Após abandonar a prostituição, a protagonista passa a trabalhar em uma empresa, onde conhece Ibrahim, um executivo revolucionário, que se portava como um homem de ideais e acreditava em mudanças sociais. Ele era diferente dos homens que ela havia conhecido. Parecia admirá-la e a ouvia:

Naquele dia nós conversamos sobre tudo. Descrevi minha infância e o que havia acontecido com a minha vida no passado, e ele também falou de seus anos de infância e dos sonhos que tinha para o futuro [...] até falei com ele sobre coisas que escondia de mim mesma e me recusava a encarar. (SAADAWI, 2008, p. 89, tradução minha)⁵⁷.

É importante demarcar que o fato de Firdaus ter sua voz ouvida caracteriza-se como uma novidade em sua vida, pois nenhuma pessoa anteriormente havia demonstrado interesse em suas opiniões, em sua história de vida ou como ela enxergava o mundo. Isso indica como a patriarquia funciona: censuram-se as vozes das mulheres, proporcionando uma espécie de despersonalização feminina na sociedade. Se a mulher não tem voz, não tem direito. A esse respeito, Gayatri Spivak (2010) afirma, no livro *Pode o subalterno falar?*: “No contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade” (SPIVAK, 2010, p. 85). Sendo assim, sobressai a importância da personagem ter a sua voz ouvida, pela primeira vez, e de como essa peculiaridade ecoou no seu corpo enquanto uma faísca de valorização.

Após os encontros frequentes com Ibrahim, Firdaus descobre, por meio dos comentários de outros funcionários da empresa, que ele estava noivo de uma das filhas do presidente da instituição. A decepção que a traição de confiança significa para ela reside na abertura emocional para um homem, e sua esperança na potência da vida que havia sido renovada por completo: “O amor me fez uma pessoa diferente.

⁵⁷ “That day we talked about everything. I described my childhood, and what had happened to my life in the past, and he, too, spoke to me of his childhood years and the dreams he had for the future. [...] I even spoke to him about things I had hidden from myself, and refused to face” (SAADAWI, 2008, p. 85).

Tornou o mundo belo” (SAADAWI, 2008, p. 90, tradução minha)⁵⁸. Com o casamento de Ibrahim, Firdaus nunca mais o viu e não houve diálogos nem explicações. Mas, certo dia, o encontrou, por acaso, quando ele já estava casado, e insistiu para sair com ela. “Eu percebi que ele não estava realmente apaixonado por mim, mas só vinha até mim todas as noites porque não precisava pagar” (SAADAWI, 2008, p. 96, tradução minha)⁵⁹.

Ao constatar que o interesse de Ibrahim consistia unicamente no seu corpo, a protagonista entende que estava sendo valorada da forma mais baixa possível. Desse modo, emerge na narrativa uma espécie de negação no que concerne ao amor para as mulheres, produzindo um apagamento feminino diante das questões afetivas. Acerca desse assunto, sublinho o artigo intitulado *A política da escrita do corpo: écriture féminine*, da autora Arleen Dallery (1988): “O corpo da mulher é excessivamente determinado. Consequentemente, falar o corpo pressupõe um corpo real com suas construções anteriores a serem desconstruídas pela mulher no processo de se apropriar discursivamente de seu corpo” (DALLERY, 1988, p. 69). Portanto, entendo que o corpo feminino de Firdaus, carregado discursivamente por todas as mulheres que vieram antes da própria protagonista, estava submetido às dominações proporcionadas pela patriarquia, enquanto substância que existe no mundo de forma predeterminada.

O que porta-se de paradigmático na sua descoberta em relação às reais intenções de Ibrahim é que ela passa a ter consciência de que está constantemente sendo valorada em termos econômicos e sexuais, pois ele decide casar-se com a filha do dono da empresa. Essa constatação só aconteceu depois da personagem ter sido abusada de várias formas, como substância fadada a ser violada *por preço nenhum*. Visto que mesmo quando trabalhava na prostituição, o dinheiro recebido ficava com a sua cafetina.

Firdaus passa a entender que além de matéria sexualizada, o seu corpo também pode ser valorado em termos monetários. Isso acontece quando ela encontra um homem na rua que paga dez libras após ter lhe violado. O dinheiro, então, redimensiona a sua perspectiva de vida, pois ela percebe que aquele pedaço de papel poderia dar-lhe o mínimo de dignidade. Para exemplificar, cito a passagem abaixo que

⁵⁸ “Love made me a different person. It has made the world beautiful” (SAADAWI, 2008, p. 90).

⁵⁹ “I realized that he had not really been in love with me, but came to me every night only because he did not have to pay” (SAADAWI, 2008, p. 96).

trata do momento no qual a protagonista dirige-se a um restaurante para comprar comida e, pela primeira vez, não é constrangida durante a refeição.

Não era do meu pai e nem da minha mãe, mas meu; meu para que eu fizesse o que eu quisesse, comprasse o que eu quisesse, comesse com ele o que eu desejasse, seja doces, alfarrobas, molhos ou qualquer outra coisa que eu pudesse escolher [...] *Eu percebi que era o primeiro momento da minha vida em que eu estava comendo sem ser observada por dois olhos observando o meu prato para ver quanta comida eu comia [...] Era possível que um simples pedaço de papel pudesse fazer tal mudança?* (SAADAWI, 2008, p. 70, tradução minha, grifo meu)⁶⁰.

A partir desse excerto, é possível notar que ela passa a ter certa liberdade, proporcionada pelo dinheiro, bem como sensações que não experimentara antes, como o fato de poder comer sem receber julgamentos. O simples pedaço de papel, do qual Firdaus passa a ter acesso, muda a sua vida em definitivo, pois ela entende que é possível não sofrer humilhações em todas as esferas de sua existência.

Entretanto, após uma série de reflexões, a personagem conclui que a sua submissão aos homens estava ligada diretamente às situações que fazia com que estivesse em constante dependência econômica. Ao ter essa compreensão, ela subverte o sistema, chegando à resposta de como manter uma postura insubordinada. A resposta ecoa radicalmente: é necessário negar-se ao dinheiro:

Olhei para o dinheiro em minha mão e com uma fúria redobrada rasguei as notas restantes em pedaços. Era como se eu estivesse destruindo todo o dinheiro que eu já tinha recebido, a piastra de meu pai, a piastra de meu tio, todas as piastras que eu recebera e ao mesmo tempo destruindo todos os homens que eu conhecera, um após o outro em uma fileira: meu tio, meu marido, meu pai, Marzouk e Bayoumi, Di'aa, Ibrahim, e os despedaçando um após o outro, livrando-me deles de uma vez por todas, removendo todos os vestígios que suas piastras haviam deixado em meus dedos, arrancando a própria carne dos meus dedos para não deixar nada além de ossos, assegurando que nem um único vestígio daqueles homens permanecesse em mim. (SAADAWI, 2008, p 107, 108, tradução minha)⁶¹.

⁶⁰ "It was not my father's and not my mother's, but mine; mine to do with it what I wanted, to buy what I wanted, to eat with it whatever I desired, whether sweets, or carob, or molass sticks, or anything else I might choose [...] I realized this was the firts time in my life I was eating without being watched by two eyes gazing into my plate to see how much food I took [...] Was it possible that a mere piece of paper could make such a change?" (SAADAWI, 2008, p. 70).

⁶¹ "I returned to the money in my hand and with a redoubled fury tore the remaining bank notes into shreds. It was as though I was destroying all the money I had ever held, my father's piastre, my uncle's piastre, all the piastres I had ever known, and at the same time destroying all the

A conclusão de que o dinheiro daqueles homens servia como forma de sujeitar o seu corpo, elucidada, na concepção de Firdaus, a necessidade de libertação como única forma de estabelecer uma potencialidade feminina no patriarcado, e de projetar uma apreciação positiva de seu próprio corpo no livro.

Quantos foram os anos da minha vida que passaram antes que meu corpo e meu ser se tornassem realmente meus? [...] Quantos foram os anos da minha vida que se perderam antes que eu arrancasse meu corpo e meu ser das pessoas que me seguraram em suas mãos desde o primeiro dia? (SAADAWI, 2008, tradução minha, p. 73)⁶².

Sendo assim, após ter listado as possíveis valorações do corpo da protagonista, construídas sob a base das opressões de gênero e de classe, assim como dos ecos produzidos por essa relação, sobressai em Firdaus, ao fim da narrativa, a compreensão de que o seu corpo só seria verdadeiramente seu se não estivesse submetido ao dinheiro. Angela Davis (2017) afirma em *Mulheres, Cultura e Política*, que o fim da opressão feminina só seria possível de uma forma: “Assim como advento da opressão sexual das mulheres coincidiu com o advento da opressão de classe, para que o corpo das mulheres seja totalmente libertado é preciso eliminar o sistema social responsável por essa subjugação” (DAVIS, 2017, p. 126).

Desse modo, o princípio de liberdade que Firdaus passa a ter está estabelecido nessa lógica, da qual é necessário estagnar a roda de explorações mediadas pelo dinheiro. Mas como sobreviver em uma sociedade sem tecer relações econômicas? Ao perceber que não há escapatória, Firdaus assume uma postura expressiva: o destemor pela morte, a qual tratarei com mais profundidade na terceira seção deste trabalho.

men I had ever known, one after the other in a row: my uncle, my husband, my father, Marzouk and Bayoumi, Di'aa, Ibrahim, and tearing them all to pieces one after the other, ridding myself of them once and for all, removing every trace their piastres had left on my fingers, tearing away the very flesh of my fingers to leave nothing but bone, ensuring that not a single vestige of these men would remain at all” (SAADAWI, 2008, p. 107, 108).

⁶² “How many were the years of my life that went by before my body and my self became really mine? [...] How many were the years of my life that were lost before I tore my body and my self away from the people who held me in their grasp since the very first day?” (SAADAWI, 2008, p. 73).

2.2 A BANALIDADE DO ESTUPRO

Prosseguindo o estudo de como a valoração do corpo incide no processo de sua elaboração, proponho destrinchar a problemática do estupro como ação associada ao escárnio masculino, a partir das frases “what Prophet/Prophet what?”⁶³, utilizada pelos personagens. Nesse contexto, exercendo uma forma de desprestigiar o apelo à esperança baseada na religiosidade das vítimas. A priori, é importante dizer que, nessa obra, o estupro pode ser entendido como um mecanismo de imposição da autoridade patriarcal. Utilizarei, assim, exemplos dessa violência no âmbito do casamento e da prostituição, tais como os descritos por Saadawi (2008).

Inicialmente, discorro acerca da descredibilidade da palavra da mulher que está subentendida nos enunciados proferidos pelos personagens homens, ao indicar que a tomada no discurso, por parte das mulheres, carece de força, argumentação e veracidade. Este pensamento servirá de apoio para pensar acerca da construção do escárnio dos personagens na obra.

Contrapondo a tentativa de desacreditar a voz das mulheres, está a faceta da insubordinação diante das violências sexuais por partes delas. Nesse sentido, chamo à atenção para a importância da autoridade literária da escritora egípcia, que significa também a autoridade de nomear e de criar subjetividades, refutando a perspectiva imposta pela literatura androcêntrica:

Na cultura patriarcal [...] o autor do texto é um pai, um progenitor, um procriador, um patriarca estético cuja caneta é um instrumento de poder generativo [...] Mais, o poder de sua caneta [...] não é apenas a capacidade de gerar vida, mas o poder de criar uma posteridade. (GILBERT, GUBAR, 1979, p. 7, tradução minha)⁶⁴.

Posto esse entendimento, mostra-se imprescindível a escrita feminina para a redefinição da posterioridade, pois a partir dessa perspectiva é possível tecer questionamentos tanto da ordem imposta pela patriarquia, quanto da promoção de indagações a respeito da legitimidade de práticas como a insinuação da fragilidade das vozes femininas no bojo das narrativas. A importância da autoria feminina pode estabelecer-se, então, como um suporte para a redefinição de seus próprios corpos.

⁶³ Que Profeta?/Profeta o quê?

⁶⁴ “In patriarchal Western culture, therefore, the text’s author is a father, a progenitor, a procreator, an aesthetic patriarch whose pen is an instrument of generative power [...] More, his pen’s power [...] is not just the ability to generate life but the power to create a posterity” (GILBERT, GUBAR, 1979, p. 7).

“Escrever o corpo é escrever um novo texto — não com a pena fálica — novas inscrições do corpo da mulher, separadas da codificação falocrática e minando essa codificação que produz a censura, o apagamento” (DALLERY, 1988, p. 70).

Visto que a evocação ao desprestígio do discurso feminino, nessa subseção, é construída em cenas impostas pela violência do estupro, parto da concepção de que esse ato funciona como uma forma de manutenção do patriarcado, por ser uma prática pautada pelo terror provocado nas mulheres.

Os dois excertos da narrativa, que destacarei ao longo desta seção, dizem respeito ao estupro no âmbito do casamento e da prostituição. A escolha dessas situações justifica-se, nesses dois casos, por uma impossibilidade de recusa ao sexo, por se tratar da figura da esposa e da prostituta, como pressuposto pela sociedade. A fim de ratificar esta problemática, no caso do estupro marital, faço referência ao documento publicado pela Anistia Internacional (2015), intitulado *Circles of Hell: domestic, public and state violence against women in Egypt*:

A legislação egípcia não reconhece explicitamente o estupro conjugal como crime. Os defensores dos direitos humanos das mulheres também destacaram as disposições no Código Penal que permitem sentenças reduzidas à luz de “circunstâncias atenuantes” (Artigo 17) ou por delitos cometidos de “boa fé na busca do direito da Xaria” (Artigo 60). Há o perdão para os chamados crimes de “honra” e outras formas de violência contra as mulheres e equivale ao consentimento estatal em relação a tais abusos. (ANISTIA INTERNACIONAL, 2015, p. 32, tradução minha)⁶⁵.

O paralelo estabelecido entre o universo proposto por Saadawi (2008) e o documento da Anistia Internacional (2015) é que o tio de Firdaus desacredita na possibilidade do estupro conjugal, ao anunciar a frase “Eu sou o seu marido e você é a minha mulher”, ratificando a violência sexual que comete e demonstrando que há uma previsão de impunidade, ou melhor, da certeza de que este fato enseje qualquer punição, pois considera que o homem tem direito ao sexo no âmbito do casamento.

Sobre o estupro no caso da prostituta, cito Angela Davis (2017), no livro *Mulheres Cultura e Política*: “O estupro é um delito punido com a pena de morte no

⁶⁵ “Egyptian legislation does not explicitly recognize marital rape as a crime. Women’s human rights defenders have also highlighted that provisions in the Penal Code allowing for reduced sentences in light of “mitigating circumstances” (Article 17) or for offences committed in “good faith in pursuit of a Sharia right” (Article 60) in effect condone so-called “honour” crimes and other violence against women and amount to state acquiescence in such abuses” (ANISTIA INTERNACIONAL, 2015, p. 32).

Egito, mas com frequência os processos contra estupradores são anulados sob a alegação de que a vítima é sexualmente promíscua” (DAVIS, 2017, p. 118). A ponte que liga esses excertos documentais à narrativa refere-se ao fato de que as mulheres são encaradas enquanto objetos sexuais dos maridos, em *Woman at Point Zero*, prejudicando a reivindicação do direito ao próprio corpo. E, no caso das prostitutas, por se constituírem enquanto mulheres “promíscuas”, sua disponibilidade sexual é previamente estabelecida.

Angela Davis (2017) é assertiva: “Enquanto as mulheres forem vistas como propriedade sexual de seus atuais ou futuros maridos, sua capacidade de produzir as mudanças institucionais que diminuirão o fardo da opressão sexista será severamente limitada” (DAVIS, 2017, p. 113). Dessa posição das mulheres na sociedade, assim como da violência sexual enquanto prática concedida, em alguma medida, pelo Estado, emerge a presunção de consentimento sexual. “A prostituição é usada para invocar o consentimento das mulheres, assim como o casamento, como é a sexualidade socialmente construída” (BARRY, 1995, p. 23-24, tradução minha)⁶⁶.

Desse modo, no casamento e na prostituição, acredita-se previamente que há a concordância das partes, o que facilita o acesso dos personagens homens aos corpos das mulheres, na obra. A fim de exemplificar essas situações, cito o trecho em que ocorre o estupro praticado pelo tio de Firdaus, acometendo sua própria esposa. A caracterização desta violência está explícita quando a personagem, insistentemente, pede ao marido que cesse o ato, contudo, ele ignora, por completo, o desejo da esposa.

“Não, meu senhor, não”, enquanto ela afastava o braço ou a perna do abraço dele [...] “Não o que, mulher?” A cama rangia sob eles e agora eu podia ouvir suas respirações ofegantes e irregulares e a voz dela enquanto protestava de novo: “Não, meu senhor, em nome do Profeta. Não, isso é pecaminoso” Então ele respondeu de volta em tons sufocados: “Você mulher, você... Que pecado e que profeta? Eu sou o seu marido e você é a minha mulher” (SAADAWI, 2008, p. 40, tradução minha)⁶⁷.

⁶⁶ “Prostitution is structured to invoke women's consent, as is marriage, as is socially constructed sexuality” (BARRY, 1995, p. 23-24).

⁶⁷ “‘No, your holiness, no,’ as she pulled her arm or leg away from his embrace. [...] ‘No what, you woman?’ The bed creaked under them, and now I could hear their breathing, irregular, panting, and her voice as she protested once again: ‘No, your holiness, for the sake of the Prophet. No, this is sinful’. Then his stifled tones hissing back: ‘You woman, you... What sin, and what Prophet? I'm your husband and you're my wife’” (SAADAWI, 2008, p. 40).

É importante observar que, no trecho citado, o marido recorre ao escárnio com a frase “Que pecado e que profeta?”, e para enfatizar o seu direito ao corpo dela: “Eu sou o seu marido e você é a minha mulher”, encerrando a discussão. Identifico que, no apoio discursivo do tio de Firdaus, residem justificativas distintas: 1) A certeza da impossibilidade do estupro, por se tratar do sexo marital, onde a presunção de anuência é estabelecida e 2) No ato de ignorar a autoridade divina, a qual a mulher recorre, ou seja, ao Profeta.

Diante dessa situação, a tia de Firdaus também questiona a autoridade masculina, empurrando o marido. Como retaliação, ele consuma o ato e insinua que ela não sabe o que está falando quando clama pelo Profeta. Considero que, mesmo de modo discreto, a personagem ao ter o corpo fragmentado pela ameaça da violação, tenta sobrepujar tal situação valendo-se da arma que possui: o clamor ao divino, mostrando que apesar de estar em um momento de subalternidade, também consegue emitir ruídos de resistência. Diante dessas tentativas de subjugações, destaco a potencialidade das personagens femininas propostas por Saadawi (2008), por traçarem um caminho de dor de forma combatente, mesmo quando esse confronto mostra-se sutil e, conseqüentemente, facilmente esmagado.

Ainda sobre a negação à resignação, também está o estupro de Sharifa, a cafetina de Firdaus. Identifico a existência, nas entrelinhas do abuso sofrido por esta personagem, da idealização da prostituta enquanto uma mulher que pode ter o corpo violentado pelos homens, devido a sua hipotética disponibilidade sexual, como lembra Katleen Barry (1995): “A mais completa redução patriarcal da mulher ao corpo sexuado é a prostituição” (BARRY, 1995, p. 22, tradução minha)⁶⁸.

“Se você me bater, eu vou bater de volta, Fawzy”. “Tudo bem. Vamos ver quem é o mais forte de nós dois.”. “Se você encostar um dedo em mim, eu vou colocar Shawki atrás de você”. “Quem diabos é esse seu Shawki? Você tem outro homem? Você está apaixonada por outra pessoa? Você se atreve?” [...] Ouvi o que me pareceu o som de uma mão batendo na boca, seguida por outro som muito parecido com o da mão de alguém dando um tapinha no rosto. [...] “Não, Fawzy, não!” Sua voz soava como um assovio irritado. “Não o que, sua puta?” A cama rangeu sob eles, então, mais uma vez, ouvi a voz de Sharifa, como uma série de empurrões, seguida pelo mesmo tom de protesto. “Não, Fawzy, pelo Profeta! Você não pode, você não pode! Através da parede veio sua reclamação raivosa de novo. “Que porra, mulher! Não

⁶⁸ “The fullest patriarchal reduction of woman to sexed body is prostitution” (BARRY, 1995, p. 22).

posso o que e Profeta o quê?” (SAADAWI, 2008, p. 64, tradução minha)⁶⁹.

Ressalto que antes do estupro, Sharifa insinua que está em uma posição de poder ao ameaçar Fawzy com uma conexão masculina mais forte. O personagem demonstra não aceitar ser desafiado, nem ter sua autoridade masculina desacreditada, manifestando sua superioridade ao batê-la e, em seguida, estuprá-la, mesmo com todos os protestos da cafetina, que são carregados de raiva. A personagem tenta entrar em um confronto corporal ao empurrar Fawzy, mas sem sucesso. Trata-se de uma luta para manter a integridade de seu corpo, indicando que ainda que se trate de um corpo prostituído, não está à disposição de toda ou qualquer vontade masculina.

Desse trecho, também é possível extrair que a imagem da prostituta configura-se uma falácia do patriarcado, baseada em uma falsa ideia de poder e autonomia feminina, visto que é desarmada e perde o suposto livre arbítrio, quando a figura masculina a encaixa em uma posição de subalternidade.

O que essas duas situações trazem de semelhante em seus escopos, além da questão da escapatória feminina sufocada, é a insinuação de que os homens não sabem do que as mulheres estão falando quando clamam por um temor ao sobrenatural, na frase “pelo Profeta, não”. E é nessa questão que desponta o ato cínico dos personagens masculinos, constituído em ignorar a autoridade religiosa.

Como o livro está ambientado em um contexto onde existe a supervalorização por parte da religião, cria-se a ilusão, nas mulheres, de que elas podem recorrer ao divino. Entretanto, a autoridade a quem elas recorrem é concebida pela imagem de uma figura masculina: o Profeta⁷⁰, o que explica a ausência de temor dos homens em relação à evocação das personagens, pois acreditam-se semelhantes, pela via do gênero. Esta tese é determinada por duas vias: 1) o Profeta foi realmente um homem e 2) à criação do feminino nos livros sagrados.

⁶⁹ “‘No, Fawzy, no!’ His voice sounded like an angry hiss. ‘No. No what, you slut?’ The bead creaked under them, then once again I heard Sharifa’s voice like a series of gasps followed by the same protesting tone. ‘No, Fawzy. For the Prophet’s sake. You must not, you must not!!’ Through the wall came his panting angry hiss again. ‘What the hell, woman! Must not what, and Prophet what?’” (SAADAWI, 2008, p 64).

⁷⁰ A marca da masculinidade referente às autoridades religiosas não se restringe ao Islamismo, estando presente nas principais religiões do mundo, como as cristãs.

Na tradução brasileira do *Alcorão*, realizada por Mansour Challita, há uma seção escrita pelo próprio tradutor, intitulada *O que você precisa saber para aproveitar plenamente a leitura do Alcorão*, na qual são apresentadas algumas construções necessárias para a abordagem do argumento que produzo: “O mundo do Alcorão é um mundo masculino. Deus fala aos homens e fala-lhes das mulheres” (CHALLITA, 2010, p. 23), como também a respeito da figura do Profeta enquanto uma autoridade sacra: “Maomé é o mensageiro de Deus, encarregado de transmitir Sua palavra aos homens. O Alcorão liga inúmeras vezes o nome de Maomé ao nome de Deus e exorta: obedeci a Deus e a Seu Mensageiro” (CHALLITA, 2010, p. 17). Partindo desse ponto, exponho que, embora os homens de *Woman at Point Zero* constituam-se a partir de uma religiosidade, também, desconhecem o clamor das mulheres ao Profeta, por entenderem que não lhes cabe tal direito.

Além dessa questão, discorro acerca da elaboração do feminino nas narrativas sagradas. Tanto a mitologia cristã, quanto a mitologia corânica representam a criação das mulheres após a criação do homem. “Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso. Povos, temei a vosso Senhor que vos criou de um só homem e dele tirou-lhe a esposa e de ambos fez sair inúmeros homens e mulheres” (AS MULHERES, 4:1). “E criou-vos de um só homem, e dele tirou-lhe a esposa” (OS GRUPOS, 39:6). “Foi Ele quem vos criou de um só homem e dele lhe tirou a esposa para que com ela convivesse” (AS ALTURAS, 7:188). Pela leitura desses excertos é compreensível que o retrato das mulheres no Alcorão repousa na esteira da subalternidade. Em primeiro lugar, por terem sido criadas após os homens, em segundo, por sua característica enquanto companheiras. Assim como a mitologia corânica, a bíblica não difere no que concerne à criação das mulheres a partir dos homens, destaco o trecho a respeito do nascimento de Eva:

Então o Senhor Deus mandou ao homem um profundo sono; e enquanto ele dormia, tomou-lhe uma das costelas, e fechou com carne o seu lugar. E da costela que tinha tomado do homem, o Senhor Deus fez uma mulher e levou-a para junto do homem. “Eis agora aqui – disse o homem – o osso de meus ossos e a carne de minha carne; ela se chamará mulher porque foi tomada do homem”. (GÊNESIS, 2:21,22,23).

A relevância de citar a construção bíblica junto à corânica trata da estruturação do pensamento dessas sociedades que exibem a concepção da mulher como criatura ou proveniente do homem, ou criada para a sua distração. Sendo assim, a partir

desses trechos, é possível delinear sobre como foi construído o conceito do feminino ao longo dos séculos, contribuindo para a reflexão acerca de como seus ecos inscrevem-se em *Woman at Point Zero*: ao não temer o Profeta, os homens indicam que não estão sendo regidos pela mesma autoridade. Ao confrontar essa concepção com os fragmentos dos livros sagrados, é possível compreender o porquê de suas argumentações.

Dito isso, identifico que os homens da narrativa de Saadawi (2008) possuem uma certeza em relação à impunidade divina. É possível observar, também, marcas de escapatória quando as personagens, mesmo acreditando na submissão perante os homens (como, por exemplo, na passagem em que a esposa do tio de Firdaus afirma que a mulher deve obediência ao marido no momento em que Firdaus é espancada pela primeira vez pelo esposo), exigem que cessem os estupros. Essas exigências, ainda que pautadas em personagens com fortes características de projeções machistas, trazem em seu âmago o desejo feminino pelo completo acesso ao seu próprio corpo.

Saadawi (2008) narra, dessa forma, a insurgência do corpo feminino, mesmo que de forma sutil. Trata-se de uma resposta frente à subvalorização do corpo feminino. Não há resignação em um corpo que luta, mesmo que seja uma luta considerada amena. É um corpo que nega. É um corpo que deseja um escape. Pontuo que embora diante das adversidades, as mulheres questionam o papel a que foram destinadas. As personagens femininas, em *Woman at Point Zero*, contestam os estupros sofridos por homens, que supostamente teriam a autoridade divina, por se assemelharem às figuras religiosas, julgando-se estar em superioridade às mulheres.

Não obstante, tais homens acreditam, também, na sua respectiva autoridade material, seja pela ordem dos costumes ou da força física, fundamentada no conhecimento coletivo difundido, em *Woman at Point Zero*, de que é impossível o marido estupro sua respectiva esposa. A partir dessas certezas propostas pelo livro, há um pensamento corrente de que os corpos femininos devem ser corpos sem ação, em estado de sublimação frente às adversidades.

Desse modo, concluo que é possível extrair da narrativa que os personagens masculinos estão aprisionados em uma histeria de poder, necessitando, portanto, procederem a uma constante vigilância, como forma de legitimar a autoridade construída discursivamente.

Nesse núcleo reside a potencialidade da elaboração dos corpos femininos despedaçados na obra: o processo de compreensão de autopertencimento das personagens violadas enseja, também, um renascimento diante do mundo androcêntrico, por destacar, sob essa perspectiva, que em seus corpos persiste a inviolabilidade, mesmo diante de situações predominantemente subalternas.

3 ECOS DOS AFETOS NO CORPO DE DOR

3.1 A ESPERANÇA COMO CAMINHO

A elaboração da imagem do corpo feminino, em *Woman at Point Zero*, também ocorre ao longo da composição dos afetos, do medo e da esperança, que funcionam na narrativa como propulsores dos deslocamentos de Firdaus. Enfocarei, na presente subseção, uma análise de como são produzidas as suas respectivas ressonâncias e se os movimentos gerados pela protagonista configuram-se enquanto investidas de sobrepujar as tentativas orquestradas pelo patriarcado, isto é, estabelecer, em certo nível, uma tutela do corpo feminino.

Primeiramente, a fim de introduzir uma posição metodológica em relação aos afetos, faz-se necessário realçar a concepção que adoto, para classificar o que chamo de medo e de esperança nesse trabalho. Parto do que propõe Baruch Espinosa (2009), na obra *Ética*, na qual o filósofo expõe a existência de uma ponte, que liga o medo à esperança, pela razão de que tais afetos seriam constituídos a partir da submissão a uma temporalidade incerta. Essa submissão ao tempo, segundo Espinosa (2009), faz com que o medo e a esperança tornem-se afetos impotentes. Saliento que, apesar de utilizar essas concepções, tensionarei o pressuposto da impotência, pois embora tais afetos subordinem a protagonista ao tempo, também impulsionam, em certa medida, os seus deslocamentos.

A esperança e o medo estão construídos, em *Woman at Point Zero*, em uma espécie de ciclo vicioso, pois se refletem de maneira sincrônica e voltam, constantemente, um ao outro, de modo que as suas existências só acontecem em conjunto. Espinosa (2009) considera a esperança indissociável do medo e vice-versa:

Não há esperança sem medo, nem medo sem esperança. Com efeito, supõe-se que quem está apegado à esperança, e tem dúvida sobre a realização de uma coisa, imagina algo que exclui a existência da coisa futura e, portanto, dessa maneira, entristece-se (pela prop. 19). Como consequência, enquanto está apegado à esperança, tem medo de que a coisa não se realize. Quem, contrariamente, tem medo, isto é, quem tem dúvida sobre a realização de uma coisa que odeia, também imagina algo que exclui a existência dessa coisa e, portanto (pela prop. 20), alegre-se. E, como consequência, dessa maneira, tem esperança de que essa coisa não se realize. (ESPINOSA, 2009, p. 144).

Essa respectiva coexistência do medo e da esperança, na narrativa, constitui-

se da seguinte forma: Firdaus teme o que está ao seu redor, as violências e as subjugações sofridas, mas tem a esperança de que as coisas possam melhorar. Ao perceber que as condições não melhoram, ela passa a ter medo e foge, sempre recomeçando sob o pano da esperança.

As fugas de Firdaus não se constroem de uma forma resiliente, nem se configuram como um escape. Na verdade, trata-se de uma revolução produzida em sua vida, tendo como o motor de ebulição os afetos relacionados ao medo e a esperança, que promovem ao longo do livro as mudanças necessárias para que os respectivos deslocamentos sejam realizados.

Nessa trajetória, *Woman at Point Zero* apresenta os caminhos da personagem desde a infância até o momento em que ela está à espera da morte em um presídio. Ao longo do enredo, é possível observar que a protagonista está em constante fuga, devido aos maus tratos aos quais estava exposta. Listarei algumas dessas fugas e como elas alinham-se à tais afetos, de modo constitutivo na elaboração do corpo de Firdaus.

A primeira fuga ocorre quando a protagonista escuta uma conversa entre o tio e sua esposa, em que eles afirmam que pretendem casá-la com um homem muito mais velho, que Firdaus desconhece. Depois de escutar tal conversa, no dia seguinte, a ela foge de casa, a fim de escapar do destino determinado por sua família.

Após fugir de casa pela primeira vez, ao anoitecer, a personagem continua na rua, já que não tinha para onde ir, nem tinha planos, quando deixou para trás a casa do tio. Nesse momento, ela é confrontada pela delimitação espacial das mulheres, designada pelo sistema patriarcal, na narrativa: não há lugar seguro para o corpo feminino nas ruas. No trecho abaixo, Firdaus descreve, de forma assustada e desesperada, o seu encontro com um indivíduo que ela não conseguia identificar, mas que conseguia sentir o peso de seus olhos sob o seu corpo.

No escuro, de repente, percebi dois olhos, ou melhor, senti-os movendo-se em minha direção, muito lentamente, cada vez mais perto. Os olhos abaixaram-se com lentidão até os meus sapatos e ficaram lá por um tempo. Então, gradualmente, começaram a subir pelas minhas pernas até as minhas coxas, pela minha barriga, pelos meus seios, pelo meu pescoço e finalmente pararam e se fixaram firmemente em meus olhos com a mesma frieza. Um arrepio passou pelo meu corpo como o medo da morte ou como a própria morte. Eu tensionei os músculos das minhas costas e do meu rosto para conter o arrepio e superar esse sentimento de terror que varreu todo o meu

ser. (SAADAWI, 2008, p. 43-44, tradução minha)⁷¹.

Neste parágrafo, a dominação masculina porta-se de tal forma que, a princípio, a atitude do indivíduo não configuraria uma violência contra a protagonista, mas o medo aterrorizador e quase paralisante que provocou em Firdaus, fez com que ela temesse pela própria vida. Identifico que esse medo é traduzido para além do campo da materialidade, é elaborado no imaginário coletivo, presente na narrativa, de que o corpo feminino não pode ter acesso às ruas, e quando o faz é considerado sob o alerta de perigo. Esse temor está internalizado na construção feminina, em *Woman at Point Zero*, configurando-se como um dos pilares do patriarcado na obra, visto que ele assegura às mulheres o deslocamento em um espaço cerceado, reduzidas a uma região, como se fossem criaturas criadas para viverem em uma espécie de cativeiro social⁷².

No que diz respeito ao medo como um aprisionamento diante da sociedade, Espinosa (2009) o teoriza como algo que torna o indivíduo inerte diante das possibilidades de ação. Pois, há o aprisionamento de seu corpo e de sua mente, o que projeta uma incapacidade de construir reações diante dos acontecimentos da vida. Exemplifico tal percepção da inércia da mente produzida no corpo, diante do trecho ressaltado, entendendo que a paralisia de Firdaus foi concebida através desse sentimento de medo descrito pelo filósofo:

Tem um outro sob seu poder quem o detém amarrado, ou quem lhe tirou as armas e os meios de se defender ou de fugir, quem lhe incutiu medo ou quem, mediante um benefício, o vinculou de tal maneira a si que ele prefere fazer-lhe a vontade a fazer a sua, e viver segundo o parecer dele a viver segundo o seu. Quem tem um outro em seu poder sob a primeira ou a segunda destas formas, detém só o corpo dele, não a mente; mas quem o tem sob a terceira ou a quarta forma fez juridicamente seus tanto a mente como o corpo dele, embora só

⁷¹ “In the dark I suddenly perceived two eyes, or rather felt them, moving towards me very slowly, closer and closer. They dropped their gaze with slow intent down to my shoes, rested there for a moment, then gradually started to climb up my legs, to my thighs, my belly, my breasts, my neck and finally came to a stop, fastening themselves steadily in my eyes, with the same cold intent. A shudder passed through my body, like the fear of death, or like death itself. I tensed the muscles in my back and face to stay the shiver and overcome this feeling of terror which had swept my whole being (SAADAWI, 2008, p. 43-44).

⁷² Essa questão ultrapassa a ficcionalidade, as fronteiras continentais, e se faz presente mesmo na contemporaneidade. Por exemplo, um caso conhecido na América Latina, no ano de 2016. Trata-se do assassinato de duas mulheres argentinas que estavam viajando sozinhas. Esse fato levantou o debate sobre até onde seria possível alargar a liberdade das mulheres e quais os seus limites reais no mundo físico, revelando as limitações do trânsito do corpo feminino de forma segura nos espaços públicos.

enquanto dura o medo ou a esperança; na verdade, desaparecida esta ou aquele, o outro fica sob jurisdição de si próprio. (ESPINOSA, 2009, p. 17, grifo meu).

No patriarcado, incorporado por *Woman at Point Zero*, o medo é incutido nas mulheres gerando o aprisionamento de suas mentes e de seus corpos, que constituiu-se no fato de que, embora o homem desconhecido não tenha praticado nenhuma ação concreta contra Firdaus, foi capaz de provocar um “sentimento de terror”, por meio de seu olhar. A personagem enxergou, portanto, um perigo iminente para o seu corpo, um temor de que houvesse, naquele momento, uma desintegração de sua materialidade. Esse medo é traduzido na elaboração da sensação de tutela no patriarcado e se configura em uma forma de impotência frente à proximidade de um acontecimento trágico.

Sobre a questão da impotência feminina, Heleieth Saffioti (2004)⁷³ aborda em *Gênero, Patriarcado e Violência*, como as relações de poder estão estruturadas: “O poder apresenta duas faces: a da potência e a da impotência. As mulheres são socializadas para conviver com a impotência; os homens – sempre vinculados à força – são preparados para o exercício do poder” (SAFFIOTI, 2004, p. 85). Partindo dessa teorização de Saffioti (2004), é possível compreender por que a primeira sensação experienciada pela personagem, diante da situação de estar sozinha com um homem em uma rua escura, foi a de impotência. Apesar dessa circunstância, destaco que Firdaus enrijeceu o seu corpo para não demonstrar o que estava ocorrendo em sua mente. Sua paralisia não significou uma forma de rendição sem protesto, mas, em vez disso, um mecanismo automático diante de uma situação de perigo. Após o episódio narrado, ela resolve voltar para a casa do tio, sendo enredada para um casamento contra a sua vontade.

Quando tive certeza de que os olhos haviam desaparecido, corri rapidamente pela calçada. Agora eu tinha apenas um pensamento em minha mente: chegar à casa do meu tio no menor tempo possível. Uma vez de volta, não sei como suportar a vida na casa dele. Nem me lembro como me tornei a esposa do Xeique Mahmoud. Tudo o que sei é que qualquer coisa que eu teria que enfrentar no mundo se tornaria menos assustadora do que a visão daqueles dois olhos, que me davam um calafrio percorrendo toda a minha espinha, sempre que eu

⁷³ Heleieth Saffioti foi uma professora e pesquisadora feminista brasileira, conhecida por seus trabalhos voltados para questões como a violência de gênero.

me lembrava deles. (SAADAWI, 2008, p. 44, tradução minha)⁷⁴.

Diante do temor que passara, Firdaus escolheu a situação que lhe parecia menos perigosa para a integridade de seu corpo: o casamento com um desconhecido. A impossibilidade de optar por um futuro melhor, de fato, constitui-se um modo de aniquilar o sentimento de esperança que a protagonista possuía, pois no momento em que sentiu medo e fugiu para tentar salva-se do casamento, exalava dois afetos: o medo e a esperança. O medo de se casar contra a sua vontade; e a esperança de que na rua pudesse encontrar alguma forma de escapar daquele destino. Com o desenrolar da situação e a exposição de seu corpo aos perigos presentes, é desvelado algo que Firdaus desconhecia: a fragilidade da esperança feminina que, brevemente, foi decepada diante do mínimo trânsito da personagem. Com a constatação dessa nova situação (a diminuição do sentimento de esperança e da sobreposição do afeto do medo), ela entra em uma nova vida, que consiste no casamento com Xeique Mahmoud.

No decorrer da convivência matrimonial, a protagonista nota que seu marido, Xeique Mahmoud, observa o tempo todo a sua refeição, em tom de repreensão. Na vida corrente, ele a estupra e a reprime. Certo dia, ele encontra restos de comida no lixo e bate em Firdaus. “Depois desse incidente, ele passou a ter o hábito de me bater com ou sem razão⁷⁵. Em uma ocasião, ele me bateu com o sapato. Meu rosto e meu corpo ficaram inchados e machucados” (SAADAWI, 2008, p. 46, tradução minha)⁷⁶.

É possível retornar aqui ao conceito proposto por Saffioti (2004), onde os

⁷⁴ “When I was sure the eyes had gone, I ran quickly down the pavement. Now I had but one thought in my mind. How to reach my uncle's house in the shortest possible time. Once back I do not know how I put up with life in my uncle's house, nor do I remember how I became Sheikh Mahmoud's wife. All I know is that anything I would have to face in the world had become less frightening than the vision of those two eyes, which sent a cold shiver running through my spine whenever I remembered them” (SAADAWI, 2008, p. 44).

⁷⁵ Também é interessante apontar como funciona o discurso da protagonista, nessa parte do livro: ao falar sobre quando sofria uma violência física ela argumenta que, algumas vezes, seu marido tinha razão ao batê-la. Esse aspecto demonstra a força da construção narrativa de Saadawi, em direção à expansão da consciência direcionada a um pensamento feminista, visto que essa passividade na postura de Firdaus transforma-se, com o decorrer do livro, em uma *completa insubordinação* diante de situações injustas. Afinal, mesmo procedendo a mudanças no momento em que é agredida, por fugir de casa, no campo discursivo ainda há, em certo nível, uma postura parcialmente submissa, que será completamente transformada depois.

⁷⁶ “After this incident, he got into the habit of beating me whether he had a reason for it or not. On one occasion he hit me all over with his shoe. My face and body became swollen and bruised” (SAADAWI, 2008, p. 46).

homens são socializados para exercer o poder⁷⁷. Pois mesmo Xeiqum Mahmoud sendo um homem mais velho que Firdaus (o que poderia fazê-lo temer por uma revanche), ele não se sente impedido de agredir fisicamente sua esposa. Ao transformar os atos violentos contra a protagonista em uma prática corriqueira, o personagem demonstra sentir-se livre e seguro de qualquer vingança. Essa ausência de medo dos homens em relação às mulheres, na narrativa, dá-se exatamente pelo fato de que a socialização do corpo feminino, como explicado por Saffioti (2004), traz características relacionadas à impotência. Após ter sofrido tal agressão, Firdaus resolve ir até a casa do tio, para pedir ajuda em uma situação-limite e obter um auxílio para escapar daquela circunstância. Mas ocorre, exatamente, o oposto do esperado:

Então saí de casa e fui até o meu tio. Mas ele me contou que todos os maridos espancavam suas esposas, e a esposa de meu tio acrescentou que ele muitas vezes a espancava [...] Ela respondeu que eram precisamente os homens bem versados em sua religião que batiam em suas esposas. Os preceitos da religião permitiam tal punição. Uma mulher virtuosa não deveria reclamar do marido. Seu dever era a obediência perfeita. (SAADAWI, 2008, p. 46-47, tradução minha)⁷⁸.

Observo nesses aconselhamentos como a construção da subjetividade feminina, pautada na subserviência, é construída: costumes passados de maneira naturalizada fizeram reverberar essa forma de socialização, em *Woman at Point Zero*, baseada na impotência e na certeza de que o próprio corpo deve ser tutelado ao outro.

Firdaus argumenta, depois de ouvir os comentários do tio e da esposa, que não sabia o que responder, afinal de contas sua esperança de fuga havia colidido em uma barreira de costumes muito sólida. A dificuldade de argumentar contra o discurso pró-submissão feminina consiste no fato de que ele se baseia em uma espécie de “fé cega”, sobretudo, quando acompanhado do discurso religioso, como é o caso do livro⁷⁹. Os discursos proferidos pelos tios e pela esposa estão baseados em uma fé

⁷⁷ “Os homens – sempre vinculados à força – são preparados para o exercício do poder” (SAFFIOTI, 2004, p. 85).

⁷⁸ “So I left the house and went to my uncle. But my uncle told me that all husbands beat their wives, and my uncle's wife added that her husband often beat her [...] She replied that it was precisely men well versed in their religion who beat their wives. The precepts of religion permitted such punishment. A virtuous woman was not supposed to complain about her husband. Her duty was perfect obedience” (SAADAWI, 2008, p. 46-47).

⁷⁹ Essa doutrinação religiosa acontece de várias formas. Por exemplo, fora do trânsito da ficção, no contexto brasileiro, em uma pesquisa realizada pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, em 2016, foi revelado que 40% das mulheres vítimas de violência doméstica são evangélicas. Esse dado corrobora o que a obra estudada demonstra sobre a submissão

na qual o marido pode ter acesso irrestrito aos corpos das esposas, por serem corpos tutelados. Em extremos, essa concepção leva à aceitação de que violências domésticas sejam perpetuadas no âmago da sociedade, em *Woman at Point Zero*. O corpo tutelado não deve se defender, pois não se possui.

A aceitação social desse tipo de violência doméstica também é ancorada no estigma do divórcio⁸⁰. Na Declaração de Seneca Falls, citada em *Mulheres Raça e Classe*, Angela Davis (2016) enfatiza que a legislação pode servir como sustentáculo para relacionamentos abusivos, alavancando a supremacia masculina. “Ao exigir obediência absoluta por parte das esposas, a instituição do matrimônio dava aos maridos o direito de puni-las e, o que é ainda pior, as leis de separação e divórcio eram quase totalmente baseadas na supremacia masculina” (DAVIS, 2016, p. 63).

A instituição do casamento, na narrativa de Saadawi (2008), contribui para o afeto do medo, por estabelecer que comportamentos abusivos sejam tomados como formas corriqueiras no centro da relação afetiva. Comportamentos permeados tanto por abusos físicos (quando o marido de Firdaus golpeia o seu corpo), quanto abusos psicológicos (ao vigiar sua refeição, por exemplo).

É importante destacar que, mesmo obtendo uma resposta negativa em relação ao apoio da família, a segunda fuga de Firdaus não é traçada de forma resiliente, pois flerta com um eco de esperança: ela queria escapar de tal situação por não considerar que acontecimentos como o espancamento eram passíveis de respaldo social. Sendo assim, mesmo obtendo resposta negativa de seus familiares, a personagem se movimenta para sair daquela situação, configurando sua negação à resignação diante do medo.

Mas, para não ultrapassar os trilhos do divórcio, por aconselhamento da família e por notar que esse caminho seria realizado de maneira solitária, Firdaus volta à casa do marido. Nessa nova fase do livro, Xeiqum Mahmoud passa a bater na protagonista regularmente. Até que, em certo momento, ele bate tão forte com a bengala, que faz com que o sangue jorre do nariz e das orelhas da mulher (SAADAWI, 2008, p. 47).

ancorada em ideais religiosos. Em relação à violência doméstica, no Egito contemporâneo, um documento publicado pela Anistia Internacional, em 2015, intitulado *Circles of Hell: domestic, public and state violence against women in Egypt*, apresenta que de um a dois terços das mulheres entrevistadas reconheceram sofrer violência doméstica, seja do marido ou de outro membro da família. O problema é agravado pela falta de legislação explícita para a proteção da mulher: não há leis que proíbam a violência doméstica.

⁸⁰ Utilizo nessa afirmação dados publicados pela pesquisa *Circles of Hell: domestic, public and state violence against women in Egypt*.

Depois desse episódio, ela resolve sair de casa mais uma vez, mas não vai em direção à casa do tio, pois sabe que não encontrará o apoio que necessita.

Eu andava pelas ruas com os olhos inchados e um rosto machucado, mas ninguém prestava atenção em mim. As pessoas corriam em ônibus e carros, ou a pé. Era como se fossem cegas, incapazes de ver qualquer coisa. A rua era uma expansão sem fim, estendida diante dos meus olhos como um mar. Eu era apenas um pedregulho jogado nele, golpeado pelas ondas, jogado aqui e ali, rolando de novo e de novo para ser abandonado na praia. (SAADAWI, 2008, p. 48, tradução minha)⁸¹.

Observo a ausência de empatia que Firdaus enfrenta ao percorrer esses caminhos, exemplificando que aquele corpo feminino ensanguentado vagando pelas ruas não era digno de receber o amparo preciso para não desabar, tornando-o ainda mais vulnerável. Durante o percurso, a personagem pede água em um restaurante e é insultada pelo garçom, que a encara como uma espécie de pedinte, evidenciando o tensionamento de gênero e classe. Porém, nesse mesmo local, ela conhece Bayoumi, um homem que também trabalha no estabelecimento. Ele a ajuda e a leva para casa, prometendo-lhe um emprego. Além disso, afirma que enquanto não um trabalho, ela pode dormir em sua casa.

Firdaus encara essa promessa com muita esperança, afinal, mesmo após tantas experiências negativas, ela ainda se mantém positiva para um possível futuro, no qual não haverá humilhações, nem o dilaceramento de seu corpo. Espinosa (2009) afirma que somos escravos dos afetos, a exemplo da esperança e do medo, por se configurarem em afetos que não exigem uma ação, apenas a expectativa. E é dessa forma que a protagonista se comporta nesses recomeços: espera algo de bom. Contudo, enfraquecendo novamente o círculo esperançoso, Bayoumi passa a abusá-la sexualmente e a batê-la. A protagonista, então, volta a ter o seu corpo vilipendiado. As humilhações constantes sofridas pela personagem, por parte dos homens, são baseadas na supremacia masculina, imersa no livro, que consiste em considerar o corpo feminino em constante disponibilidade.

Os abusos sexuais não eram praticados apenas por Bayoumi, mas também por

⁸¹ "I walked through the streets with swollen eyes, and a bruised face, but no one paid any attention to me. People were rushing around in buses and in cars, or on foot. It was as though they were blind, unable to see anything. The street was an endless expanse stretched out before my eyes like a sea. I was just a pebble thrown into it, battered by the waves, tossed here and there, rolling over and over to be abandoned somewhere on the shore" (SAADAWI, 2008, p. 48).

seus amigos. De modo que fica claro que o personagem *compartilhava*, com eles, o acesso àquele corpo. No cerne dessas violações compartilhadas, em um trecho do livro, enquanto Firdaus está sendo estuprada por um amigo de Bayoumi, ela passa a ser xingada por ele:

Então ele começou a insultar minha mãe com palavras que eu não era capaz de compreender. Mais tarde, quando tentei pronunciá-las, não consegui. Mas, depois daquela noite, eu passei a escutá-las constantemente de Bayoumi e dos amigos dele. Então eu me acostumei com o seu som. Aprendi a usá-las ocasionalmente quando eu tentava abrir a porta e ela estava trancada. Eu batia à porta e gritava: “Bayoumi, seu filho da...”, quase a ponto de insultar sua mãe do mesmo jeito, mas eu segurava as palavras na minha boca, percebendo que isso seria errado. (SAADAWI, 2008, p. 54, tradução minha)⁸².

Pode-se compreender como é estruturada a conscientização do corpo feminino, a partir da personagem. A sutileza, nesse ato, consiste na compreensão de que trilhar os caminhos do patriarcado, no que tange aos insultos proferidos às mulheres, não seria correto, pois estariam baseados na desvalorização de seu gênero, secularmente colocado à margem. Esse entendimento acontece devido ao crivo reflexivo feminino, proposto por Saadawi (2008), que é capaz de filtrar as informações que são passadas culturalmente. O pertencimento ao seu próprio gênero, que desponta nessa cena de *Woman at Point Zero*, funciona, também, como uma faísca de esperança diante das violências sofridas, e traduz-se enquanto uma postura reativa frente a tal situação, dado que há a recusa da personagem em se comportar do mesmo modo.

Identifico a violência dos homens direcionada às mulheres, presente no livro, como um agente de manutenção de determinada tutela do corpo feminino. Partindo dessa leitura, acredito que a relação entre mulheres e homens é balanceada por níveis de violência que legitimam a dita “dominação masculina”, traduzida nas tentativas de subjugação do corpo.

A respeito das violências instauradas na passagem citada, é preciso delinear

⁸² “Then he started insulting my mother in words I was not able to follow. Later on, when I tried to pronounce them, I was not able. But after that night I heard them often from Bayoumi, and from Bayoumi’s friends. So i got used to their sound, and learnt to use them occasionally myself when I tried to open the door and found it locked. I would hammer on it and scream: ‘Bayoumi, you son of a...’ almost on the point of insulting his mother in the same way but I held back the words on the tip of my tongue, realizing that this would be wrong” (SAADAWI, 2008, p. 54).

que há a presença de tipos diferentes desses atos: a violência simbólica, encabeçada pelas palavras de baixo calão utilizadas pelos homens, para insultar o gênero feminino, abrangendo, inclusive, a figura da mãe; a violência física, ocasionada pelo abuso e violações de corpo e a violência psicológica, caracterizada pelo fato de Firdaus ficar trancada no flat, como se fosse um animal ou um objeto destinado ao prazer masculino.

Sendo assim, os tentáculos da violência não podem ser reduzidos à violência física, visto que abrangem a violência psicológica e também simbólica. Pierre Bourdieu (2002) é assertivo, em *A Dominação Masculina*, reiterando que tal dominação não concerne apenas ao aspecto físico, mas igualmente às forças simbólicas:

Violência simbólica, violência suave, insensível, invisível as suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento, ou em última instância, do sentimento. Essa relação social extraordinariamente ordinária oferece também uma ocasião única de apreender a lógica da dominação, exercida em nome de um princípio simbólico conhecido e reconhecido tanto pelo dominante quanto pelo dominado. (BOURDIEU, 2000, p. 7-8).

Depois de algum tempo, submersa na relação com Bayoumi e os seus amigos, a protagonista finalmente consegue escapar. Novamente vagando pelas ruas, sem rumo, ela é abordada por outra mulher, que questiona quem a machucou daquela forma. Em seguida, esta desconhecida afirma que todos os homens são iguais. “Qual deles começou isso? Seu pai, seu irmão... um dos seus tios?” (SAADAWI, 2008, p. 56, tradução minha)⁸³.

Firdaus sente certa confiança por aquela pessoa, Sharifa, e novamente passa a ter um olhar esperançoso diante da vida e dos acontecimentos. A mulher, que trabalha como cafetina, convida a protagonista para morar com ela e trabalhar com ela. É notório que as fugas da personagem, em geral, são seguidas de recomeços esperançosos. Na nova vida, dentro da prostituição, Firdaus declara: “Quando eu abri meus olhos e olhei para o espelho, eu percebi que tinha nascido de novo com um novo corpo” (SAADAWI, 2008, p. 57, tradução minha)⁸⁴. O que se configura, nessa

⁸³ “Which one of them started it? Your father, your brother... one of your uncles?” (SAADAWI, 2008, p. 56, tradução minha).

⁸⁴ “When I opened my eyes and looked into the mirror I realized that now I was being born again with a new body” (SAADAWI, 2008, p. 57).

passagem, é que o corpo de Firdaus, apesar de projetar-se como um corpo de dor, também carrega a marca da esperança, mesmo diante de situações difíceis. Acredito que essa confiança, embora beire a ingenuidade, é parte fundamental da elaboração do corpo feminino, por Saadawi (2008).

No limite de uma espécie de fé, na vida da prostituição, Firdaus relata que sua existência se transformou em um estado permanente de crucificação: “Dia e noite eu estava deitada na cama, crucificada, e a cada hora um homem entrava. Havia tantos deles” (SAADAWI, 2008, p. 61, tradução minha)⁸⁵. Ou seja, o corpo feminino na prostituição, em *Woman at Point Zero*, de forma genérica, também está acorrentado por outra subjugação, seja a da cafetina ou a dos clientes. Esta dominação é oriunda de sua disponibilidade aos homens que entravam no prostíbulo e da obrigação de trabalhar.

Ainda no âmbito da prostituição, em uma das interações com os clientes (descritas como doloridas e indiferentes), Firdaus conhece Fawzy, o único frequentador que se interessou em saber se a personagem sentia dor no ato sexual, causando-lhe espanto. Fawzy consegue acender um novo fio de esperança na protagonista, em um momento no qual suas forças esvaíam-se, devido ao trabalho como prostituta. Depois de perguntar como ela se sentia, Fawzy argumenta que Sharifa está enganando-a, para ganhar dinheiro. Firdaus, então, chora com ele, indicando confiabilidade. “Eu chorei. Ele enxugou minhas lágrimas e me pegou em seus braços. Eu fechei os meus olhos e ele me beijou gentilmente nas pálpebras. Eu o ouvi sussurrar: ‘Você quer dormir?’. ‘Sim’” (SAADAWI, 2008, p. 62, tradução minha)⁸⁶. A personagem adormece e quando acorda escuta Fawzy brigando com Sharifa e em seguida estuprando-a. Nesse assombro, perseguida pelo esvaziamento de sua esperança, Firdaus foge mais uma vez.

Esses reiterados movimentos de evasão poderiam ser traduzidos como uma forma resignada de aceitar a patriarquia (como afirmado anteriormente), entretanto, ao longo da narrativa, é possível observar que a personagem nunca desejou adaptar-se à má sorte, menos ainda aceitou a subjugação de seu corpo como uma situação

⁸⁵ “Day and night I lay on the bed, crucified, and every hour a man would come in. There were so many of them” (SAADAWI, 2008, p. 61).

⁸⁶ “I cried. He wiped my tears away and took me in his arms. I closed my eyes and he kissed me gently on the lids. I heard him whisper: ‘Do you want to sleep?’ ‘Yes’” (SAADAWI, 2008, p. 62).

permanente. A não-aceitação configura-se no combate insistente que ela emprega para transformar a realidade em que vive. A obra de Saadawi (2008) traça um desenho das fugas de Firdaus, desde o primeiro instante em que ela tenta fugir do futuro casamento, orquestrado por sua família, até o momento em que se nega a receber o perdão do presidente⁸⁷.

A série de esforços para viver em caminhos menos agressivos faz emergir outra característica marcante ao final do livro: a ausência do medo, que tem como consequência, partindo da concepção de Espinosa (2009), a ausência da esperança. Segundo Vladimir Safatle (2018), quando o indivíduo alcança o estado de não sentir medo ou esperança, ele entra em um novo estado no circuito de afetos, que se chama *desamparo*. Percebo que as ressonâncias da construção do medo e da esperança, enquanto afetos indispensáveis para que essas respectivas fugas ocorressem, culmina em uma outra forma de fugir da subjugação destinada ao corpo feminino, em *Woman at Point Zero*: o desamparo, que libertará Firdaus da espera.

3.2 ALÉM DO MEDO E DA ESPERANÇA: O CORPO DESAMPARADO

O corpo desamparado constitui-se como uma matéria que se recusa permanecer em um estado de espera (SAFATLE, 2018), pois esta sensação, da qual derivam o medo e a esperança, configura-se um obstáculo para a promoção de mudanças políticas necessárias. Em *Woman at Point Zero*, mesmo Firdaus ultrapassando os respectivos moldes promovidos pelo aguardo, ao manter o seu corpo em movimento, seus ecos negativos ainda se fazem evidentes através do afeto do medo e da esperança. Nesta subseção, portanto, tratarei sobre como a presença do desamparo, na narrativa, redimensionou os caminhos de Firdaus, repercutindo na elaboração de seu corpo, pela autora.

A concepção de desamparo empregada por Safatle (2018), em *O circuito dos afetos: Corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*, e que adoto neste trabalho parte da premissa na qual “O desamparo cria vínculos [...] através da transformação de toda abertura ao outro em demandas de amparo” (SAFATLE, 2018, p. 21). Sendo assim, tal afeto constitui-se enquanto um reflexo em um corpo que não depende de outro, mas que se compõe de modo insubordinado.

⁸⁷ Ver subcapítulo 3.2.

Em *Woman at Point Zero*, Firdaus posiciona-se, ao longo da narrativa, expressando constante desejo pela sustentação do outro: do tio, do marido, de Bayoumi, da cafetina, do reconhecimento moral por trabalhar em uma empresa e não mais como prostituta, e por fim, do possível arrimo proporcionado pelo amor. O desamparo exclui o desejo pelo amparo que a protagonista carrega, e este é o ponto que enfatizarei: a incidência da potencialidade deste afeto no corpo de Firdaus, seus desdobramentos, a importância da relação com o outro diante desta questão, e como as camadas do medo e da esperança foram metamorfoseadas, ao longo do livro, no afeto proposto por Safatle (2018).

Para dar continuidade a essa discussão, enfocarei agora como a protagonista passa a romper com os afetos do medo e da esperança, por funcionarem, de certa forma, como amarras orquestradas pela temporalidade. Para Safatle (2018), “um corpo político produzido pelo desamparo é um corpo em contínua despossessão e des-identificação de suas determinações” (SAFATLE, 2018, p. 21). Ou seja, através da ideia de que o desamparo produz corpos políticos, que rompem com as determinações preestabelecidas, é que situo o caminho da personagem.

A fim de confrontar essa ausência de amparo utilizo, sobretudo, o afeto do medo, que muitas vezes engessou as atitudes de Firdaus, fazendo com que ela retrocedesse no decorrer da narrativa⁸⁸. E como, após extirpar o afeto do medo (e por consequência da esperança), os seus caminhos foram redirecionados para uma nova forma de vida. Essa nova forma de existir não seria possível sem a anulação do medo de seu corpo. Assim, faz-se necessário destacar como este afeto age, sob uma característica marcante: trata-se da relação com o outro e do funcionamento dessa relação no centro da subjugação do feminino.

Desse modo, antes de debruçar-me completamente na análise do afeto do desamparo, em *Woman at Point Zero*, indicarei como o afeto do medo foi desenvolvido, baseado na relação com o outro. Cito um trecho inicial do livro, no qual Firdaus afirma: “Todos os homens que eu conheci me encheram de um desejo: levantar a minha mão e bater no rosto deles. Mas porque eu sou mulher, nunca tive

⁸⁸ Mesmo a personagem se colocando em movimento, como exemplifiquei no subcapítulo anterior, parto agora da perspectiva de hesitação proporcionada pelo medo. Embora essa hesitação não fizesse com que a corporalidade de Firdaus fosse, completamente, subjugada, muitas vezes fez com que ela retrocedesse.

coragem para levantar a mão” (SAADAWI, 2008, p.10, tradução minha)⁸⁹. A personagem demonstra uma característica que vai lhe acompanhar ao longo de sua jornada: o desejo de ter coragem para bater nos homens, ao mesmo tempo, que enxergava neste ato um impedimento.

Essa impossibilidade traduz-se na construção do medo feminino como um aspecto indispensável para a socialização feminina, na obra. Pois, o medo funciona como uma forma de controle das pessoas e de sua estabilidade. Logo, quando o medo é insuflado, desde os primeiros anos de vida de um indivíduo ou de um grupo específico, torna-se um instrumento de limitação ou de tangenciamento das subjetividades. Para ratificar essa ideia, retomo Espinosa (2009), que diz “Tem um outro sob seu poder [...] quem lhe incutiu medo” (ESPINOSA, 2009, p. 17).

Não é, efetivamente, a razão da obediência, mas sim a obediência que faz o súdito. Porque seja qual for o motivo pelo qual um homem decide executar as ordens do soberano – o medo do castigo, a esperança de obter alguma coisa, o amor da pátria, ou qualquer outro sentimento – a deliberação é sempre sua e não é por isso que ele deixa de agir segundo as ordens do soberano. (ESPINOSA, 2003, p. 251).

Espinosa (2003) aponta como a obediência é característica de quem está, de alguma forma, dominado. E é assim que Firdaus relata que se sente: impedida de atuar como gostaria. Desta maneira, embora a personagem não indique por que não pratica o ato de levantar a mão, identifico que ela obedece a uma norma social, uma norma não-dita, mas que se faz presente em suas palavras, através da certeza de um impeditivo. Tudo o que ela fala é que o seu gênero representa uma barreira: “Mas porque eu sou *mulher*, nunca tive coragem para levantar a mão” (SAADAWI, 2008, p. 10, tradução minha, grifo meu).

Reconheço, nessa questão trazida por Firdaus, os traços das oposições binárias, neste caso, do dimensionamento da agressividade como algo masculino e da passividade como algo feminino. O conceito das oposições binárias, que a renomada crítica feminista Hélène Cixous (1987) apresenta, no artigo intitulado *Sorties: Out and Out: Attacks/Ways Out/Forays*, diz respeito ao binarismo básico residir na oposição homem/mulher. Isso, então, justificaria a predominância de idealizações, no que tange à masculinidade, pautadas em características

⁸⁹ “Every single man I did get to know filled me with but one desire: to lift my hand and bring it smashing down on his face. But because I am a woman I have never had the courage to lift my hand” (SAADAWI, 2008, p. 10).

hegemônicas, tais como “força” e “normalidade”. Enquanto as idealizações femininas tombam em imagens como o “fora da normalidade”, “fraca”, dentre outras.

Idealizações que têm, segundo esse princípio, o pressuposto básico de funcionarem em oposição. Sendo assim, partindo do conceito das oposições binárias e redimensionando para as discussões acerca de *Woman at Point Zero*, identifico que se ser agressivo compete ao homem, nessa mesma linha de raciocínio, a passividade compete à mulher.

Desse raciocínio, identifico que a passividade é uma característica imbricada pelo afeto do medo. Esse afeto impede que Firdaus dê alguns passos, tornando-se companheiro da protagonista e fazendo-a retroceder diversas vezes. O medo de estar sozinha na rua, o medo do marido, o medo de Bayoumi, o medo não ter onde ir e tantos outros que fizeram com que a personagem realizasse as fugas listadas na subseção anterior. Todos esses temores são identificados na elaboração do corpo, em *Woman at Point Zero*, como artifício para a contenção do corpo feminino diante de uma sociedade construída por regras que possuem, na sua essência, os ecos do patriarcado.

Retomei o afeto do medo nesse subcapítulo para introduzir um novo aspecto apontado pelo enredo: Firdaus assume outra postura diante das situações que antes evocavam temor em seu corpo, e por consequência, traziam uma série de desestruturação em sua vida.

A personagem, nessa nova fase, não sente medo, o que implica, pela lógica utilizada por Espinosa (2009), que também não sente esperança, e passa a encarar a vida como algo predeterminado, isto é, como se as cartas já estivessem marcadas e ela, sendo um fantoche, apenas acompanhasse o desenrolar do tempo.

A ausência do afeto do medo não é construída, na protagonista, de maneira exclusiva, mas acompanha outra característica: ela começa a ter consciência crítica frente ao patriarcado. Para exemplificar essa mudança, destaco uma das frases que funcionam como um marco divisor na narrativa e que indica o desamparo enquanto um afeto importante na constituição de Firdaus: “Meu corpo era só meu” (SAADAWI, 2008, p. 99, tradução minha)⁹⁰. Essa consciência que a personagem apresenta constrói-se de forma muito potente, pois ela passa a vislumbrar o seu corpo acrescido de uma valorização que a separa dos outros, enxergando-se para além do

⁹⁰ “My body was my property alone” (SAADAWI, 2008, p. 99).

patriarcado.

Da leitura de *Woman at Point Zero*, é possível extrair que a personagem começa a ter uma postura incisiva em relação à crença de que nada mudará em sua vida, nem haverá uma espécie de final feliz, ancorado pela esperança, exatamente, pelo fato de seu corpo ser feminino.

Essa compreensão de Firdaus é construída progressivamente, depois da série de escapes citados no subcapítulo anterior, e após as tentativas de manter, em certo nível, uma positividade e um fio de esperança em meio aos caminhos tortuosos que cruzava. A protagonista tentou, por muito tempo, e não obteve o sucesso. Abaixo, destaco um trecho que representa a expansão de sua consciência acerca do contexto em que vive:

Eu estava lá andando pelo frio, usando um vestido fino e quase transparente, e ainda assim não senti frio. Eu estava cercada de escuridão por todos os lados, sem ter para onde ir, mas não tinha mais medo. Nada nas ruas era capaz de me assustar mais, e o vento mais frio não podia mais machucar o meu corpo. Meu corpo mudou? Eu tinha sido transportada para o corpo de outra mulher? E onde estava o meu próprio corpo, o meu verdadeiro corpo? (SAADAWI, 2008, p. 65-66, tradução minha)⁹¹.

Firdaus parece perplexa por, apesar de habitar o mesmo corpo, possuir, agora, sentimentos diferentes. A ausência de medo constitui-se enquanto um ponto paradigmático na elaboração da personagem, por se caracterizar como uma nova perspectiva no que concerne ao mundo que a cerca. O medo traduzia-se na protagonista como uma interdição de sentimentos e, por vezes, de ações. Este afeto que é elaborado na cultura patriarcal, presente no livro, para cercear o espaço feminino, age igualmente em aspectos psicológicos. Ao longo das primeiras fugas da personagem, é possível observar que havia uma luta contra tal afeto quando, por exemplo, ela foge do marido e vai à casa do tio, mas acaba voltando até a própria casa. Ou quando ela está sozinha na rua depois de fugir da casa do tio para não ter que se casar e depara-se com a escuridão e os olhos que a assustam.

A partir do momento que Firdaus perde o medo, ela começa a ter escolhas e

⁹¹ “There I was walking through the cold, wearing a thin, almost transparent dress, and yet I did not feel it. I was surrounded by darkness on all sides, with nowhere to go, but I was no longer afraid. Nothing in the streets was capable of scaring me any longer, and the coldest wind could no longer bite into my body. Had my body changed? Had I been transported into another woman’s body? And where had my own, my real body, gone? (SAADAWI, 2008, p. 65-66).

sua esperança passa a ser direcionada não aos homens, mas sim a sua própria configuração enquanto indivíduo independente. Antes, o medo das ruas e dos homens fazia com que a protagonista depositasse sua esperança em homens que, supostamente eram bons com ela, mas as decepções em série fizeram com que Firdaus redirecionasse o fio da esperança para si mesma.

Abaixo, cito um trecho da parte final do livro, que consiste em uma reflexão sobre a sua condição enquanto mulher e que, de alguma forma, foi despertada diante dos abusos institucionalizados pelo patriarcado. Ela nega-se a voltar atrás diante de suas decisões, pois estão sedimentadas em uma espécie de senso de justiça feminino na obra, não permitindo mais que seus direitos sejam usurpados. Diante desse contexto, a protagonista se recusa a pedir o perdão ao presidente pelo assassinato que cometera⁹², pois pedir perdão significaria o arrependimento de um ato que representa o ápice de uma vida de sofrimentos e abusos. Por fim, a imagem do presidente, por implicar novamente uma figura masculina, é rejeitada por completo pela personagem:

Eles colocaram algemas de aço em meus pulsos e me levaram para a prisão. Na prisão, eles me mantiveram em uma sala onde as janelas e as portas estavam sempre fechadas. Eu sabia por que eles tinham tanto medo de mim. Eu era a única mulher que havia rasgado a máscara e expusera o rosto de sua realidade horrenda. Eles não me condenaram à morte porque eu matei um homem - milhares de pessoas são mortas todos os dias -, mas porque eles têm medo de me deixar viver. [...] Algum tempo atrás, um deles veio até mim e disse: "Há esperança para sua libertação se você enviar um apelo ao presidente pedindo que ele lhe perdoe pelo crime que você cometeu". "Mas eu não quero ser libertada", eu disse, "Não quero nenhum perdão pelo meu crime. Pelo que você chama de meu crime". (SAADAWI, 2008, p. 110, tradução minha)⁹³.

⁹² Ao final do livro, Firdaus passa a ser uma prostituta de sucesso. Com isso, um homem tenta impor-se enquanto seu cafetão. A essa altura a personagem já não suporta as subjugações masculinas e então quando ele se torna agressivo e tenta forçá-la a aceitar a sua imposição, ela o assassina.

⁹³ "They put steel handcuffs around my wrists, and led me off to prison. In prison they kept me in a room where the windows and the doors were always shut. I knew why they were so afraid of me. I was the only woman who had torn the mask away, and exposed the face of their ugly reality. They condemned me to death not because I had killed a man - there are thousands of people being killed every day - but because they are afraid to let me live [...] Some time ago one of them came to me and said: 'There's hope for your release if you send an appeal to the President asking him to pardon you for the crime you committed.' 'But I don't want to be released,' I said, 'and I want no pardon for my crime. For what you call my crime was no crime'" (SAADAWI, 2008, p. 110).

Caso Firdaus aceitasse uma dita redenção diante de “seu crime” e pedisse o perdão ao presidente, ela estaria novamente enredada à lógica do patriarcado, e por essa razão a morte lhe parece mais confortável. Esse estado de consciência estável que a personagem se encontra ao final do livro é julgado como uma forma de resignação por outros personagens. Entretanto, é possível observar que a história do corpo de dor de Firdaus, frequentemente, seguida por revoltas e pela busca de ter uma vida mais digna, não é resultado de resignação, e, sim, de luta. Esses sentimentos culminam na ausência do medo da protagonista frente ao sistema ao final da narrativa, traduzindo-se em uma via à margem, proporcionada pelo afeto do desamparo, que segundo Safatle (2018), não se trata de um ato resignado, mas o contrário: está imbuído de coragem.

O desamparo como afeto político não deve ser confundido, ao menos neste contexto, com a aceitação resignada de certo desencantamento ligado ao desinflacionamento de nossas expectativas de reconciliação social. Muito menos deve ser visto como o saldo necessário da aceitação “madura” da inexistência de alguma espécie de providência a nos guiar [...] Trata-se aqui de [...] compreender o desamparo como condição para o desenvolvimento de certa forma de coragem afirmativa diante da violência provocada pela natureza despossessiva das relações intersubjetivas e pela irredutibilidade da contingência como forma fundamental do acontecimento. (SAFATLE, 2018, p. 32).

Essa coragem é desenvolvida a partir da consciência que a personagem constrói, em *Woman at Point Zero*, e funciona como uma força que a impulsiona a permanecer firme em suas convicções, como por exemplo, na negação completa de pedir o perdão do presidente.

Destaco que o despertar da consciência de Firdaus ocorre com a decepção amorosa que ela sofre por Ibrahim. A protagonista chega a acreditar no amor de Ibrahim e aposta que aquele sentimento a tornaria, de alguma forma, sublime. O que mostra que havia o desejo de ser amparada, configurando-se a última expectativa de sustentação. Logo após sentir-se desse modo, Firdaus assiste na empresa o pedido de casamento de Ibrahim à filha de um dos donos. Esse momento torna-se paradigmático, pois, a partir de então, todas as fagulhas esperançosas da protagonista desabam.

Com o coração partido, Firdaus sente uma dor arrebatadora. Afinal, naquele amor depositara a tentativa de uma nova vida. Após o fim dessa esperança, acompanhada da desilusão, ela enxerga, claramente, que o seu passado, o seu

presente e o seu futuro estavam assegurados, em uma espécie de pacto social: não haveria possibilidade de mudanças para uma realidade que fosse menos dolorida.

Eu esperava algo do amor. Com o amor eu comecei a imaginar que eu havia me tornado um ser humano [...] No amor eu dei meu corpo e minha alma, minha mente e todo o esforço que pude reunir, de graça. Eu nunca pedi nada, dei tudo o que tinha, me abandonei totalmente, larguei todas as minhas armas, abaixei todas as minhas defesas e deixei o meu corpo à mostra [...] No amor eu dei tudo: minhas capacidades, meus esforços, meus sentimentos, minhas emoções mais profundas. Como uma santa, dei tudo o que tinha sem cobrar. Eu não queria nada, absolutamente nada, exceto talvez uma coisa. Ser salva através do amor de tudo isso. Para me encontrar novamente, para recuperar o eu que eu havia perdido. Tornar-me um ser humano que não foi encarado com escárnio, ou desprezado, mas respeitado e estimado e feito para sentir-se inteiro. *Eu não estava destinada a alcançar o que eu esperava. Por mais que eu tentasse, ou que sacrificios eu fizesse como uma sonhadora vendida a uma causa, ainda permanecia uma pobre empregada insignificante.* (SAADAWI, 2008, p. 93-94, tradução minha, grifo meu)⁹⁴.

Ao tensionar o desamparo para a discussão de *Woman at Point Zero*, identifico que esse afeto estrutura-se, exatamente, na distância determinada entre o corpo da protagonista e o do outro. Esse intervalo garante que não haverá emissão de expectativas ou angústias referentes ao futuro ou ao passado. Firdaus não espera mais nada. Nada de bom, nem de ruim. Apenas a própria morte.

Sobre a questão da influência do Outro no nosso próprio corpo, Safatle (2018) afirma: “No desamparo, deixo-me, afetar por algo que me move como uma força heterônoma e que, ao mesmo tempo, é profundamente desprovido de lugar no Outro, algo que desampara o Outro. Assim, sou causa de minha própria transformação” (SAFATLE, 2018, p. 31). Desse modo, no final da narrativa, tomada pelo afeto do desamparo, Firdaus orquestra a sua transformação, engendrada independente do

⁹⁴ “I expected something from love. With love I began to imagine that I had become a human being [...] In love I gave my body and my soul, my mind and all the effort I could muster, freely. I never asked for anything, gave everything I had, abandoned myself totally, dropped all my weapons, lowered all my defences, and bared my flesh. But when I was a prostitute I protected myself, fought back at every moment, was never off guard. To protect my deeper, inner self from men, I offered them only an outer shell [...] In love I gave all: my capabilities, my efforts, my feelings, my deepest emotions. Like a saint, I gave everything I had without ever counting the cost. I wanted nothing, nothing at all, except perhaps one thing. To be saved through love from it all. To find myself again, to recover the self I had lost. To become a human being who was not looked upon with scorn, or despised, but respected and cherished and made to feel whole. I was not destined to achieve what I had hoped for. For no matter how hard I tried, or what sacrifices I made like some dreamer sold to a cause, I still remained a poor insignificant employee” (SAADAWI, 2008, p. 93-94).

Outro e de suas demandas. Sinalizo, neste caso, a presença do Outro, como principal agente de interferência do percurso de Firdaus, sendo a figura exata do patriarcado e de seus respectivos tentáculos que a impulsionaram para baixo. E, também, enredaram-na em uma trama na qual, por mais que fugisse, não havia real chance de um escape, visto que sempre retornava às situações semelhantes de seu estado inicial de fuga. Esse fato faz com que a leitura de *Woman at Point Zero* seja, em alguma medida, uma leitura circular, tendo como *plot twist* a imersão do corpo da protagonista no afeto do desamparo.

Acerca da influência do Outro, como algo que atinge a personagem, destaco um trecho do livro onde, após ouvir de um cliente com quem tinha um certo nível de amizade, que ela não era uma mulher respeitável, por trabalhar como prostituta, Firdaus entra em uma espécie de transe, orquestrado por um golpe inesperado.

Aonde quer que eu fosse, as palavras se agarravam a mim, frias e pegajosas como cuspe, como o cuspe de um insulto ecoando no ouvido, como o cuspe de olhos insolentes no meu corpo nu, como o cuspe de todas as palavras degradantes que eu ouvia uma vez ou outra, como o cuspe de todos os olhos de bronze que me despiram e examinaram a minha nudez com uma insolência lenta, como a saliva de olhos cortesões que olhavam para o lado enquanto eu derramava minhas roupas, escondendo o desprezo sob um disfarce respeitoso [...] Havia alguma maneira de arrancar esse novo conhecimento da minha mente? Afinal, era apenas como uma dor, cortando com a ponta afiada de uma faca a minha cabeça. Na verdade, não era nem uma faca, mas apenas uma pequena frase composta de duas palavras, uma pequena frase que havia penetrado como uma flecha no meu cérebro antes que eu tivesse tempo tapar as minhas orelhas e mantê-las fechadas. Havia algo que pudesse arrancá-las da minha cabeça da mesma forma que extraem uma bala ou extirpam um tumor do cérebro? (SAADAWI, 2008, p. 78, tradução minha)⁹⁵.

Identifico, nesse trecho, que além de atitudes materiais, a influência e a interferência do Outro, no campo de afeto de cada indivíduo, pode funcionar como um

⁹⁵ “Wherever I went the words clung to me cold and sticky like spit, like the spit of an insult echoing in the ear, like the spit of insolent eyes over my naked body, like the spit of all the degrading words I had heard ringing in my ears at one or other time, like the spit of all the brazen eyes that undressed me and examined my nakedness with a slow insolence, like the spit of courteous eyes that looked aside as I shed my clothes, hiding their contempt under a respectful guise [...] Was there any way of uprooting this new knowledge from my mind? After all, it was only like some pain, cutting with the sharp edge of a knife through my head. In fact, it was not even a knife, but only a small phrase composed of two words, a small phrase which had penetrated like an arrow into my brain before I had the time to clap my hands over my ears and keep it out. Was there anything that could uproot it from my head the way they extract a bullet, or excise a tumour of the brain?” (SAADAWI, 2008, p. 78).

artifício que não será necessariamente controlado. A esse respeito, destaco Judith Butler (2015), no livro *Relatar a si mesmo: Crítica da violência ética*, onde a autora defende a importância da relação com o Outro na produção das nossas subjetividades, enquanto indivíduos socialmente construídos, consistindo de algum modo na inevitabilidade da ação alheia: “Somos vulneráveis à interpelação dos outros de maneiras que não podemos controlar totalmente” (BUTLER, 2015, p. 111).

Esse artifício da relevância da presença dos outros e de sua ressonância na nossa existência, não reside na materialidade de ações, como também é possível observar no trecho acima, na construção de frases que podem vir a arrebatam a tranquilidade de uma pessoa. Firdaus demonstra que aquela pequena frase (sobre não ser uma mulher respeitável, por trabalhar como prostituta), destruiu a sua estabilidade, porque penetrou em seu cérebro de forma irreversível, já que a personagem não conseguiu achar um jeito de retirar aquelas ressonâncias verbais de sua mente. “Nada no mundo parecia capaz de me fazer ser a mesma mulher que eu era antes de ouvir as duas palavras [não respeitável] pronunciadas por tal homem naquela noite. A partir daquele momento, eu me tornei outra mulher” (SAADAWI, 2008, p. 79, tradução minha)⁹⁶.

Sendo assim, o Outro exerce uma espécie de prisão, na qual Firdaus está submetida e insiste em sobreviver. Essa clausura só terá fim com o redimensionamento da posição da protagonista no mundo; e que ocorre por escolha própria. O desamparo, portanto, funciona como um mecanismo de liberdade em relação a como Firdaus se reconhece no mundo.

Esse afeto liberta Firdaus de uma vida circular, que através do afeto do medo e da esperança estava assentada em caminhos destinados ao sofrimento, dimensionando o corpo da protagonista como um corpo de dor, pois ela se via envolta às violências de modo constante, como exposto ao longo deste trabalho. A respeito do desamparo enquanto afeto libertador, Safatle (2018) afirma: “Há um ponto no qual a afirmação do desamparo se confunde com o exercício da liberdade. Uma liberdade que consiste na não sujeição ao Outro” (SAFATLE, 2018, p. 31).

Nos contornos do desamparo, também reconheço outras características além

⁹⁶ “Nothing in the world seemed capable of making me the same woman I had been before I heard the two words pronounced by the man that night. From that moment onwards I became another woman” (SAADAWI, 2008, p. 79).

da liberdade: trata-se da consciência de si, embebida pela autoverdade, que Firdaus carrega nessa nova vida. A esse respeito, Foucault (2006) aborda, em *A Hermenêutica do sujeito* (2006), que é preciso dizer a verdade sobre si mesmo. O corpo, então, institui uma forma de chegar a tal verdade, pois: “A verdade é o que ilumina o sujeito; a verdade é o que lhe dá beatitude; a verdade é o que lhe dá tranquilidade de alma. Em suma, na verdade e no acesso à verdade, há alguma coisa que completa o próprio sujeito, que completa o ser mesmo do sujeito e que o transfigura” (FOUCAULT, 2006, p. 21).

Nesse sentido, a verdade constitui-se como a real libertação do corpo, sobretudo, em relação às amarras que compõe a sociedade, em *Woman at Point Zero*. Firdaus passa a entender as opressões de gênero sofridas ao longo da vida e como essas respectivas violências moldaram os seus caminhos, de modo que, frequentemente, era necessário recomeçar a sua jornada, na tentativa de superar as dores e as violências.

Essa verdade está inserida no âmago do desamparo e torna-se evidente a partir de um momento específico da narrativa. Trata-se da passagem em que a personagem se lembra de uma “velha música” que costumava ouvir:

I hope for nothing
I want for nothing
I fear nothing
I am free.
(SAADAWI, 2008, p. 95)⁹⁷.

A referência ao famoso epitáfio do poeta grego, Níkos Kazantzákis, funciona como uma síntese do que é o afeto do desamparo: a ausência de expectativa. Ausência que proporciona a liberdade da protagonista, pois se não há a espera por algo, não há amarras para o indivíduo. Firdaus torna-se livre por não mais esperar; não mais temer; nem ter esperança. Apenas com a consciência da verdade que carrega sobre si mesma: o seu corpo é de seu pertencimento e sua mente, depois dessa nova perspectiva, não está mais passível de sofrer interferências exteriores, sejam elas positivas ou não.

Saadawi (2008) utiliza o afeto do desamparo como forma de destruir as

97 Essa frase consiste em uma referência ao poeta grego Níkos Kazantzákis (1883-1957) e está escrita em seu túmulo em Iráklio, na Grécia. “Não espero nada/Não desejo nada/Não temo nada/Sou livre”.

correntes que fizeram com que Firdaus tasteasse ao longo de sua vida, mostrando que o final da jornada não é, necessariamente, permeado por alegrias. A personagem é a concretude disso, pois, ao final da trama, engolida pelo afeto do desamparo, não possui alegrias, apenas a consciência de que está fazendo o que acha certo. O desamparo fez com que a protagonista fosse capaz de destruir os círculos que a levavam sempre ao mesmo lugar: ao medo, a esperança e ao encontro das inúmeras violências (físicas, psicológicas, simbólicas).

Utilizo bell hooks (2016) para contrapor e refletir acerca do destino feminino nas narrativas. A autora acredita que, para uma verdadeira liberdade, é preciso perseguir um caminho que está para além da dor, em outro patamar que reorganize o indivíduo dentro do enredo de sofrimento ao qual foi destinado. Bell hooks (2016) disserta acerca da luta para transcender os aspectos doloridos:

Para ser verdadeiramente livre, devemos escolher além de simplesmente sobreviver à adversidade, devemos arriscar a criar vidas ancoradas no bem-estar e na alegria [...] e não uma medida da nossa capacidade de suportar a dor, mas sim uma celebração do nosso movimento para além da dor. (HOOKS, p. 2, 2016).

A narrativa de Saadawi (2008) encerra a questão acerca do bem-estar e da alegria, quando Firdaus passa a estar imersa pelo afeto do desamparo. A personagem desiste de apenas sobreviver e suportar a dor, mas também desiste do restante. A esperança que possuía, e que carregou ao longo de sua vida, foi dissipada, por completo, quando ocorreu a sua decepção amorosa. A partir de então, ela passou a enxergar que a sua liberdade apenas seria possível sob a capa grossa de uma proteção que ensejava não mais esperar. Uma estratégia de repúdio ao medo e, conseqüentemente, à esperança. Para hooks, essa não é a verdadeira liberdade, pois implica na impossibilidade da construção do bem-estar e da alegria.

Seria possível uma liberdade que exclua esses sentimentos? Acredito que a elaboração do corpo feminino, apresentada por Saadawi (2008), impede a projeção da liberdade citada por hooks (2016), devido à total perda da esperança da protagonista. É necessário, portanto, propor a reflexão permanente acerca das possibilidades de narrar que constroem o feminino em perspectivas de sofrimento.

Ao longo de *Woman at Point Zero*, o corpo de Firdaus é estabelecido enquanto um corpo de dor. De modo que, para alcançar um certo nível de liberdade, teve que submeter, por muitas vezes, a sua existência à locais extenuantes. Liberdade que

emerge a partir do afeto do desamparo e encaminha a protagonista a um final trágico.

Saadawi (2008) apresenta, com a história de Firdaus, que não há no sistema patriarcal proposto na narrativa possibilidade do desenvolvimento de uma protagonista que sobrepuje o constante ressurgimento da dor em seu corpo pela via da esperança e da alegria, porque tal incidência é orquestrada a partir do contato com o outro (identificado aqui como os personagens masculinos) e suas ressonâncias, que se compõem, nesse caso, enquanto violências frequentes.

A imagem de Firdaus, como um corpo feminino, que é elaborado completamente à beira da sociedade, em *Woman at Point Zero*, suscita a reflexão, para além desta dissertação, a respeito de suas possibilidades de sobrevivência na sociedade delineada por Saadawi (2008). A tragicidade final da protagonista refere-se à preservação da integridade de seu corpo que, página por página, é vilipendiado. Dessa maneira, o desamparo a liberta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 1921, James Joyce escreveu uma carta endereçada a Frank Budgen (LAMAM, 2004), na qual comentava sobre a insistência da palavra “sim” ao longo do famoso *Ulysses*. Tratava-se, segundo o autor, de uma expressão inexoravelmente feminina, devido às mulheres caracterizarem-se enquanto “a carne que sempre afirma”. A relevância desta obra para a posterioridade constitui-se por sua disposição no cânone literário, evidenciando a notoriedade da autoria feminina, na esteira de produção de novas subjetividades, que não transitem sob a ótica androcêntrica, a qual o sexo feminino pode ser reduzido em carne. Partindo desta perspectiva, retomo Hélène Cixous (1976), que disserta sobre a imprescindibilidade das mulheres escreverem sobre si, fazendo com que os seus corpos transitem no centro das práticas discursivas.

Através desse pensamento, em que o feminino é uma substância poética e política, e contrariamente à posição do escritor irlandês, esta pesquisa consistiu em tecer reflexões e análises fundamentadas nas rupturas desenvolvidas por personagens femininas em *Woman at Point Zero*, evidenciadas nas negativas diante de situações permeadas pela imposição da subalternidade de seu gênero.

O corpo, na obra de Saadawi (2008), é elaborado sob o escopo dessa magnitude da qual emerge Firdaus, uma protagonista do possível, seja pela insinuação, no *Prefácio da autora*, acerca de sua existência no mundo tangível, seja pela característica essencial à arte literária: a composição de universos factíveis. Nesse sentido, a potencialidade de sua construção inscreve-se em seu caráter transgressor diante do sistema patriarcal frente às circunstâncias que tentam subjugarla. Assim, a personagem atua como uma ressonância da própria Nawal El Saadawi (2008) e de sua busca pela igualdade de gênero.

Evidencio, ademais, a presença significativa da luta contra as políticas neocoloniais, na trajetória da escritora egípcia, que trazem em seu bojo a subalternidade econômica, e, por consequência, a feminina. Logo, a fim de respeitar essa característica, procurei acentuá-las durante a minha análise. Dessa perspectiva, manifestou-se a subvalorização do corpo, ramificando-se sob a forma das violências que lhe foram impostas e que estruturam a manutenção da autoridade masculina na obra: tanto por meio da circuncisão (que se constitui enquanto uma marca infundável), do estupro (e sua respectiva promoção de terror nas mulheres), da lógica

mercadológica (plausível pelo entendimento de que as personagens femininas são passíveis de serem encaradas enquanto produto a ser consumido) ou da proibição do acesso ao discurso, inclusive, o divino (configurada nas cenas de estupros). Do corpo circuncidado, violentado, prostituído e desamparado surge, em *Woman at Point Zero*, a constante resistência que rompe com as regras preestabelecidas e impostas a sua materialidade.

Nessa esteira, o que a análise da elaboração do corpo na narrativa evoca é que o Ponto Zero, refletido em seu título, diz respeito a uma nova vida experienciada pela protagonista: trata-se da completa negação à existência, como uma espécie de ápice da negação à resignação. No âmago dessa proposição está o significado de Firdaus: a mulher situada (ou seria sitiada?) no Ponto Zero tem o nome de *Paraíso*. Ao longo da construção desta pesquisa, identifiquei, de modo conclusivo, que o sentido da palavra supracitada concerne a um modo de encarar o feminino que se rebela. O que faz com que a protagonista emane uma espécie de Paraíso feminino e feminista, onde não há o reflexo de subjugações, proporcionado pela imersão de seu corpo no afeto do desamparo, através do qual encontra vestígios de liberdade. Embora aparente um afeto insípido, traz a ausência da dor.

A trajetória de Firdaus encerra a possibilidade dos trilhos que levam a uma vida tranquila: a existência de sua liberdade só é possível à beira da desesperança. A protagonista, então, desiste da vida. “Eu triunfei sobre a vida e a morte porque não desejo mais viver, nem tenho mais medo de morrer [...] Pois durante a vida são nossos desejos, nossas esperanças, nossos medos que nos escravizam” (SAADAWI, 2008, p. 110, tradução minha)⁹⁸. Somente por esse afeto a protagonista descobre os ruídos de liberdade.

Nesse percurso, *Woman at Point Zero* apresenta uma história de dor. À vista disso, eu poderia ter empregado uma ótica em que a personagem é construída enquanto vítima. Contudo, recorri às estratégias poéticas propostas pela autora, nas quais Firdaus constitui-se uma protagonista, que tem a vida imersa em autoconsciência e autopertencimento em relação ao feminino. A elaboração do corpo desenvolvida por Saadawi (2008) intenta à reconfiguração da experiência do presente da protagonista e do feminino que a entorna dentro e fora da obra.

⁹⁸ “I have triumphed over both life and death because I no longer desire to live, nor do I any longer fear to die [...] For during life it is our wants, our hopes, our fears that enslave us” (SAADAWI, 2008, p. 110).

Ao fim desse raciocínio, concluo que a história de Firdaus apresenta a reinvenção de seu corpo, enquanto substância pertencente ao feminino. Resultando em um processo de renascimento diante do autorreconhecimento da subalternidade de seu próprio gênero. Em *Woman at Point Zero*, Saadawi (2008) demonstra que o corpo de sua protagonista exala algo inquebrável. E, como este trabalho intentou demonstrar, é nessa estrutura estilizada que persiste a sua inviolabilidade, como prova de igualdade e de liberdade.

Desse modo, a pesquisa expôs a proposta poética da autora no que tange à força feminina, enquanto mecanismo de sobrevivência, frente às subjugações impostas pelo patriarcado. E é nesta questão que reside a sua importância no cerne dos estudos literários brasileiros: encarar a literatura como um ato estético e político, que é capaz de aproximar as vivências comuns das mulheres que transitam pela ficção às mulheres do mundo tangível, o que dimensiona a relevância deste trabalho à luta feminista, sobretudo, em um momento onde caros retrocessos incidem ao redor do mundo.

REFERÊNCIAS

ALCORÃO. *As Mulheres; Os grupos; As alturas*. Trad. Mansour Challita. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2010.

ANISTIA INTERNACIONAL. *Circles of Hell: domestic, public and state violence against women in Egypt*. Disponível em: <https://www.amnestyusa.org/files/mde_120042015.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2018.

ANWAR Sadat assassinado por extremistas em outro de 1981. O *GLOBO*, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/anwar-sadat-assassinado-por-extremistas-em-outubro-de-1981-9225076>>. Acesso em: 19 jan. 2019.

ASSMANN, A. *Espaços da Recordação: Formas e Transformações da Memória Cultural*. Trad. Paulo Soethe. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

BALD, M. *Banned books: Literature Suppressed on Religious Grounds*. Nova Iorque: Infobase Publishing, 2006.

BARRY, K. *The Prostitution of Sexuality*. Nova Iorque: NYU Press, 1995.

BARTKY, S. L. *Femininity and Domination: Studies in the Phenomenology of Oppression*. Londres: Psychology Press, 1990.

BÍBLIA SAGRADA. *O paraíso*. Trad. Centro Bíblico de São Paulo. São Paulo: Editora Ave Maria, 2015.

BORDO, S. *Unbearable Weight: Feminism, Western Culture, and the Body*. California: University of California Press, 1995.

BOTMAN, S. *The Rise Of Egyptian Communism*. Nova Iorque: Syracuse University Press, 1988.

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

BUTLER, J. *Quadros De Guerra: Quando a Vida é Passível de Luto?* Trad. Sérgio Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

_____. *Relatar a si mesmo: Crítica da violência ética*. Trad. Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

CARMINERO-SANTANGELO, M. *The Madwoman Can't Speak: Or Why Insanity Is Not Subversive (Reading Women Writing)*. Nova Iorque: Cornell University Press, 1998).

CAMURÇA, S. 'Nós Mulheres' e nossa experiência comum. *Cadernos de Crítica Feminista*, Recife, n. 0, Ano I, 2007. Disponível em:

<<http://www.articulacaodemulheres.org.br/wp-content/uploads/2015/06/Texto-base-2-N%C3%B3s-Mulheres-e-nossa-experi%C3%A7%C3%A3o-comum.pdf>>. Acesso em: 23 mai. 2019.

CIXOUS, H. *Sorties: Out and Out: Attacks/Ways Out/Forays*. In Cixous, H; CLEMENT, C. *The Newly Born Woman*. Manchester: Manchester University Press, 1987.

_____. *The Laugh of Medusa*. Chicago: The University of Chicago Press, 1976.

DALLERY, A. A política da escrita do corpo: *écriture féminine*. In: BORDO, S; JAGGAR, A. *Gênero, Corpo, Conhecimento*. Trad. Britta Lemos de Freitas. Rio de Janeiro: Editora Rosados Tempos, 1988.

DAVIS, A. *Mulheres, Raça e Classe*. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

DAVIS, A. *Mulheres, Cultura e Política*. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.

EGITO, Ministério da Saúde e da População. *Egypt Health Issues Survey*. Cairo: 2015. Disponível em: <<https://dhsprogram.com/pubs/pdf/FR313/FR313.pdf>>. Acesso em: 30 de outubro de 2018.

EGYPT'S face of courage. *THE HINDU*, Chennai, 2003. Disponível em: <<https://www.thehindu.com/2001/06/03/stories/13030786.htm>>. Acesso em: 14 fev. 2019.

ESPINOSA, B. *Ética*. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

_____. *Tratado Teológico Político*. Trad. Diogo Pires Aurélio. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *Tratado Político*. Trad. Diogo Pires Aurélio. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

FELSKI, R. *Literature After Feminism*. Chicago: University of Chicago Press, 2003.

FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*. Trad. Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GILBERT, S; GUBAR, S. *The Madwoman in the Attic: The Woman Writer and the Nineteenth-Century Literary Imagination*. New Haven: Yale University Press, 1979.

GOELLNER, S. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. *Cadernos de formação RBCE*, Campinas, v. 1, n. 2, 2010. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/105085>>. Acesso em: 30 mai. 2019.

GUBAR, S. "The Blank Page" and the Issues of Female Creativity. *The University of Chicago Press Journals*, Chicago, v. 08, n. 02, 1981. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1343162?seq=1#page_scan_tab_contents>. Acesso em: 15 dez. de 2017.

HOOKS, b. Moving Beyond Pain. *Bell Hooks Institute*, Berea, 2016. Disponível em: <<http://www.bellhooksinstitute.com/blog/2016/5/9/moving-beyond-pain>>. Acesso em: 28 dez. 2018.

KAHF, M. *Western Representations of the Muslim Woman: From Termagant to Odalisque*. Texas: University of Texas Press, 1999.

LAMAN, B. *James Joyce and German Theory: "The Romantic School and All That"*. Cranbury: Rosemont Publishing and Printing Corp, 2004.

LORDE, A. *Sister Outsider: Essays and Speeches*. Toronto: Crossing Press, 2007.

OMS, OHCHR, ONUSIDA, PNUD, UNECA, UNESCO, UNFPA, ACNUR, UNICEF, UNIFEM. *Eliminação da Mutilação Genital Feminina: Declaração Conjunta*. Lisboa: Associação para o Planeamento da Família, 2008. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/43839/9789241596442_por.pdf?sequence=3>. Acesso em: 18 abr. 2014.

ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Convenção sobre a eliminação de todas as formas de discriminação contra as mulheres*. Disponível em: <<https://unhrt.pdhj.tl/por/violencia-contra-as-mulheres>>. Acesso: 10 nov. 2018.

OBRIST, H. U. In Conversation with Nawal El Saadawi. Londres, *E-flux*, 2013. Disponível em: <<https://www.e-flux.com/journal/42/60256/in-conversation-with-nawal-el-saadawi/>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

RANCIÈRE, J. *O Inconsciente Estético*. Trad. Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2009.

RIBEIRO, D. *O que é: lugar de fala?* Belo Horizonte: Grupo Editorial Letramento, 2017.

SAADAWI (2008), N. *A Daughter of Isis: The Early Life of Nawal El Saadawi* (2008). Trad. Sherif Hetata. Londres: Zed Books, 2018.

_____. *A face oculta de Eva: As mulheres do Mundo Árabe*. Trad. Sarah Giersztel Rubin. Sao Paulo: Global Editora, 2002.

_____. *A Mulher Com Olhos De Fogo: O Despertar Feminista*. Trad. Fabio Albert. Barueri: Faro Editorial, 2019.

_____. *The Hidden Face of Eve: Women in the Arab World*. Trad. Sherif Hetata. Londres: Zed Books, 2007.

_____. *The Nawal El Saadawi Reader*. Londres: Zed Books, 1997.

_____. *Walking Through Fire: A Life of Nawal El Saadawi* (2008). Trad. Sherif Hetata. Londres: Zed Books, 2002.

_____. *Woman at Point Zero*. Trad. Sherif Hetata. Londres: Zed Books, 2008.

SAFATLE, V. *O circuito dos afetos: Corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

SAFFIOTI, H. *Gênero, Patriarcado e Violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SALAMI, M. An Egyptian classic of feminist fiction. *The Guardian*, Londres, 2015. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/books/booksblog/2015/oct/07/an-egyptian-classic-of-feminist-fiction>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

SCHMIDT, R. T. O que não se pode silenciar: literatura, violência e ética. In: SCHNEIDER, Liane; ALMEIDA, Márcia de; HARRIS, Leila A.; LIMA, Ana Cecília A. (Org.). *Mulheres e literaturas: cartografias crítico-teóricas*. 1ed. Maceió: EDUFAL, 2013, v. 1, p. 221-238.

SPIVAK, G. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

ZOLIN, L. O. *Teoria da Literatura: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2005, p. 275-283.

UNICEF. *Egypt Health Issues Survey*. Nova Iorque: 2015. Disponível em: <<https://www.unicef.org/egypt/reports/egypt-health-issues-survey>>. Acesso em: 14 de agosto de 2018.

ANEXO A – ENTREVISTA DE NAWAL EL SAADAWI A HANS ULRICH OBRIST

In Conversation with Nawal El Saadawi

Hans Ulrich Obrist: O que encorajou você a começar a escrever? Houve uma epifania que lhe levou à literatura ou a literatura a você?

Nawal El Saadawi: O que me encorajou a escrever? Bem, desde a minha infância o meu sonho era ser dançarina. Para que pudesse expressar os meus sentimentos através da dança. Eu adorava ver as dançarinas se apresentando. Depois, eu queria ser musicista, para me expressar através do piano. No entanto, dançar não era possível, nem o piano, porque não éramos ricos. Eu precisaria ter um piano em casa para poder praticar. Eu também amava escrever. Eu amo qualquer forma criativa de autoexpressão, seja dança, música, escrita. Eu não sonhava em ser uma médica. Eu nunca sonhei com isso - eu odiava os médicos! Eu odiava professores e tudo isso também, e acabei sendo médica e professora. Mas eu escrevi a minha vida toda. O que realmente me encorajou a escrever foi a minha insatisfação com o que me cercava. Eu estava com raiva da sociedade. Quando menina, sentia que havia algo errado no mundo ao meu redor, na minha família, na escola, nas ruas. Eu também sentia que havia algo de errado com a maneira como a sociedade me tratava. Então, posso dizer que a escrita veio da insatisfação, da raiva.

Hans Ulrich Obrist: Como forma de protesto.

Nawal El Saadawi: Protesto revolucionário! Eu queria me revoltar escrevendo!

Hans Ulrich Obrist: E você tem heróis ou heroínas - autores que te inspiraram do passado?

Nawal El Saadawi: Bem, muitos, mas havia a minha avó, que era uma camponesa - e ela também era uma revolucionária em sua aldeia. Ela levou os aldeões a se revoltarem contra o colonialismo britânico e contra o rei Farouk. Ela me inspirou muito, assim como minha mãe e meu pai.

Hans Ulrich Obrist: E você tem algum escritor da língua árabe que te inspirou?

Nawal El Saadawi: Muitos, porque eu lia principalmente em árabe. No primário, eu fui a uma escola missionária britânica e, por essa razão, estudei inglês e também porque líamos Jane Austen, Charlotte Brontë e Emily Brontë. Eu lia em árabe e em inglês na época. No entanto, fui inspirada por muitos escritores árabes, por Taha Hussein e outros escritores egípcios.

Hans Ulrich Obrist: O que te inspirou em Taha Hussein?

Nawal El Saadawi: Ele escreveu um livro maravilhoso chamado *Al-Ayyam - The Days*. Esta é sua autobiografia e é um belo livro. É sobre sua vida no Egito como uma criança pobre, sua educação e também como ele ficou cego quando sua mãe colocou algo errado em seus olhos. É um dos melhores livros escritos em árabe.

Hans Ulrich Obrist: Mahfouz foi importante para você?

Nawal El Saadawi: Não, eu fui muito inspirada por Mahfouz. Ele não foi revolucionário o suficiente. Ele é um escritor do *establishment*. Taha Hussein foi um revolucionário. Mas Naguib Mahfouz é pró-Mubarak, pró-Sadat, no que me diz respeito. E eu prefiro escritores revolucionários.

Hans Ulrich Obrist: Então você se vê como parte de uma tradição de escritores revolucionários?

Nawal El Saadawi: Sim. Na verdade, desde os meus dez anos, tenho participado de revoltas - na minha escola primária, na minha escola secundária e na faculdade de medicina. Eu estava basicamente sonhando com a revolução desde os dez anos. Para mim, a revolução de janeiro de 2011 atrasou setenta anos!

Hans Ulrich Obrist: E houve alguma mulher que te inspirou, mulheres escritoras?

Nawal El Saadawi: A escritora libanesa-egípcia May Ziade e outras - Aisha Tamour, Koakab Nasr e assim por diante.

Hans Ulrich Obrist: E qual foi o primeiro texto em que você achou que tinha chegado a uma revolução? Na sua opinião, qual é o seu primeiro texto revolucionário? Você considera todos os seus livros revolucionários? O *Zeina* é um exemplo.

Nawal El Saadawi: Quando eu tinha dez anos, eu já participava de manifestações. Eu sentia que eu estava em uma prisão e sempre sonhava em voar, fugir. Mas para onde? Eu não sei. Eu tenho um livro chamado *Woman at Point Zero*. A mulher é muito

revolucionária. *The Fall of the Imam* e *God Dies by the Nile* são sobre revolução também, sobre pessoas revolucionárias: homens, mulheres e crianças. *Zeina* é sobre uma revolução infantil.

Hans Ulrich Obrist: Você pode me dizer sobre o que motivou a escrita de *Zeina*?

Nawal El Saadawi: Foi o que vi nas ruas. Eu moro em Shubra, que é um bairro pobre. Então frequentemente encontro meninos e meninas sem teto no Nilo, dormindo na rua. Uma delas foi Zeina, que inspirou o romance. Foi através dessas crianças que previ a revolução que chegaria ao Egito.

Hans Ulrich Obrist: E quando você percebeu que a revolução aconteceria? De nossa perspectiva no Ocidente, isso pareceu acontecer tão de repente.

Nawal El Saadawi: Nós estávamos demonstrando o tempo todo, muito antes de acontecer. Sadat me colocou na prisão. Mubarak me exilou do país. Começamos a nos manifestar contra Mubarak, primeiro em pequenas manifestações, ao contrário da escala de janeiro de 2011. Senti que uma revolução estava chegando. Ela cresceu até que houvesse um milhão de pessoas. Pouco antes de Mubarak renunciar, crescemos para vinte milhões, não apenas na Praça Tahrir, mas também de Aswan à Alexandria, por todo o Egito. E com uma população de oitenta e cinco milhões, esse é um bom número.

Hans Ulrich Obrist: Uma em cada quatro pessoas participou da revolução.

Nawal El Saadawi: O poder do povo.

Hans Ulrich Obrist: Qual o papel que você desempenhou durante a revolução?

Nawal El Saadawi: Eu estava lá, fisicamente, me movimentando. Havia muitos jovens sob as tendas. Eu realizei seminários sob as tendas da Praça Tahrir. Fui convidada por rapazes e moças que conheciam o meu trabalho, porque meus livros foram reimpressos várias vezes no Egito. Eu tenho um público muito grande no Egito e no mundo árabe.

Hans Ulrich Obrist: Eu sou muito fascinado por essa ideia do seminário revolucionário. Você pode me dizer o que você falou para eles?

Nawal El Saadawi: Quando eu estava na Praça Tahrir, jovens e até mesmo mulheres com véu vieram até mim. Eles vieram e me abraçaram. E a geração mais jovem da

Muslim Brotherhood também veio e me abraçou. Eles me disseram: lemos o seu trabalho, discordamos de algumas coisas que você escreveu, mas amamos você. Então, na Praça Tahrir, senti que estava cercada de pessoas que me amavam. E então, porque estávamos passando muitas horas juntos, andando, gritando e assim por diante, eles me convidavam para sentar nas tendas. As tendas tornaram-se como pequenas casas. “Por favor, venha conversar conosco sobre o seu conhecimento, sobre o seu livro, a revolução, Mubarak, Sadat, Estados Unidos e Israel, sobre criatividade”. Enquanto caminhava, fui convidada por diferentes pessoas na Praça Tahrir para seminários sobre coisas como música, criatividade, revolução.

Hans Ulrich Obrist: E como se pode ensinar criatividade?

Nawal El Saadawi: Nós simplesmente não podemos ensiná-la - embora eu tenha passado os meus anos no exílio fazendo exatamente isso. Eu odiava estar no exílio sem trabalho, então aceitei um convite da Duke University nos EUA. Eles me pediram para ser professora e ensinar qualquer tópico que eu gostasse. Eu disse a eles que eu odiava os professores, então não sabia o que ensinar. Eu queria fazer algo relacionado à escrita e à criatividade. Então, inventei o tópico “Criatividade e Dissidência”, sobre a relação entre criatividade, trabalho dissidente e ser revolucionário. Desde janeiro de 1993, venho ensinando esse tópico. Normalmente, no primeiro dia de aula, digo aos meus alunos que não posso ensinar criatividade. O que eu posso tentar fazer é desfazer o que a educação fez com eles, porque os sistemas educacionais em todo o mundo matam a criatividade.

Hans Ulrich Obrist: Você basicamente tenta remover o dano da educação. Como Ivan Illich propôs, você tenta des-escolar as pessoas.

Nawal El Saadawi: Sim. Descolonizando a mente, desfazendo os danos da educação, do medo, da mídia, da religião, da educação religiosa e assim por diante.

Hans Ulrich Obrist: Rainer Maria Rilke, o poeta alemão, escreveu um pequeno livro de conselhos para um jovem poeta. Eu estava pensando, qual é o seu conselho para um jovem revolucionário?

Nawal El Saadawi: Número um, eu não gosto de dar conselhos. Número dois, eu não saberia como fazer isso. Eu tento deixar os meus alunos se descobrirem, e eu digo a eles que não me escutem muito. Eu lhes digo que deveriam tentar escutar suas

próprias vozes, seus próprios conselhos e não esperar que eu os dê. Eles precisam procurar uma voz interna profunda que não escutam desde a infância, uma voz que foi sufocada e silenciada desde então. Dar conselhos significa matar a voz interior. E eu quero que as deles floresçam.

Hans Ulrich Obrist: Como um despertar.

Nawal El Saadawi: Um despertar, sim, exatamente.

Hans Ulrich Obrist: O que mais você disse às pessoas que fizeram a revolução? Você foi de barraca em barraca e falou com elas?

Nawal El Saadawi: Porque cada tenda era como uma casa, eu não podia ir sem ser convidada. Uma ou duas pessoas de cada vez vieram de tendas diferentes para me convidar. Então ia muito interessada. Eu também conheci muitos professores universitários nas tendas e conversamos e fizemos seminários. Havia pessoas tocando música, recitando poemas e peças de teatro, atuando na Praça Tahrir. Foi fantástico.

Hans Ulrich Obrist: E você também escreveu peças como *Isis, A Play in Two Acts*, entre outras.

Nawal El Saadawi: Oh, sim. Eu escrevi duas peças, *Isis* e *God Resigns at the Summit Meeting*, que criou muitos problemas para mim. A polícia foi ao editor e disse-lhe para queimar o livro. O regime de Mubarak achava que *God Resigns* era um livro perigoso porque poderia abrir a mente das pessoas. Para ser um ditador e controlar as pessoas, você deve encobrir as mentes. Nosso papel, como escritores, é desvendá-las. Então eles queimaram o livro.

Hans Ulrich Obrist: É um título muito poderoso. Mas por que isso criou um alvoroço?

Nawal El Saadawi: Bem, porque passei dez anos da minha vida estudando as religiões. Eu até fui para a Índia para estudar o Gita. Eu comparei o Antigo Testamento com o Novo Testamento e li o Alcorão com muito cuidado, e descobri muitas coisas, muitas contradições nas religiões, muitos sistemas de valores negativos. Eles estão cheios de padrões duplos, e *God Resigns* é sobre as muitas coisas negativas nos livros sagrados. Todas as religiões, especialmente o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo. Eu critiquei várias religiões simultaneamente.

Hans Ulrich Obrist: E o Budismo?

Nawal El Saadawi: Bem, é uma religião melhor. Mas ainda é muito patriarcal e de classe.

Hans Ulrich Obrist: Como você conecta as muitas peças que escreveu com a história? *Ísis* tem a ver com a história. Como você afirma na introdução, “essa peça é a Ísis egípcia, como eu a entendo da história. A história pertence a todos que possuem uma quantidade de imaginação”.

Nawal El Saadawi: Eu tenho sete peças no total, embora cinco delas ainda não tenham sido traduzidas para outros idiomas. Nós somos ensinados a história de uma forma muito limitada, erroneamente. São os governantes, é o poder quem escreve a história. Não são os oprimidos, mas os homens que escrevem. É por isso que eles a chamam de história deles (*his-story*). Nossa história, como mulheres, é heresia (*heresy*). Então, quando comecei a reler a história egípcia antiga, descobri Ísis de um modo totalmente diferente do que o escritor egípcio Tawfik Al-Hakim escreveu sobre Ísis. Decidi responder a Al-Hakim escrevendo outra Ísis, mais verdadeira. A peça de Tawfik Al-Hakim é muito patriarcal, com Ísis apenas como a esposa de Osíris. Eu a entendi como uma filósofa. Seu marido era o seu seguidor. Mas com o patriarcado, tudo mudou e Osíris se tornou a figura principal.

Hans Ulrich Obrist: Para voltar aos seus livros de ficção, você disse que muitos de seus livros têm a ver com diferentes revoluções. E você falou sobre *Zeina* e a revolução das crianças. E quanto a *The Fall of the Imam*? Que tipo de revolução acontece lá?

Nawal El Saadawi: Na verdade, a ideia por trás da escrita de *The Fall of the Imam* veio a mim enquanto eu estava na prisão, sob o regime de Sadat, em 1981. Eu era contra as suas políticas econômicas, sociais e religiosas. Sadat, o ditador, me aprisionou. Ele nos trouxe os fundamentalistas e fez do Egito uma colônia dos EUA. A pobreza sob Sadat aumentou e ele era um ditador patriarcal. Ele se chamava o Pai do Egito, o Pai da natureza. Então, enquanto eu estava na cela da prisão, fechei os olhos e imaginei Sadat. Para mim, ele se tornou o Imã, como ele se chamava, “o Fervoroso”. “Sadat al Rayyis al Mo'min” - o Presidente, o Fervoroso. Ele se relacionou com Deus e assim ele se tornou para mim um semideus, um faraó. A autoridade

religiosa e política estavam unidas nele. Quando fechei os olhos, imaginei-o no palco, como o Imã que está caindo. Então, embora Sadat tenha sido baleado antes de eu ser libertada, Mubarak nos manteve presos por dois meses após o assassinato. Você pode imaginar? Ele nos manteve lá por mais dois meses inteiros. Eu estava imaginando o Imã, Sadat, sendo baleado por sua filha ilegítima. Assim, o romance é sobre isso, a filha ilegítima dessa pessoa, o Imã, que é acusada de atirar em seu pai. Ao longo de toda a luta, eles correm atrás da garota.

Hans Ulrich Obrist: É fascinante também que muitas vezes seus romances previram a história. O artista antecipa.

Nawal El Saadawi: Exatamente, eles anteciparam muitas coisas. E eu vou te dizer, enquanto estávamos na prisão, meus companheiros de cela estavam gritando que Sadat iria nos matar, que ele estava ameaçando fazer isso. Eu apenas ri, dancei e fiz outros exercícios dizendo que ele morreria antes de nós. E assim aconteceu.

Hans Ulrich Obrist: Assim como *Zeina* previu a revolução da juventude, este livro previu o fim de Sadat. Há também *Two Women in One*, que é uma obra-prima sobre ser uma médica e ter sido uma estudante de medicina. Qual foi a inspiração para *Two Women in One*?

Nawal El Saadawi: Bem, na minha vida, não faço distinção entre romances e autobiografia, entre ficção e fatos, o físico e o social ou político, o corpo e a mente. De fato, a criatividade é a capacidade de vincular tudo. Assim, o romance *Two Women in One* é sobre a esquizofrenia que mulheres e homens herdam do patriarcado e da escravidão. É por causa dessa esquizofrenia que a mulher do romance é dividida em duas pelo patriarcado, pela opressão sexual e política. No final, ela também faz uma revolução. Em todos os meus romances, você encontrará algo revolucionário acontecendo no final.

Hans Ulrich Obrist: Podemos então dizer que cada um dos seus livros contém uma revolução? Qual foi a revolução no *The Innocence of the Devil*?

Nawal El Saadawi: Nesta história, Deus e o diabo estavam no mesmo hospital psiquiátrico. Quando o diabo foi morto, Deus também morreu. Essa é a minha filosofia de vida: a divindade não é separada do diabo. E assim, se não houver diabo, não haverá Deus.

Hans Ulrich Obrist: Isso é muito bonito. Eu também estou interessado em seu trabalho como médica e como isso se conecta a outros aspectos do seu trabalho. Por exemplo, quando eu estava no Egito, fomos ver Alaa Al-Aswany, que é dentista e escritor. E para ele, ser dentista é muito importante para manter uma conexão com o povo de seu país.

Nawal El Saadawi: Eu não queria ser médica. E eu não acho que um médico esteja ligado às pessoas. Não, a profissão é horrível. Eu não escolhi ser médica, meus pais, meu pai especialmente, queria que eu fosse médica. A profissão médica e a educação podem matar a sua criatividade. Eu tive que me desfazer da minha educação para ser uma boa médica. Agora, em boas faculdades de medicina, eles ensinam música e literatura para estudantes de medicina, para encorajá-los a serem bons seres humanos e bons médicos. Nenhum médico pode realmente se comunicar com as pessoas sem desfazer a herança da profissão médica. Eu era uma cirurgiã de busto e uma cirurgiã não pode falar com os pacientes, apenas com outros médicos. Agora eu sou uma psiquiatra, o que eu escolhi ser, mas ainda sou contra a psiquiatria. Eu também tentei me desfazer da minha educação e treinamento em psiquiatria para ser uma boa psiquiatra.

Hans Ulrich Obrist: Mas você disse: “A força unificadora em todo o meu trabalho é uma mistura de feminismo e um forte senso de justiça social. Eu sou médica, mas não separo medicina da política e da economia”.

Nawal El Saadawi: Ou da literatura.

Hans Ulrich Obrist: “Ou pobreza da doença, ou doença mental da doença física.” Então, nesse sentido, você ensina a conexão das coisas.

Nawal El Saadawi: Sim. A educação é construída sobre especialização. A criatividade desfaz a divisão que vem da especialização.

Hans Ulrich Obrist: Você escreveu várias memórias, incluindo *The Memoirs of a Woman Doctor* e *The Memoirs from the Women’s Prison*. Você pode falar sobre suas memórias?

Nawal El Saadawi: Bem, existe uma conexão muito próxima entre memória e criatividade. E é por isso que aqueles que nos oprimem querem que nos esqueçamos. A opressão faz as pessoas esquecerem de suas infâncias, de suas vidas. Ela

desconecta a infância da idade adulta. Então eu treino a minha memória escrevendo memórias.

Hans Ulrich Obrist: E o que você está escrevendo no momento?

Nawal El Saadawi: Eu estou escrevendo um novo romance. Eu comecei um romance seis meses antes da revolução. Eu estava no meio dele quando a revolução começou. No processo eu me tornei outra pessoa, eu mudei. Então eu descartei o antigo romance e comecei um novo porque eu senti que era uma nova pessoa. Essa revolução foi incrível. Quando você vive com as pessoas na Praça Tahrir, pessoas que você não conhece, você sente que é uma acompanhada de milhões. Esse é o meu romance. Sobre a unicidade, a unidade, esta unidade na qual você se dissolve. Você se dissolve entre as pessoas. A revolução é como o amor. Você se dissolve em outra pessoa, mas ainda é a mesma pessoa. Você sente que se dissolveu em milhões.

Hans Ulrich Obrist: Você já disse que escrever é como um orgasmo.

Nawal El Saadawi: Sim, a criatividade é mais prazerosa do que o orgasmo sexual. A criatividade dá mais prazer do que comida, sexo, dinheiro ou qualquer outra coisa. E esse prazer é o que me manteve seguindo. Muitas pessoas me perguntam de onde vem minha energia. E eu digo a elas: criatividade!

Hans Ulrich Obrist: E entre todos os seus livros, você tem algum projeto ou sonho não realizado?

Nawal El Saadawi: Eu tenho muitos. Nós ainda vivemos em uma selva, mas eu quero viver em um mundo humano. O mundo em que vivemos é muito desumano. Eu estou sonhando com um mundo onde as pessoas sejam pacíficas. Nos últimos dois dias eu tenho andado, sob o sol, pelas ruas de Londres. As crianças andavam e brincavam no Hyde Park, homens e mulheres estavam felizes. Eu pensei comigo mesma, por que não é todo mundo assim?

Hans Ulrich Obrist: Estavam lindos dias de sol. Então esse é o seu projeto não realizado - a paz?

Nawal El Saadawi: Paz real. Não a paz de Sadat. Verdadeira paz, verdadeira justiça social, verdadeira felicidade, real igualdade entre as pessoas, independentemente de gênero, classe, nacionalidade, religião. Por que as pessoas não se tornam seres

humanos iguais? Por que os Estados Unidos e a União Europeia nos invadem e tiram nossos recursos? Por que os britânicos nos colonizaram? Por que a América colonizou o mundo? Por que Israel está tomando a terra de outras pessoas? Ninguém responde a essas perguntas. Esse é o meu sonho, meu sonho não realizado. Paz e justiça. Não há paz sem justiça. Os políticos sempre tentam separar a paz da justiça, e isso geralmente significa humilhar um país ou mulheres.

Hans Ulrich Obrist: Doris Lessing falou comigo há algumas semanas sobre censura e autocensura - muitas vezes nossos projetos não realizados são aqueles que não nos atrevemos a fazer. O que você acha da autocensura?

Nawal El Saadawi: Eu concordo com ela que a autocensura é a coisa mais perigosa. Somos oprimidos por outros opressores e depois nos oprimimos com autocensura, auto-humilhação, autoflagelação, masoquismo. O masoquismo é uma das doenças da opressão. O sadismo e o masoquismo são dois lados da mesma moeda.

Hans Ulrich Obrist: Você pode me contar sobre um dos seus livros mais importantes, *God Dies by the Nile*? Como ele está relacionado ao fato de você não respeitar o dinheiro porque o seu pai disse que a maioria das pessoas ricas não desenvolve a mente?

Nawal El Saadawi: *God Dies by the Nile* é a história de uma aldeia e como o prefeito e os homens ao redor dele, as pessoas que o ajudam a governar, usaram a ideia de Deus para oprimir os aldeões. Então, sempre em que há um desastre, o prefeito e seus homens dizem aos aldeões que foi a vontade de Deus, o destino. Zakia, a mulher que mata o prefeito, sempre acreditou que foi Deus quem mandou seu filho para a guerra, Deus que matou seus filhos pela pobreza e pela doença. Foi Deus quem estuprou a sua filha. Porque para cada catástrofe, o prefeito e seus homens dizem a ela que era Deus. Mas, de repente, no final do romance, certas informações que chegaram a Zakia, gota a gota, de repente se acumulam e ela é despertada, percebendo que não é Deus, mas o prefeito que é o responsável. Então ela o mata. E quando ela vai para a prisão, uma das pobres mulheres lhe pergunta: "Onde está Deus? Somos pobres". Então ela responde: "Deus? Eu o matei. Ele morreu no Nilo".

Hans Ulrich Obrist: É um despertar novamente. Em todo o seu trabalho há um aspecto do despertar, não?

Nawal El Saadawi: A revolução é o despertar de milhões para a necessidade de mudar o sistema. Zakia se revoltou e ela matou, mas eu sou contra matar.

Hans Ulrich Obrist: Você é pela revolução pacífica. Gandhi é importante para você?

Nawal El Saadawi: Sim, pacífica, como a revolução egípcia, a tranquilidade política. Eu não sou tão pacífica quanto Gandhi. A filosofia de Gandhi é muito boa, mas um pouco passiva. Estou falando de uma revolução positiva e pacífica na qual você muda o sistema e os criminosos são julgados. Eu não acredito no que eles chamam de perdão. Gandhi, para mim, foi um pouco indulgente.

Hans Ulrich Obrist: Tem que haver justiça.

Nawal El Saadawi: Exatamente. Muitas pessoas que são pró-Mubarak agora exploram a ideia de perdão, compaixão e Deus. Eu quero justiça social. Quero que criminosos sejam julgados, embora de forma pacífica. No Egito, precisamos construir um sistema, uma nova constituição - uma constituição secular. Precisamos mudar todas as leis, os partidos políticos, a família, o trabalho, as leis econômicas, todos eles têm que ser diferentes para tornar o Egito independente. Novos partidos precisam ser formados para os jovens. Temos que construir um sistema para a igualdade dentro das famílias, porque você não pode ter democracia no parlamento sem democracia dentro das famílias. Então, temos que fazer o nosso trabalho para construir um novo sistema antes que possamos realizar eleições.

Hans Ulrich Obrist: Às vezes os escritores entram na política. Você poderia se imaginar desempenhando um papel? Você poderia se imaginar entrando para a política? Eu li que você já foi candidata à presidência.

Nawal El Saadawi: Eu não sou um político. E mesmo quando concorri nas eleições contra Mubarak, em 2005, fiz isso por motivos específicos. Número um, para desafiar Mubarak; número dois, para incentivar as mulheres a fazê-lo; número três, como símbolo; número quatro, para expor a hipocrisia da democracia de Mubarak e a hipocrisia de um sistema chamado multi-candidato. Eu concorri contra Mubarak, mas fui boicotada. A polícia estava atrás de mim. Consegui todos esses objetivos quando a eleição foi boicotada. Eu não sou um político e nunca serei um. A política não é um jogo limpo.

Hans Ulrich Obrist: Você tem manifestos?

Nawal El Saadawi: Manifestos filosóficos? Eu tenho uma filosofia, um novo sistema de valores, mas não um manifesto. Uma conexão entre política, medicina, arte e ciência é a nova visão. No entanto, eu não chamo isso de manifesto.

Hans Ulrich Obrist: Seu trabalho tem sido pioneiro para o feminismo. Como você vê o feminismo agora no Egito e no mundo?

Nawal El Saadawi: Bem, houve uma reação contra o feminismo, especialmente da ala da direita. O que é feminismo? Feminismo é humanismo. Feminismo é justiça social. Eu era feminista quando criança porque estava com raiva porque meu irmão tinha mais direitos. Então o feminismo, para mim, não é uma teoria que eu leio em inglês. É um estilo de vida, como o socialismo, como a igualdade. E eu não acredito em feministas que separam estupro sexual e estupro econômico. No Ocidente, na Inglaterra, nos Estados Unidos, algumas feministas gostam muito de falar apenas sobre estupro sexual. E elas o separam do estupro econômico, mental, como quando alguém é submetido a lavagem cerebral pela mídia ou pela educação. Então eu vejo tudo isso como feminismo em um sentido mais amplo.

Hans Ulrich Obrist: Então você teria uma noção expandida de feminismo.

Nawal El Saadawi: Sim. Socialismo, feminismo, humanismo, criatividade - quero vincular tudo isso. Existem muitas divisões, muitas divisões, uma das quais é a global e sua separação do local, o que é errado. Não deve haver separação alguma entre o global e o local. O muito, muito local é o muito, muito universal.

Hans Ulrich Obrist: E como Edouard Glissant me disse uma vez, só pode ser global se estiver profundamente enraizado. Há obviamente também seus livros de não-ficção como *Women and Sex*, *Woman is the Origin*, *Man and Sex*, *The Naked Face of Arab Women*, *Women and Neurosis*, e seus ensaios como "Breaking Down Barriers" e "The Hidden Face of Eve". Entre seus muitos tipos diferentes de escrita, qual o papel da não-ficção?

Nawal El Saadawi: Eu sou acima de tudo uma escritora de ficção, uma romancista principalmente, mas muitas vezes escrevo não-ficção. Estou escrevendo um artigo semanal para o *Al-Masry Al-Youm*, um jornal independente da oposição no Cairo. Eu escrevo um artigo toda terça-feira. Meus artigos não são apenas não-ficcionais - eu

combinando política, criatividade e literatura. Eu colecionei muitos desses artigos em livros.

Hans Ulrich Obrist: Um de seus primeiros livros em inglês foi um livro de não-ficção, *Women and Sex*, publicado em 1969.

Nawal El Saadawi: Sim. Um dos outros livros de não-ficção em inglês era *The Hidden Face of Eve*, que foi traduzido em 1980 pela Zed Books. Eles também lançaram um novo livro chamado *The Essential Nawal El Saadawi*, lançado no ano passado.

Hans Ulrich Obrist: E o que você acha da arte?

Nawal El Saadawi: A arte não pode ser separada da escrita e da pintura, assim como você não pode separar a escrita e a dança. Quando eu era jovem, queria ser dançarina. Mas dançar não é apenas físico, também está na mente. Eu agora danço com minha mente e escrevo com meu corpo.

Hans Ulrich Obrist: E você costuma escrever poesia?

Nawal El Saadawi: Eu escrevia poemas quando era jovem e agora mais esporadicamente. Você pode encontrar os meus poemas em algumas das minhas obras coletadas.

Hans Ulrich Obrist: Qual é o papel de viajar para você, já que você parece viajar muito?

Nawal El Saadawi: Eu escrevi um diário de viagem chamado *My Travel Around the World*. Eu amo viajar, embora não tanto agora. Neste momento, gostaria de me estabelecer no Cairo e escrever.

Hans Ulrich Obrist: Você tem uma biblioteca e arquivos no Cairo?

Nawal El Saadawi: Quando Mubarak e Sadat baniram a minha organização, a Associação de Solidariedade das Mulheres Árabes, eu sonhava em ter uma biblioteca para mulheres. Agora estamos no processo de estabelecer a União das Mulheres Egípcias, com uma biblioteca própria e arquivos. A União foi anteriormente proibida por Suzanne Mubarak.

Hans Ulrich Obrist: Então esse é um projeto não realizado, sua biblioteca.

Nawal El Saadawi: Sim, minha biblioteca é um projeto não realizado. Meus amigos querem estabelecer uma Fundação Nawal El Saadawi para ajudar outras mulheres, dar prêmios e colaborar com universidades. Mas eu não tenho nem mesmo uma secretária, você pode imaginar? Eu não tenho um agente ou um advogado. Eu não tenho ninguém para fazer a minha contabilidade, então eu perco dinheiro. Eu não sou rica. Eu deveria ser rica. Onde estão meus *royalties*? Eu não sei, eu tenho que coletá-los.